

Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa*, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela Livraria Aillaud, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja louvada a Livraria Aillaud pelo seu patriótico empreendimento, em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa*.

Paços do Governo da República, 24 de Abril de 1920. — O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges*.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

BERNARDES

I

Antologia Portuguesa

VOLUMES PUBLICADOS:

- ✓ MANOEL BERNARDES, 2 volumes, 2.^a edição.
- ✓ FREI LUÍS DE SOUSA, 1.^o vol. (*Vida do Arcebispo*).
- HERCULANO, 1.^o vol. (Quadros literários da história medieval, peninsular e portuguesa).
- PALADINOS DA LINGUAGEM.
- ✓ JOÃO DE BARROS (Primeira Década da *Asia*).
- GUERRA JUNQUEIRO.

VOLUMES NO PRELO OU EM PREPARAÇÃO:

- ✓ GONÇALO TRANCOSO.
- HERCULANO, 2.^o vol. (Antologia cívica).
- ✓ CAMÕES LÍRICO.
- FERNÃO LOPES.
- VIEIRA.
- JOÃO DE LUCENA.
- FREI LUÍS DE SOUSA, 2.^o vol. (Crónica de S. Domingos).
- BOCAGE.
- CAMILO, etc., etc.

B5226n

Antologia Portuguesa

organizada por

AGOSTINHO DE CAMPOS

BERNARDES

I

«NOVA FLORESTA»

Segunda edição

172646
10/7/22

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

PARIS — LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
PORTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1920

9

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador
da ANTOLOGIA PORTUGUESA

[Handwritten signature]

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

PLANO GERAL

I

SALVO poucas excepções, de que beneficiam três ou quatro das suas melhores jóias, o tesouro da literatura nacional mantêm-se ainda hoje quási inacessível ao maior número, pois continúa enterrado profundamente, ou na própria massa volumosa da obra de vários autores, ou na antiguidade e raridade das edições de muitos outros, ou ainda no aspecto material rebarbativo de certas exumações realizadas modernamente.

Pareceu, pois, oportuno aos iniciadores desta *Antologia Portuguesa* oferecer ao público uma colecção ou biblioteca onde fique arquivada e concentrada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas.

O que se pretende é pôr a alcance dos olhos da

gente moça que começa a escrever, e das famílias cuidadas da boa educação portuguesa dos seus filhos, e ainda dos mestres e estudantes da língua e literatura maternas, um copioso panorama de *lugares selectos* que possam entrar em tôda a parte, convir do ponto de vista moral a tôdas as idades e atrair, pela leveza e modernidade da apresentação material, todos aqueles espíritos que logo fogem apavorados à menor aragem do antigo, do sério e do pesado.

Banidos ficam assim desta emprêsa, liminarmente, quaisquer intuitos ou ademanes de erudição, que não vestiriam bem à nossa áurea mediocridade, nem quadram à essência do nosso propósito. Se o que queremos é chamar muita gente, para que admire connosco, ¿como iríamos afugentá-la, espantando-a e aterrando-a com ares misteriosos de beneditinos e de sábios? Convidamos o leitor para um sarau, e não para uma aula, sabendo bem, aliás, que há saraus onde se aprende e aulas onde se goza; mas sabendo, outro-sim, que o mestre desejoso de ter alunos, quando a freqüência é livre, evita fazer o ensino maçador, ou desiste de ensinar tudo de uma vez.

Não queremos que os nossos volumes tenham o aspecto de velhos compêndios, mas que vistam à moda, como as mais recentes novelas ou livros de versos. Por isso fugiremos com empenho

às copiosas anotações e às longas dissertações críticas; e esperamos nunca perder de vista, ao organizar a nossa escolha, a vantagem de dourar a pilula, antes de oferecê-la ao paladar biqueiro da gente môça ou leviana. Poremos assim muitas vezes, sem cerimónia, títulos nossos e novos aos trechos que apresentarmos; não duvidaremos, quando tal convenha ao nosso objecto, condensar e abreviar o texto autêntico, por supressão de períodos e de passos mais ao menos longos, e mais ou menos indigestos ou impróprios; e, com risco de que os eruditos nos alcunhem de sacrilegos, havemos de eliminar, na nossa reprodução, a maior parte, ou a quasi totalidade, das transcrições latinas e das citações de fontes, umas e outras não só inúteis, mas até nocivas, ao plano que traçámos, de atrair os irreflectidos, os fúteis e os apressados ao aprêço e convívio dos melhores modelos da nossa literatura.

Convém dizer, visto terem carácter espiritual ou religioso tantas obras dos nossos melhores prosadores, sobretudo de Quinhentos e Seiscentos, que os livros ou trechos puramente místicos serão excluidos da *Antologia*, quando os não recommende algum altíssimo interêsse de beleza formal. Ficarão mais bem situados e serão mais justa e sériamente apreciados, quando alguém se lembre de os arquivar e seleccionar, como merecem tan-

tos, em antologias propriamente religiosas, destinadas a leigos.

A *Antologia Portuguesa* adoptará naturalmente, salvo casos especiais, a nova ortografia oficial, não só por ser aquela em que estão sendo industriadas as gerações que despontam, mas ainda porque, sejam quais forem os inconvenientes da norma vigente, cumpre segui-la, ou (se preferem) suportá-la, sob pena de continuarmos e agravarmos a anarquia que ela pretendeu remediar.

Além da ortografia será também modernizada a pontuação. O que se considera primordial ou essencial na lição dos clássicos antigos e modernos, é o vocabulário, a sintaxe e o estilo; e para tornar acessíveis ao grande público estas riquezas intrínsecas, convém que discretamente se arrede tudo quanto, sendo acessório ou secundário do ponto de vista literário e artístico, que é o nosso, repugne ao gosto e costumes da época e assim amedronte sem vantagem aqueles que desejamos atrair.

Para auxiliar a leitura virão explicadas em glossários ou notas curtas, consoante os casos, as particularidades de vocabulário ou sintaxe que, para o leitor de cultura mediana, possam assumir carácter de dificuldades. Cada escritor será biografado e explicado literariamente, numa sucinta *introdução* sem pretensões de crítica sábia;

e uma nota bibliográfica das obras e edições respectivas guiará às bibliotecas eruditas ou livrarias comerciais qualquer leitor que consigamos converter ao culto assíduo dos bons autores.

Em regra irá cada mocho a seu soito: a cada escritor caberá seu volume; o que naturalmente não impede a concessão de mais de um tomo a certos que o mereçam por vastidão e valor da sua obra, ou, ao contrário, o alojamento de dois ou mais em sociedade, quando sejam menores o homem, a produção, ou a importância de uma e outro.

A *Antologia Portuguesa* não se encerrará nos limites do campo, aliás vasto, dos velhos escritores clássicos e de todos aqueles bons poetas e prosadores portugueses cuja obra caiu já, segundo o nosso direito civil, no domínio público. Na respectiva colecção hão-de ser incluídas também antologias de escritores contemporâneos, e até vivos, cuja produção seja bastante extensa, bastante nacional e bastante apreciada do público, para tornar recomendável a sua inclusão nesta biblioteca literária de bons modelos. Para tal efeito a casa editora a quem incumbe a parte material e financeira do empreendimento tem no seu fundo de livraria a propriedade literária, integral ou limitada, dos livros de muito bons autores nossos, entre os quais bastará citar as obras

de Alexandre Herculano; e promete empregar os seus melhores esforços em conseguir de outros autores e editores a indispensável autorização legal para que as suas produções sejam largamente extractadas na *Antologia*. Assim o fêz já para as obras de Camilo e de Eça de Queiroz; assim está disposta a proceder com as de outros ilustres escritores contemporâneos, mortos ou vivos, cujos autores ou editores se disponham a auxiliá-la nesta empresa de patriotismo, de educação, e de amor da língua e da literatura nacionais.

Fica assim explicada, em todos os seus intuitos e aspectos, a tarefa a que se abalança, com elevada compreensão do que deve às suas velhas tradições e aos seus justíssimos créditos, a Livraria de Aillaud. Resta agora que o público estime pelo seu exacto valor, e auxilie com a merecida aceitação, o patriótico empreendimento. Resta, em-fim, que Deus nos dê a nós, que temerariamente aceitámos o encargo de organizar e dirigir a *Antologia Portuguesa*, a inteligência, o critério e o bom gosto necessários ao desempenho de tão honrosa comissão.

Lisboa, 29 de maio de 1919.

A. de C.

II

MANUEL BERNARDES

Sua vida

ES aqui, tal como a encontramos transcrita num preâmbulo de J. P. de Sampaio Bruno (1), a biografia sumária do Padre Manuel Bernardes, publicada por Diogo Barbosa Machado na sua *Biblioteca Lusitana*.

«VENERÁVEL MANUEL BERNARDES, CLÉRIGO SECULAR DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO DE JESUS CRISTO.—Nasceu em Lisboa a 20 de Agosto de 1644; a 27 dêsse mês recebeu o sacramento do baptismo na igreja paroquial do Loreto, e era filho de João Antunes e Maria *Bernardes*. Deus o dotou de muito talento, de grande inclinação à vir-

(1) Preâmbulo da edição da *Nova Floresta* feita pela *Livraria Chardron*, de Lelo & Irmão, Porto, 1909. Merece louvores esta casa editora pela iniciativa e arrôjo de publicar, não só a citada obra de Manuel Bernardes, mas os sermões de Antonio Vieira, em 15 grossos volumes (Pôrto. 1907 a 1909). E' de desejar que, com igual amor e cuidado, ela empreenda outras reimpressões integrais dos clássicos portugueses.

tude e de uma doçura angélica no trato. Fêz o curso de philosophia na Universidade de Coimbra, e tendo-se graduado Mestre em Artes, frequentou a escola de Direito Canónico, em que recebeu o grau de bacharel. Depois se entregou ao estudo da Teologia, subiu ao santo sacerdócio e se apresentou como um varão apostólico no meio da Igreja de Deus, pela sua conduta exemplaríssima e zêlo pela salvação das almas, pelo que o escolheu para seu confessor o penitente e venerável João de Mello, bispo então de Vizeu. Aspirando à vida mais perfeita, vestiu a roupeta de S. Filipe Néri em 14 de Julho da 1674; e desde então repartiu o seu tempo entre a oração, estudo, deveres claustrais e trabalhos em beneficio, espiritual e temporal, do próximo, manifestando a mais ardente caridade, paciência, humildade e abnegação de si próprio em todos os seus actos. O Senhor o consolava nas atribulações, com que o inimigo comum do género humano o afligia, dando-lhe altas consolações na contemplação; mas, dois anos antes da morte, provou a sua paciência, enfraquecendo-lhe o entendimento até ao estado da infância, pelo que era tratado como um menino. A pouca luz que lhe ficou foi a sufficiente para se resignar à vontade do Todo Poderoso; mas, assim mesmo, não foi sem copiosas lágrimas e grande aflicção que ouviu a proibição de celebrar o santíssimo sacrificio da missa. Dêste modo foram passando os dias até se reduzir a um total esquecimento de tudo que havia no mundo: ja tal estado chegou o homem dotado de extraordinária vivêza e de profunda intelligência! Seria a causa evitar-lhe uma queda, seria para ainda nem levemente sentir o passamento? ou o muito trabalho de espírito produziria o desarranjo físico e êsse o mal moral? Deus o sabe! porque eu apenas posso dizer que a sua hora extrema chegou em 17 de Agosto de 1710, saindo da terra, como um justo, para receber no Céu o prémio de seus merecimentos. Deixou, de suas

locubrações, grande número de obras ascéticas, sermões, práticas; e entre as primeiras não teem o último lugar os *Exercícios Espirituais* e as *Meditações*,»

Na *Livraria Clássica*, dos dois irmãos Castilhos (1) há uma *Noticia* da vida e obras do padre Manuel Bernardes, escrita por António Feliciano, e que pouco adianta aos dados biográficos fornecidos por Barbosa Machado (2). E' um simples desenvolvimento literário d'esses dados, e dêle aproveitaremos sómente as partes referentes ao elogio da Congregação do Oratório, e à sepultura e iconografia do escritor.

«Preferiu a todos (os institutos religiosos) a congregação recém-plantada para êste Reino por Bartolomeu do Quental. Aos trinta anos de idade era congregado do Oratório.»

«Nenhuma corporação regular teve nunca, proporcionalmente, maior, sequer igual número de sujeitos estremados pela justeza do viver, profundidade e variedade da doutrina; foi desde a origem neste Reino até aos últimos dias uma tradição ininterrupta de justos, doutos e sábios.»

«Desde os rudimentos das humanidades até aos cumes da eloquência, da história, da teologia, da

(1) *Padre Manuel Bernardes*, Vol, II, pag. 275 e ss., edição Garnier Durand, Rio de Janeiro-Paris, 1865.

(2) Al se lê que Maria Bernardes, mãe do escritor, era filha de João Bernardes, avaliador do fisco real e sobrinho de António Leite Pereira, moço da câmara de Filipe IV, cavaleiro fidalgo e familiar do Santo Officio.

física e da matemática, não há ramo que se lá não cultivasse memoravelmente, e de que não ficassem padrões indeléveis e numerosos nas escolas, nas bibliotecas, nas academias. Era êste um dos maiores bens daquelas casas de Deus — a regularidade serena do existir — o desapêgo das mundanidades — a aniquilação ou entibramento dos appetites — a certeza do pão e do vestido — a imutabilidade e silêncio da vivenda — os livros e mestres sempre à mão — e a confiança de encontrar, a qualquer hora, das mesmas portas a dentro, a quem consultar antes de compor, a quem mostrar, e a quem ouvir, ou censura para a emenda, ou louvor para animação, depois de ter composto; tudo concorria para que as predisposições naturais de cada um se aproveitassem inteiras.»

«De 36 anos que (Manuel Bernardes) ali viveu, só dous, que foram os últimos da sua cansada vida, se lhes não quisermos chamar já os primeiros da sua morte, dous unicamente deixaram de ser empregados em escrever e estudar, porque os exercícios religiosos a que se entregava o mais do tempo, a direcção das consciências alheias, já no confessionário, já na cadeira, já no púlpito, eram também estudos, com que acrescentava em si o calor e luz que iam depois expirar-se e resplandecer nas suas páginas.»

«Foram sepultados os seus restos mortais na antiga casa do Espírito-Santo, arrasada daí a quarenta e cinco anos pelo grande terremoto, substituída no mesmo lugar com a elegantíssima igreja, riscada por Ludovice, filho; substituída hoje, depois de outro terremoto grande, com as casas de prosaica frontaria do sr. barão de Barcelinhos (1). Acham-se portanto aquelas reliquias

(1) A parte central destas casas, sitas no alto das duas rua do Carmo e Nova do Almada, faz frente para a rua de Garrett, conhecida vulgarmente pelo seu antigo nome de *Chiado*.

veneráveis mais que perdidas, reperdidas com o próprio sítio onde pousavam.

«Ficaram do padre Manuel Bernardes três retratos: dous a óleo, na biblioteca pública de Lisboa; um de meio corpo, outro só da cabeça; o terceiro, gravado em Roma pelo Rossi, e incorporado nas obras do nosso autor.»

Suas obras

Toda a produção de Manuel Bernardes é de carácter religioso, espiritual e místico. Das sete mil páginas *in quarto* que a constituem pode dizer-se que não há uma que não fôsse escrita para conduzir a alma dos católicos pelo *caminho da perfeição* e para ensinar à dos pecadores a *via purgativa*, protegendo-a contra a *malícia do pecado*, afastando-a da *vaidade do mundo* e libertando-a das *misérias da vida humana*.

Como quasi todos os livros d'êste grande escritor, também a *Nova Floresta*, ou *Silva de vários apotegmas e ditos sentenciosos, espirituais e morais, com reflexões em que o útil da doutrina se alia com o vário da erudição, assim divina como humana*—é oferecida e dedicada à *Soberana Mãe da Divina Graça, MARIA, Santissima Senhora Nossa*. Ao contrário, porém, de todos os outros, contém êste livro inúmeras páginas de narração objectiva e muitas vezes de assunto profano, que o tornam mais acessível à mentalidade dos leigos

e dos pecadores de hoje, escrito como de-certo foi para tornar mais confortável e convidativa a árdua jornada do Céu aos leigos e pecadores do século xvii. Daqui resulta que é sempre à *Nova Floresta* que principalmente, senão exclusivamente, recorrem os filtradores de selectas e empreiteiros de antologias; e êsse foi também o caminho que nós-outros tomámos, respigando nela tôdas as transcrições que damos neste primeiro volume, e deixando para o segundo a apresentação de excertos de outros livros do mesmo autor.

A lista das obras do Padre Manuel Bernardes occupa oito números (193 a 200) do *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio, a páginas 374 e 375 do tomo quinto. Reproduzimos em seguida essa lista, indicando apenas a data da primeira edição e a da que temos por última.

Luz e Calor, obra espiritual para os que tratam do exercicio das virtudes e caminho da perfeição 1 volume, Lisboa, Manescal, 1696; Lisboa, imp. Sousa Neves, 1871.

Nota Floresta, ou Silva de vários apotegmas e ditos sentenciosos, etc., 5 vol., Lisboa, 1706 a 1728; Pôrto, Lelo & Irmão, 1909-1911.

Exercicios espirituais e meditações da via purgativa, sobre a malicia do pecado, etc. 2 vols. Lisboa, Deslandes, 1696.

Sermões e práticas, Primeira parte, Lisboa, Deslandes, 1711; *Parte Segunda*, Lisboa, imp Congr. Oratório, 1733.

Tratados vários, tomos I e II, Lisboa, Oratório, 1737.

Os últimos fins do homem, etc., 1 vol. Lisboa, Silva, 1728.

Estimulo prático para seguir o bem, e fugir o mal. 1 vol., Lisboa, Galvão, 1730.

Paraíso dos Contemplativos, opusculo devotissimo, etc., etc., 1 vol., Lisboa, Oratório, 1739.

Seu carácter literário

Um Português culto do século XX não pode, lendo Anatole France, deixar de pensar no venerável Manuel Bernardes. Existe certamente um abismo entre o artista scéptico do século XX e o místico Oratoriano do século XVII; mas pode lançar-se, sem magna despesa de arrôjo, uma ponte de parentesco literário sôbre êsse abismo de aparência intransponível.

Em primeiro lugar salta aos olhos que os dois são *impressos*, para empregar o gracioso qualificativo que Eça de Queiroz inventou em homenagem à exclusiva educação livresca de Moniz Barreto: Manuel Bernardes era-o, como natural consequência da educação eclesiástica do seu tempo; Anatole France é-o desde muito novo, por circunstâncias especiais de família, que o fizeram nascer e crescer entre livros, e o levaram a tornar-se mais tarde, numa terra onde são eruditos todos os artistas da palavra, o mais erudito de todos.

O autor das *Opinions de Mr. Jérôme Coignard*, da *Révolte des Anges*, e da *Rôtisserie de la Reine Pédauque*, tem muito não só de beneditino, mas também de fradesco e de teológico. E o nosso padre Manuel Bernardes basta lê-lo a gente, e saborear bem saboreada a sua prosa, para sentir e perceber que a mesma profunda, quási fisica volúpia cerebral com que o lemos, a tinha êle escrevendo. Com todo o seu ascetismo, com todo o seu misticismo, o artista requintado da *Nova Floresta*, caiu irremissivelmente no pecado de sensualidade, pelo amor com que escolhia as palavras e procurava e acariciava as belas formas escritas. Nisto se irmana como gémeo o varão apostólico, o espirito contemplativo, o adorador de Maria — Santíssima Senhora Nossa e Soberana da Divina Graça — com o scéptico, o cínico, o sensual, o irónico, o demoníaco Anatole France. Nisto, e também na maneira que ambos teem de compreender e realizar a beleza, procurando-a e atingindo-a na claridade e na simplicidade.

Apesar de mergulhado ainda no emaranhamento sombrio da *velha floresta* escolástica, Manuel Bernardes soube e pôde desenvencilhar-se nobremente das excessivas vegetações que fizeram tropeçar e cair tantos outros no ramalhudo gongorismo; e podia ter dado antes ao seu grande livro o título simbólico, vindicativo e justo de

Novo Prado ou *Nova Seara*. Quando o assunto o deixa entregar-se ao seu próprio e verdadeiro temperamento de artista; quando sai da sabatina ou predicação teológica para o terreno mais livre da narração e do conto literário, as suas admiráveis qualidades de prosador logo irradiam e brilham, com um fulgor que nunca foi excedido, e raramente haverá sido igualado, em qualquer das literaturas que se prezam e se admiram.

Ao passo, porém, que o génio de Anatole nos atrai e embriaga pela sábia perversidade, encanta-nos e comove-nos em Bernardes a pureza e ingenuidade de uma alma fervorosa, e vitalíciamente infantil. Aqui o nosso paralelo desfaz-se, porque uma das linhas que corriam equidistantes pende para o inferno dos sensuais, no mesmo ponto em que a outra se exalça e vôa ao céu dos simples e dos crentes.

Vem nesta altura a propósito a célebre acareação estabelecida por Castilho entre os temperamentos literários, e também morais, de Vieira e de Bernardes:

«Lendo-os com atenção, sente-se que Vieira, ainda falando do céu, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes, ainda falando das criaturas, estava absorto no Criador. Vieira vivia para fora, para a cidade, para a côrte, para o mundo; Bernardes para a cela, para si, para o seu coração.

Vieira estudava as galas e louçanias do estilo; achava-as, é verdade, tinha boa mão no aperfeiçoá-las e uma graça no vesti-las como poucos; Bernardes era como estas formosas do seu natural, que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem; que brilham mais com uma flor apanhada acaso, do que outras com pedrarias de grande custo. Vieira fazia a eloquência: a poesia procurava a Bernardes. Em Vieira morava o génio; em Bernardes o amor, que, em sendo verdadeiro, é também génio. Vieira sacrificava tudo à sua necessidade suprema, ao empenho de ser original e único; sacrificava-lhe a verdade; sacrificava-lhe a verosimilhança; sacrificava-lhe até a possibilidade; não hesitava em propor o princípio mais absurdo, como fôsse ou parecesse novo; e como para lá não achava caminho pela lógica, fabricava-o com pontes sôbre pontes, através de um oceano de sofismas, de argúcias, de puerilidades, de indecências, de quási-heresias...; Bernardes não tomava tese que da consciência lhe não brotasse; e a desenvolvê-la applicava tôdas as suas faculdades intellectuais, que eram muito, e tôdas as suas faculdades morais, que eram mais tresdobradamente. Vieira zomba frequentes vezes da nossa credulidade; podemos desconfiar da convicção de Vieira, ainda quando nos fala certo; Bernardes é um amigo cândido e liso, que ainda quando nos ilude não nos mente. Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se.»

Seus críticos

¿Como foi recebida pelos críticos e como tem sido considerada através dos tempos, do ponto de vista literário, que é o que nos interessa, a obra de Manuel Bernardes?

«Não nos deteremos (diz Castilho na sua *notícia*) transcrevendo nem sumariando o que, acêrca de cada um dêstes livros (os livros de Bernardes) puseram nas licenças os censores dêles; elogios tais tomar-nos-iam um volume, e significariam pouco — pouquíssimo — cremos que nada. Era quasi tarifa que se fizessem; era moda que fôsem encarecidos; eram mais alardos rêtóricos ou erudição e discreção do julgador do que sincera contrastação dos quilates do julgado; sobrecrecendo a tudo isto que os nomes, com que tais processos veem assinados, se em seu tempo gozaram de fama, hoje são mais que desautorizados, são incógnitos, são nulos.»

Não parece inteiramente justa esta reprimenda, porque não leva em conta que os censores religiosos tinham a considerar a doutrina espiritual, e não a forma literária. E como nós vamos buscar às suas críticas sobretudo o que êles menos cuidaram de lá meter, é natural acharmos sempre menos do que desejaríamos encontrar. No em-tanto alguma uva se lobriga e colhe por entre tanta parra.

Aí temos, por exemplo, Frei Fernando de Abreu, escrevendo dos *Sermões e Práticas* que se não encontram nêles *palavras floridas e affectadas*, e elogiando *o claro* com que Bernardes *deduz e propõe os assuntos*.

Com respeito ao tomo IV da *Nova Floresta*, lá diz Frei Boaventura de S. Gião que *as palavras são as mais puras e as mais lidimas no idioma*

português; e tão expressivas dos conceitos, que na propriedade da nossa lingua se não podem descobrir outras mais próprias. «O estilo (acrescenta o frade) é eloquente e grato, suavizando o amargoso da repreensão com a doçura da linguagem, e unindo a subtiliza do engenho com a clareza do discurso.»

Frei Francisco de Santa Maria acha a *Nova Floresta* digno assunto da pena do seu autor, *sempre pura, sempre apurada, bem aparada sempre*. E prestando justa homenagem à erudição de Bernardes, admira nêsse livro, como de razão, *um prodigioso compêndio das teologias escolástica, expositiva, dogmática, moral e mística ou ascética, a que se ajuntam vastas e sólidas notícias de um e outro direito, civil e canônico, da filosofia, matemática, medicina, em-fim, tôdas as sciências, em tal forma que neste livro terão os doutos não só livro, mas livraria...*

...E pouco mais vinho crítico se espreme da uva fradesca... Mas, se daqui por duzentos anos alguêm se lembrar de fazer vindima nas inumeráveis apreciações dos livros de hoje, feitas pelos jornais contemporâneos, não creio que venha a encascar muito melhor e mais abundante licor.

Posta de parte a retórica das *licenças* e dos cen-

sores, cita Castilho outras autoridades, começando pela de Vieira: «Corre em tradição que achando-se êste preclaríssimo ornamento da sua pátria já em artigos de morte, na cidade da Baía, no ano de 1697, e percebendo que entre alguns dos circunstantes se estava em baixa e sentida voz encarecendo o desamparo e viúvez em que se ficaria a língua portuguesa, esforçando os últimos alentos metêra inopinadamente a mão na prática, dizendo:

— Emquanto vivo fôr o meu padre Manuel Bernardes, ninguém se amesquinhe por esta formosa língua.»

Mais provávelmente inventada do que autêntica, a frase pre-agónica do grande prégador arranca das entranhas críticas de Castilho outra frase mais sonora, mas não mais substancial do que as das licenças e dos censores:

— ¡Que testador, que herdeiro e que herança!...

Aquele juízo, apócrifo ou verídico, do padre António Vieira é corroborado por outro padre e grande cultor e admirador da língua portuguesa: José Agostinho de Macedo, depois de ter catalogado os serviços prestados àquela por tantos religiosos regulares, desde Frei Bernardo de Al-

cobaça, até o mesmo António Vieira, fala assim de Manuel Bernardes, também pouco antes de morrer:

«De propósito tenho demorado proferir o nome do maior crêdor que nós temos, que não é frade inteiro, mas meio frade. Vivem (os Oratorianos) em comum, teem a mesmo morada, teem prelado particular que os governe, saem dois a dois e com hábito uniforme e triste. Não suspendamos mais: é o padre Manuel Bernardes.»

«Quanto mais o leio mais o admiro; e tanto o admiro, que é o único livro que eu leio, e êle o único que está sempre sôbre esta mesa e nesta casa... É (Bernardês) o homem mais douto de Portugal, o mais eloquente de todos os Portuguezes, o mais profundo e ameno dos filósofos morais, que juntou à erudição sagrada o que há de mais escolhido e mais delicado na erudição profana. Tudo isto eu encontro, e tudo isto eu provo com os únicos cinco volumes das *Florestas*. Eu não sei que haja melhor livro, nem escritor mais eminentemente portuguez. Ali está a língua portuguesa na sua pureza, na sua harmonia, na sua majestade, na sua opulência; e a ninguém devemos mais, quando se trata da língua portuguesa: a cada página se acham frases, se acham palavras, não vistas nem sabidas pelos nossos mais laboriosos dicionaristas.»

«Eu ainda desejo, mas já o não posso fazer, para esta nação um beneficio; e vem a ser uma selecta das mais notáveis, tiradas (*sic*) dêstes cinco maravilhosos livros, que, explicadas (*sic*) por mestres capazes de o fazer (poucos seriam) grandes frutos se colheriam para os costumes, para a eloquência e para a gramática portuguesa.» (1)

(1) Veja-se *Os Frades, ou reflexões filosóficas sôbre as corporações religiosas seculares*, Lisboa, na Impressão Régia, 1830.

Poucos anos depois, realizaram os dois Castilhos êste desejo testamentário de José Agostinho de Macedo, abrindo com Manuel Bernardes a sua *Livraria Clássica*. E nós, seguindo-lhes o exemplo, ao iniciar esta *Antologia Portuguesa*, estamos assim corroborando a sagaz opinião critica expendida há já quási um século pelo virulento frade agostiniano.

Vejamos agora o *Catálogo de autores e obras* que precede o dicionário da Academia das Ciências de Lisboa:

«Uma piedade sólida; o zêlo mais eficaz do aproveitamento espiritual do próximo; copiosa erudição profana e sagrada; um estilo luminoso, nobre e sempre constante; a beleza e vivacidade da expressão, constituem os escritos todos dêste insigne mestre do espírito mercedores de universal aprêço, pelo serviço que prestam à religião e pela dignidade, interêsse e calor com que nêles, com variedade e riqueza, se tratam as doutrinas ascéticas. Entregue de contínuo à sua contemplação, de modo se eleva, quando delas fala, que, arrebatando consigo o leitor, não só lhe comunica luzes superiores, mas aquêle mesmo fogo de que sua devota e fervente alma se achava penetrada.»

«Os *Exercícios Espirituais*, o tratado com o título de *Luz e Calor*, as *Meditações sobre os principais mistérios da Virgem* são, com especialidade, produções em que a elegância, a profundidade, a unção e a força se acham de maneira entre si conexas que não deixam lugar a distin-

guir-se qual é, entre tantas excelências, a que mais sobressai.»

«Tudo é ali igualmente próprio a instruir e a inflamar. Dirige com prudência, convence com eficácia, move com suavidade e às vezes em o sublime transporta os ânimos, que tanto afervora no amor da virtude como ilumina no exercício da pura e bem entendida devoção. E, ainda que estas e as demais obras suas se dirijam simplesmente a tão importante fim, à conta disso mesmo são, como deveram ser tôdas em qualquer género, *trabalhadas com cuidado, delicadeza, correção e energia; e o autor não só deve estimar-se, qual, na verdade, é, um dos maiores escritores místicos, mas também um exemplar polido e eloquente da boa linguagem e elegante frase portuguesa.* No seu estilo, cheio de imaginação, nenhum termo, por vulgar que seja, é destituído de alma, decôro e veemência; e, quando alguma expressão que parece familiar se ajunta à grandeza de suas ideias, ou serve de lhes acrescentar vigor, ou de as tornar assim mais sensíveis e fáceis à compreensão universal.»

Nas suas *Reflexões sôbre a lingua portuguesa* (1842) diz Francisco José Freire (Cândido Lusitano):

«O padre Manuel Bernardes, filho do instituto e do espirito do venerável padre Quental, injustamente não ombreia com os clássicos do século passado, sendo um acérrimo imitador de Vieira; mas tempo virá em que crítica mais recta lhe dê lugar merecido, quando êste autor já não passar por moderno. Para esta distinção bastará observar bem qualquer das suas obras, exceptuando a das *Florestas*, na qual se não conhece tanto a lima da puríssima locução e (digamos as-

sim) o verniz da elegância, que só tem por legítima a linguagem portuguesa. As suas Meditações sobre os Novíssimos do Homem immortalizam a sua pena, enobrecem a língua e honram a Congregação do Oratório, da qual foi exemplaríssimo filho.»

Fazendo a crítica d'este crítico, diz Castilho que era apenas um erudito; que carecia de talento para escritor, de gosto e sagacidade filosófica para crítico. E applica-lhe sem piedade a definição que Bocage dera de *outro tal mui lido e sabido*:

— Forte p'na ter êste homem aprendido latim!
Perdeu-se nêle um grande parvo.

Cândido Lusitano denunciou Bernardes como *imitador acérrimo de Vieira*, o que Castilho contesta no entusiástico paralelo acima transcrito (1). E, além disto, aconselhou os amadores da lingua a preferirem à *Nova Floresta* os demais livros do grande prosador — com-quanto esta seja, no dizer castilhiano, *a mais lida e a mais para ler das suas obras, assim pela variedade dos assuntos que se nela tratam, como pela viceza do estilo e copioso da dicção*.

(1) Ver pág. XXIII.

Receba-se porêm, em desconto dêstes pecados do pobre Francisco José Freire, a virtude de haver profetizado que *tempo virá em que crítica mais recta lhe dê lugar merecido*. A crítica mais recta escreve-se às vezes por linhas muito tortas.

Não assim, de-certo, a do próprio Castilho, que discorre por esta forma:

«Teve escola e imitadores acérrimos o jesuíta (António Vieira); e que imitadores, grande Deus! O que nêle só parecia defeitos, olhado através dêstes vidros aumentativos, reconhece-se por monstruosidades; mas que entre os imitadores se matriculasse e fôsse acérrimo o nosso congregado, eis o que, a nosso vêr, é da mais flagrante falsidade.»

«Das várias partes que em desigual proporção entram como elementos na composição dos homens que teem de se immortalizar com seus escritos, uns excedem principalmente numa, outros em outra; e basta o ser em qualquer delas eminente para se poder contar com a celebridade.

«Duas excelências principalíssimas caracterizam o nosso autor: sentir profundo; imaginar vivido e copioso. Menos affectuoso não era talvez Frei Luís de Sousa; nem o autor do *Palmeirim*, por exemplo, menos fantasioso. Mas ¿onde está no *Palmeirim* a grande potência de affecto? ¿Onde está, na *Crónica Dominicana* ou na *Vida do Arcebispo*, o pintor inventivo?»

«O estilo de Bernardes é geralmente mavioso, singelo, às vezes até há graciosidade infantil, e sempre acomodado à índole dos seus assuntos, por mais que estes se lhe multipliquem, se lhe transformem e se lhe invertam nos contrários. Tem tôdas as côres com insensível gradação,

como o arco-iris; imenso, esplêndido como êle, engolfa-se pelos céus, desce pelos ares, poussa sobre a terra; e, mais do que êle, mergulha-se ainda, se convêm, pelos horrores do abismo. O seu prodigioso talento gira como uma esfera imensa e espelhada, cujo eixo embebe as extremidades no inferno e no Êmpíreo, e reflectindo-os, reflecte ao mesmo tempo, e com igual propriedade, a natureza, a terra, os homens e a vida; tudo ali se debuxa sem confusão, com as suas côres próprias, com as suas grandezas relativas. O terror, a esperança, o júbilo, a serenidade, se nos revezam no seu rodear. Tudo, visto ali, ganha uma certa diafanidade; vê-se o interior das virtudes escuras, que é feito de riso e luz; os vícios por fora ridentes e luminosos, que são por dentro cinzas e amargor.»

«Nisto é que não podemos deixar de insistir, por convencidíssimos de que não há escritor português tão para tudo, por seu imaginar e sentir, como êste. Nestes excertos se encerra uma galeria de infindos painéis que, sendo todos de uma só mão, parecem de muitos mestres; e quando não, percorrei-os.»

Êsse mesmo poder de adaptação do estilo de Bernardes definiu-o o dr. José Ribeiro Guimarães (1) nos seguintes termos mais chãos:

«Se a leitura das obras ascéticas e de moral pode produzir conversões, os escritos do padre Bernardes lograrão essa glória, porque nenhum leitor duvida da sinceridade do Apóstolo; e a sua linguagem, correndo tôdas as escalas do sentimen-

(1) *Sumário de várta história*, vol. v, pág. 151.

to, desde o tom faceto até as vociferações pavorosas, em que pinta o nada do homem e os horrores do inferno, senhoreia e domina os espíritos e os subjuga momentaneamente à crença sincera e entusiasta, à fé viva e ardente do escritor.»

Camilo Castelo Branco põe em contraste o estilo de Bernardes com o de Frei Luís de Sousa, como fizera Castilho, e comenta a qualidade e valor da linguagem daquele:

«O seu escrever deve ter sido mui de espaço lavrado para sair tão cuidadosamente aceado e ileso das borbulhas que pruiam os mais talentosos escritores da sua idade. Nas raríssimas vezes que escorregou, levantou-se desculpado pela graça inofensiva do trocadilho ou joguete de palavras. Recamos supérfluos não há procurá-los, tirante os lardos de latim e as tumidezas escolásticas de que não podemos acoimar o sacerdote e o místico escritor, conjurado em exorcizar os ruins costumes. Afastou-se dos arcaísmos e nacionalizou vocábulos peregrinos, derivados de línguas afins da nossa, da italiana e da espanhola; mas escolheu com tão bom discernir, que todos medraram e correm hoje incontestadamente portugueses. Terso, claro, melodioso, elegantíssimo, o estilo do padre Manuel Bernardes é mais opulento que o de Fr. Luís de Souza, vantagem-se-lhe na dutilidade, na brandura e nos raptos, quando o arrebatamento lhe vem de seu natural e não ressaibe e inculca um encadeamento de figuras debuxadas pelos exemplos de Quintiliano.» (1)

(1) *Curso de Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1876, pág. 108.

Até hoje não consta que se tenha apurado se o escrever de Bernardes foi realmente, como suspeitou Camilo, *mui de espaço lavrado, para sair acedado e ileso de borbulhas*, etc. Barbosa Machado, na sua *Biblioteca Lusitana*, transmite a êste respeito uma afirmação meramente tradicional:

«Para que o não dominasse a vanglória, sendo naturalmente discreto e elegante, affectava explicar-se por termos humildes. Tão vil conceito formava do seu talento, que nunca compôs obra alguma, das muitas com que guiou as almas para a eternidade, senão obrigado dos preceitos dos superiores; e, *depois de escrita, não a revia e emendava*; e se acaso a ouvia ler, se affigia excessivamente.»

Castilho não acredita em tamanho despêgo da *vanglória* literária:

«Da modéstia de tão espiritual varão não duvidamos; duvidamos porém, e muito, de que, escritas só por obediência, as suas obras não passassem uma e muitas vezes da lima à forja, da forja à bigorna, e da bigorna outra vez à lima. O tom mesmo de sincera naturalidade que respira por tôdas elas, mais nos confirma neste conceito.»

E mais adiante reforça o Mestre a sua opinião com êste aforismo:

«O que depressa se edifica, depressa se desfaz, e elas (as obras de Bernardes) vivem há século e

meio, e teem de durar em-quanto o nosso idioma se conserve.»

«A linguagem (e nela compreendemos o estilo) é muitas vezes mais para a fortuna de um escrito, que tôdas as restantes partes dêle, mais sólidas e fundamentais. *Advertência a que pedimos deem tôda a atenção os principiantes*, para quem unicamente escrevemos estas notícias e observações.»

Sublinho o conselho de Castilho aos *novos*, como hoje se diz, porque é um conselho de mestre que sabia do seu ofício, e porque esta *Antologia* se baseia exactamente nesses mesmos principios e nessa mesma convicção. E, quando falo de *novos*, mais me dirijo aos *novos* portuguezes, do que aos brasileiros, porque estes, honra lhes seja, estudam mais a língua e querem-lhe mais do que nós, lusitanos da metrópole, mal precatados (creio) de que a metrópole se mudará para onde a língua — a feição mais nobremente característica da nacionalidade comum, *amplificada sobretudo por ela própria* — fôr querida com mais filial amor e respeitada com mais fidalgo orgulho.

Quanto ao fundo do problema de sabermos se o estilo de Bernardes era gerado na dor, ou saía facil, belo e acabado do seu tinteiro, como Afrodite das ondas — êsse não é para ser resolvido aqui por nós, pobres desprovidos de tôda a competência para tão alto e tão grave inquérito. Notaremos apenas, de caminho, que Castilho algum tanto se

contradiz a si próprio, ao contestar a tradição transmitida por Barbosa Machado, pois tinha dito pouco antes, no paralelo de Vieira e Bernardes, que êste era como as *formosas de seu natural que se não cansam com alindamentos e a quem tudo fica bem: que brilham mais com uma flor apanhada acaso, do que outras com pedrarias de grande custo* (1). Notaremos também que Castilho, comentando uma outra tradição, segundo a qual a memória de Bernardes *passava de fraca a fraquissima*, conclui dêste modo: «As frequentes repetições que das mesmas narrativas faz em diversos livros seus, deixam lugar a suspeitá-lo.» E se essas repetições, em vez de constituírem demonstração da hipotética fraqueza de memória de Bernardes, tivessem dado causa à respectiva tradição?

Seja como fôr (e voltando ao problema da escrita fácil, ou do *escrever mui de espaço lavrado*) o certo é que em algumas dessas repetições, de que a pág. 168 dêste livro apresentamos um curioso exemplo com a segunda versão da fábula do lobo e do cordeiro, Bernardes repetia o assunto, *mas não repetia a forma*. Acontecendo que a fábula do lobo e do cordeiro foi, das duas vezes, admiravelmente escrita por êle, podem tirar-se duas conclu-

(1) Veja-se pág. XXIV.

sões igualmente legítimas: ou que a memória do grande escritor era tão fraca, que até o fazia esquecer, quando retomava um assunto, o esforço consumido a dar-lhe forma da primeira vez; ou que o seu talento era tão rico, tão perdulário e tão fácil, que lhe não custava reescrever sem olhar para trás o que escrito já tinha, ao contrário do que usam fazer os talentos menos milionários e mais bem administrados...

...E nisto ficaremos, até que as nossas Faculdades de Letras queiram tomar pelos seus doutos mestres, ou possam dar aos seus esperançosos alunos, incumbência de estudar êste problema de alta psicologia literária.

Sampaio Bruno nada nos disse de seu sôbre a prosa de Bernardes, no aliás longo prefácio da edição de Lelo & Irmão, «por isso que (diz êle) com melhor ou pior exito o haverei de tentar em capítulo demorado e especial de livro meu, por esta Casa Editora já anunciado para de próxima publicação, e que se rotulará *A Prosa Portuguesa*.» Tendo procurado saber em que altura de realização se encontraria o desejável cumprimento desta promessa, averiguámos que a citada Casa Editora não tem conhecimento da existência de tal livro.

Com razão se queixa o mesmo erudito escritor

de se não haver *téqui tratado de espaço nas nossas histórias literárias gerais, menos em especiais monografias, dos místicos portuguezes, ao envès do que tem acontecido lá fora, já para os nossos vizinhos de Espanha. E cita a propósito o esplêndido ensaio de conjunto pelo francês Paul Rosselot planeado e effectuado ácerca dos místicos espanhóis* (1).

Pelo que diz respeito às histórias gerais, parece-nos altamente lamentável que o sr. Teófilo Braga se não tenha nunca ocupado de Bernardes, já não direi como místico, mas sequer, ao menos, na qualidade que ninguêm de bom gôsto pode negar-lhe, de um dos mais puros e comunicativos artistas da prosa portuguesa. Quem folhear a obra, aliás bem patriótica, do insigne historiador da literatura nacional, chegará de-certo, como nós, á conclusão de que Bernardes existiu e floresceu apenas para fornecer ao sr. Teófilo Braga um argumento ou depoimento secundário sôbre a decadência da oratória sacra no seu tempo.

O sr. Mendes dos Remédios diz na sua *História da Literatura Portuguesa*, que todos os livros de Bernardes são *uma mina feracissima para o es-*

(1) *Les mystiques espagnols*, Paris, 1869, 2.^a edição, Didier & C.^{ie}.

tudioso, e considera-o, visto através das suas melhores obras, mestre incontestado da famosa lingua portuguesa, em quem as belezas do estilo se casam com o mais puro aticismo.

Luís Augusto Rebelo da Silva publicou, no *Panorama* de 1854, um longo artigo sôbre Manuel Bernardes, no qual unicamente se desenvolve, e por vezes apenas se parafraseia, o que já estava dito por Castilho ácerca da vida, obras e estilo do grande prosador seiscentista (1).

Conclusão

Antes de concluir, diremos com Castilho que, se na moral de Bernardes nada há de repreensível, *na sua crença há muito de supersticioso e de ridiculo aos olhos de todo o crente franco e sincero.*

Nas páginas que vão ler-se aparece com efeito muita ingenuidade ou muita credice, que fará rir o leitor do século XX, por pio e crente que seja. A crença de Bernardes é por vezes eivada de superstição e feitiçaria; mas a sua moral é quasi sempre a mais pura moral cristã: aquella que tentou

(1) Esse artigo está incluído nas «Obras Completas de Luís Augusto Rebelo da Silva, revistas e metódicamente coordenadas», a pág. 95 e seguintes do vol. XXIV, segundo dos *Bosquejos Histórico-Literários* (Lisboa, 1909).

ensinar aos homens as virtudes que êles até hoje ainda não conseguiram aprender, nem da bôca de Jesus nem pelas dos canhões de Krupp — a humildade, a caridade, a modéstia, a renúncia, o perdão...

Bernardes escreveu os seus conselhos e estímulos de santidade há mais de dois séculos, dentro da sua estreita cela do Oratório. Lido hoje, muito do que êle escreveu fará rir. Mas outro muito pode fazer-nos pensar, neste momento em que tudo o que é velho se discute e contesta, se destrói ou transforma, que há duas coisas neste mundo eternamente grandes: a beleza de uma verdadeira alma de artista tocada de sinceridade — e a distância que Deus pôs entre os Homens e a Perfeição.

Lisboa, 29 de Maio de 1919.

A. de C.

MANUEL BERNARDES

Transcrições da «Nova Floresta»

I

DESIGUALDADE NO CASAMENTO

PRETENDENDO certo fidalgo illustre e rico, porêm já velho, as segundas bodas com Santa Marcela, viúva de pouca idade, alegava em seu favor que também os moços podem morrer logo. Respondeu a santa, com prontidão e modéstia :

—O moço pode morrer logo; mas o velho não pode viver muito.

O matrimónio é jugo; para levarem suavemente o jugo, buscam-se bois parelhos :

Se não queres casar mal,
Casa com igual.

Não é necessário cavar muito para achar a razão disto. A semelhança é causa de amor, e os bons casados devem ser

A pesar del amor, dos ;
A pesar del número, uno.

Tôdas as formas se traduzem nos sujeitos, tanto mais suavemente quanto mais próximas são as disposições para elas. Casem primeiro as idades, as condições, as saúdes e as qualidades; e então casarão bem as pessoas. Doutro modo, já de antemão levam o divórcio meio feito.

Case lenho com lenho ou pedra com pedra, e estarão unidos em Deus: *Et erunt unum in manu ejus*. Ajunte-se a pessoa rial ou ilustre com outra também ilustre ou rial, que isto é scetro com scetro. Ajunte-se a casa dum ministro, com a doutro ministro, que isso é vara com vara. E êste fidalgo que buscava a Santa Marcela, já que era velho, buscasse outra velha, que isso seria bordão com bordão: *Scipionem unum, et scipionem alterum*.

Do contrário resultam tantos pecados, moléstias e desastres, que na consideração dêles ordenaram os padres do concílio Foroliviense (1) se observasse a paridade dos anos, entre os desposados, quanto fôsse possível. O melhor exemplo que nesta matéria se pode alegar é o primeiro matrimónio que

(1) De Forli, cidade da Itália (*Forum Livii*).

houve no mundo, de que o mesmo Deus foi o paraninfo. Pouca antecedência tinha a vida de Adão à de Eva, e de sua mesma costa (1) foi formada, para ser mais sua semelhante.

Muito tem que sofrer um consorte no outro, ainda quando a desigualdade não é muita; por isso se mandou abrir êste epitáfio na pedra sepulcral de dois casados:

HEUS, VIATOR, MIRACULUM!

HIC VIR ET UXOR NON LITIGANT.

«Olá, caminhante, maravilha! Marido e mulher aqui não brigam.» ¿ Que será, se ela fôr uma Abigail, liberal e prudente, e êle um Nabal, miserável e néscio; ela, uma Mariamne, virtuosa e lial, e êle um Herodes, ímpio e atraído; êle um Sócrates, reportado (2) e quieto, e ela uma Xantipe, colérica e voluntária? Ou, se houver outras notáveis diferenças, de que costumam entre os casados proceder as diferenças, ¿ como

(1)=costela.

(2)=moderado, comedido.

se esperará aqui a paz e a concórdia de espíritos? Se até dentro da sepultura brigassem, não seria a primeira vez que brigaram os cadáveres e ossos de defuntos...

(*Noca Floresta*, Anos, idade, tempo).

II

PÁTRIAS

QUALQUER homem tem três pátrias: uma da origem, outra da natureza e outra do direito. A pátria da origem é aquela onde nossos maiores foram e viveram; a da natureza é a terra ou lugar onde cada um nasce; a do direito é onde um é naturalizado pelas leis ou príncipes, e onde serve, e merece, e costuma a habitar; neste sentido disse Túlio de Catão que tivera a Túsculo por pátria da natureza, mas a Roma por pátria de direito.

Quanto à pátria da origem, todos os homens somos do Céu, porque ali está, vive e reina o nosso pai celestial, que vai criando as almas e unindo-as a nossos corpos.

Quanto à segunda pátria, falando geralmente, todos os homens somos da terra; por isso dela falamos tão frequentemente. Neste sentido todos os filhos de Adão somos compatriotas, sem diferença do rei ao

rústico. Neste sentido, também, os que desejavam negar as imperfeições do amor a tal ou a tal terra em particular, ou por arrogância e fasto filosófico, ou por mortificação religiosa e santa, disseram que todo o mundo era pátria sua. Do primeiro temos exemplo em Sócrates, que, perguntado donde era, respondeu :

—Do mundo : porque de todo o mundo sou cidadão e habitador.

E em Séneca, que disse :

—Não encerramos a grandeza do ânimo nos muros de uma cidade, antes o deixamos livre para o comércio de todo o mundo, porque esta é a pátria que professamos, para darmos campo mais largo à virtude.

Do segundo temos exemplo em S. Basílio, que, ameaçado com destêrro pelo prefeito do imperador Valente, respondeu :

—Que não conhecia destêrro quem não estava adicto (1) a certos lugares.

Semelhante resposta foi a do v. p. fr. António das Chagas, que, avisado por certa pessoa não falasse tão acrementemente nos ser-

(1)=apegado.

mões da cõrte, porque se arriscava a ser desterrado, disse mui seguramente :

— ¿Desterrar-me? para onde? Quem não tem aqui pátria não pode ter daqui destêrro.

Mas, além desta pátria do lugar comum, há outra do particular, que é a terra onde cada um nasceu. Quanto esta é mais pequena, tanto une mais os seus filhos; de sorte que parece o mesmo ser compatriotas que ser parentes; especialmente quando se acham fora dela. E parece-se êste amor com a virtude da erva tãpsia, da qual escreve Teofrasto que, metida na panela com a carne a cozer, de tal modo congutina os pedaços dela, que para os tirar é necessário quebrá-la. Quanto, porê m, a pátria é terra mais populosa, rica e illustre, tanto costuma ser matéria de vaidade aos que põem a sua glória fora de si. Assim se esvaneciam os arianos da sua Constantinopla, lançando em rosto a S. Gregório Nazianzeno a sua terrinha, que nem muros a cingiam. Porê m o santo doutor lhes respondeu que, se isso era culpa nê le, também o seria no golfinho não haver nascido na terra, e no boi não haver nascido no mar. E, pelo contrário, se nê les era glória, também o seria para os

jumentos da cidade assoberbarem (1) os do campo.

Quanto à terceira pátria, é esta o lugar onde estamos naturalizados, por mercê da república, ou rescrito dos príncipes, ou habitação contínua; de modo que S.^{to} António se chama de Pádua, não sendo senão de Lisboa, e S. Nicolau de Tolentino, sendo de Saint-Angel. Tomando, porêem, isto espiritualmente, onde cada um habita com o espírito e desejo, daí é natural. Por isso, Cristo disse a seus adversários que êles eram cá de baixo: *Vos deorsum estis... vos de mundo hoc estis*. E, pelo contrário, a seus discipulos, que êles não eram dêste mundo: *De mundo non estis...*

(*Nova Floresta*, Anos, idade, tempo.)

(1) = desprezarem

III

AMIGO «DO MEU»

E NÃO AMIGO «MEU»

PREGUNTADO Diógenes que tratamento dava el-rei Dionísio a seus amigos, respondeu :

— Usa dêles como de vasos : em-quanto cheios, despejá-los; quando já vazios, despedi-los.

Em-quanto Job esteve debaixo da mão de Deus, nu e pobre e enfêrmo, raspando com um pedaço de telha a podridão de suas chagas, até sua própria mulher e parentes se afastaram, nem apareceram lá mais que três dos amigos, a persegui-lo mais com suas disputas importunas e calúnias falsas. Porém, tanto que o Senhor lhe restituiu os bens em dôbro : *Addidit Dominus omnia quæcumque fuerunt Job duplicia*, olhai para êles, que ei-los lá veem todos, sem faltar um: irmãos e irmãs, parentes e conhecidos.

¿Empobreceu Job? Vão-se os amigos. ¿Melhorou de fortuna? Cá veem outra vez amigos. Mais vergonha tivera eu desta vinda do que daquela ausência; porque o fugir do miserável é só falta de caridade; mas voltar a buscá-lo, quando venturoso, é sobra de coíça, que confirma, declara e carrega no sinete, exprimindo a razão total por que então me ausentei e agora torno. E, senão, vejamos a que tornaram estes homens: a comer com êle, porque já tem pão que lhes dar: *Et comederunt panem in domo ejus*. Quando alguêm tem pão em sua casa, tem também em sua casa amigos.

Em-quanto Job é rico de penas e misérias, supõem os parentes que consigo as pode gastar tôdas; mas, em-quanto rico de bens temporais, então lhes parece que é necessário repartir com êles. E, senão, advirtamos nós o que acrescenta o mesmo texto. Diz que vieram a Job todos seus parentes e conhecidos: *Et comederunt cum eo panem in domo ejus*. E comeram com êle em sua casa. Eis aí ao que veem: a comer com êle. A padecer com êle, isso não: padeça êle só. Mas a comer, todos de companhia: *Comederunt cum eo*. Job no esterquilnio, com um pedaço de telha na mão, não esteja

acompanhado; mas Job em sua casa, com um pedaço de pão, não esteja solitário...

Em Direito a cognação e afinidade (1), em certos graus, é impedimento dirimente do matrimónio; e no estilo do mundo a pobreza é impedimento dirimente da cognação e afinidade. Aquele impedimento tem certos graus, de que não passa; mas estoutro, quantos mais graus tem, mais dirime; porque quanto um é mais pobre, tanto tem menos parentes. Fazei vós com a fortuna que dispense neste impedimento da pobreza; vereis quantos parentes se casam ou encasam bem convosco: *Comederunt cum eo panem in domo ejus.*

Os Romanos chamavam «sombas» àquelas pessoas que, sem serem convidadas para o banquete, entravam, pegando-se e seguindo a outros seus amigos. E a Filipe, pai de Alexandre Magno, se pegaram uma

(1) *Cognação*, parentesco de sangue pela linha feminina: os tios e sobrinhos maternos são *cognatos*. *Afinidade*, parentesco sem consanguinidade, contraído por casamento ou baptismo: são *afins*, por ex., os cunhados e os compadres.

vez tantas destas *sombras* que o hóspede ficou assombrado, porque não tinha feito prevenção para tantos. Mas Filipe o livrou de padecer vergonha, mandando, por um pagem, dizer ao ouvido de cada um que guardassem fome para os últimos pratos, por (1) serem mais regalados. Com que (2) todos, por comerem mais, comeram menos, e bastou o pouco onde o muito não bastaria, ficando as «sombras» às escuras quando viram o engano às claras.

Esta casta de amigos, não *meus* senão *do meu*, tem várias semelhanças que declaram mais a sua falsidade. Uns disseram que se pareciam com os golfinhos, que acompanham festivamente aos meninos que andam nadando, em-quanto há bastante água onde èles possam nadar também; mas, tanto que esta falta, se retiram ao alto, porque não querem dar em sêco. Outros os comparam ao corvo, que tornou para a arca e companhia de Noé, só em-quanto não achou cadáveres que comer, porque o dilúvio estava ainda sôbre a terra. Outros os comparam ao azougue, que se pega muito ao ouro, onde quer

(1) Por = para.

(2) Com que = de modo que.

que lhe dá o fardo d'êle; mas, se o metem no fogo, em um momento voa. Há hoje muitos amigos azougados, que no tempo do fogo da tribulação logo fogem. Outros os assemelham às formigas, que nunca andam pelos celeiros vazios...

Neste conhecimento estava (ainda que à sua custa) certa mulher que dera à sua filha quanto possuía; e, depois, assim ela como o genro a desprezavam e lhas aborrecia em casa, como carga inútil. Vendo isto a velha:

— Já sei, disse consigo, como emendar o meu êrro.

Dali por diante fingia que se furtava aos olhos dos domésticos, para se retirar a certo aposento interior, onde tinha uma arca com muitas fechaduras, cujas chaves recatava. Ali, de noite, a horas escusas, com dissimulação affectada, abria, vasava, contava e tornava a guardar, em lugar de patacas, pedacinhos de louça quebrada, espreitando, entretanto, se fôra sentida, a mesma que o desejava ser. Também entre conversação deixava às vezes cair algumas palavras prenhes (1),

(1) Cheias de significação; com segundo sentido.

que indicavam testamento feito ou quantidade de sufrágios e esmolas, ou louvor dos que pouparam para a sua velhice, ou outras semelhantes. Do que tudo, vieram a filha e o genro a entender que a velha tinha dinheiro escondido, e logo deliberaram dar-lhe bom trato e falar-lhe com agrado e sujeição. Tanto que chegou o seu dia e passou desta vida, foram mui sôfregos registrar o que havia na arca, suave tormento de suas esperanças; mas o que acharam entre os telhos foi só um papel, com estas palavras:

— Filhos meus, se os tiverdes (1), não vos esqueçais de vós, no dar-lhes estado (2). Êste desengano que tenho vos deixo, em lugar do dinheiro, que não tenho.

(*Nova Floresta, Amizade.*)

(1) Se tiverdes filhos.

(2) Ao distribuir-lhes bens de fortuna.

IV

GRANDE DEMANDA ENTRE FRADES E FORMIGAS

OÚ

EXTRAORDINÁRIO PLEITO

*que correu entre os Religiosos Menores
da Provincia da Piedade, no Maranhão,
e as formigas daquele terreno*

Foi o caso (conforme narrou um sacerdote da mesma Religião e Província), que naquela capitania as formigas, que são muitas, e mui grandes e daninhas, para estenderem o seu reino subterrâneo e ensancharem (1) os seus celeiros, de tal sorte minarem a dispensa dos frades, afastando a terra debaixo dos fundamentos, que ameaçava próxima ruína. E, acrescentando delito a delito, furtavam a farinha de pau, que ali estava guardada para cotidião abasto da comunidade. Como as turmas do

(1) = alargarem.

inimigo eram tão bastas, e incansáveis a tóda a hora do dia e da noite, vieram os religiosos a padecer falta e a buscar-lhe o remédio; e, não aproveitando alguns de que fizeram experiência, porque em-fim a concórdia na multidão a torna insuperável, últimamente (1), por instinto superior (ao que se pode crer), saíu um religioso com êste arbítrio: que êles, revestindo-se daquelle espírito de humildade e simplicidade com que seu seráfico patriarca (2) a tódas as criaturas chamava irmãs: *irmão sol, irmão lobo, irmã andorinha*, etc., pusessem demanda àquelas irmãs formigas, perante o tribunal da Divina Providência, e sinalassem procuradores, assim por parte dêles, autores, como delas, réus; e o seu prelado fôsse o juiz, que, em nome da Suprema Equidade, ouvisse o processado e determinasse a presente causa.

Agradou a traça; e, isto assim disposto, deu o procurador dos padres piedosos libelo contra as formigas; e, contestada por parte delas a demanda, veio articulando que êles, autores, conformando-se com o seu instituto mendicante, viviam de esmolos, ajuntando-as

(1) = por fim, por último.

(2) S. Francisco de Assis.

com grande trabalho seu pelas roças daquele país; e que as formigas, animal de espírito totalmente oposto ao do Evangelho, e por isso aborrecido de seu padre S. Francisco, não faziam mais que roubá-los, e não sómente procediam como ladrões formigueiros (1), senão que com manifesta violência os pretendiam expelir de casa, arruinando-a. E, portanto, dessem razão de si, ou, quando não, fôsem tôdas mortas com algum ar pestilente, ou afogadas com alguma inundação, ou, pelo menos, exterminadas para sempre daquele distrito.

A isto veio contrariando o procurador daquele negro e miúdo povo, e alegou, por sua parte, fielmente: «Em primeiro lugar: que elas, uma vez recebido o beneficio da vida por seu Criador, tinham direito natural a conservá-la por aqueles meios que o mesmo Senhor lhes ensinara;

«Item (2): que na praxe e execução dêstes meios serviam ao Criador, dando aos ho-

(1) Ladrão formigueiro = ladrão de pouquidades, que faz pequenos roubos e a furto.

(2) Palavra latina que significa *também*, muito usada nos articulados forenses e nas nossas leis antigas.

mens os exemplos das virtudes que lhes mandara, a saber: de prudência, acautelando os futuros e guardando para o tempo da necessidade; de diligência, ajuntando nesta vida merecimentos para a eterna; de caridade, ajudando umas às outras, quando a carga é maior que as fôrças; e também de religião e piedade, dando sepultura aos mortos da sua espécie, como escreveu Plínio: *Sepeliuntur inter se viventium solæ, præter hominem*, e observou para sua doutrina o monge Malco: *Hæ luctu celebri corpora defuncta deportabant*;

«Item: que o trabalho que elas punham na sua obra era muito maior, respectivamente, que o dêles, autores, em ajuntar as esmolas; porque a carga muitas vezes era maior que o corpo, e o ânimo que as fôrças;

«Item: que, suposto que êles eram irmãos mais nobres e dignos, todavia diante de Deus também eram umas formigas; e que a vantagem do seu grau racional hartó (1) se descontava e abatia com haverem ofendido ao Criador, não observando as regras da razão,

(1) *Harto* é termo espanhol correspondente ao português *farto*. Aqui significa *assaz, suficientemente*.

como elas observavam as da natureza; pelo que se faziam indignos de que criatura alguma os servisse e acomodasse, pois maior infidelidade era nêles defraudarem a glória de Deus por tantas vias, do que nelas furtarem sua farinha;

«Item: que elas estavam de posse daquele sítio antes dêles, autores, fundarem (1); e, portanto, não deviam ser dêle esbulhadas, e da fôrça que se lhes fizesse apelariam para a Coroa da regalia do Criador, que tanto fêz os pequenos como os grandes e a cada espécie deputou seu anjo conservador. E, últimamente, concluíram que defendessem êles a sua casa e farinha pelos modos humanos que soubessem, porque isto lhes não tolhiam; porém que elas, sem embargo, haviam de continuar as suas diligências, pois do Senhor, e não dêles, era a terra e quanto ela cria: *Domini est terra, et plenitudo ejus.*

*

* *

Sobre esta contrariedade (2) houve répli-

(1) O verbo é aqui intransitivo e tem o sentido de *estabelecer-se*.

(2) = resposta do réu ao libelo de acusação.

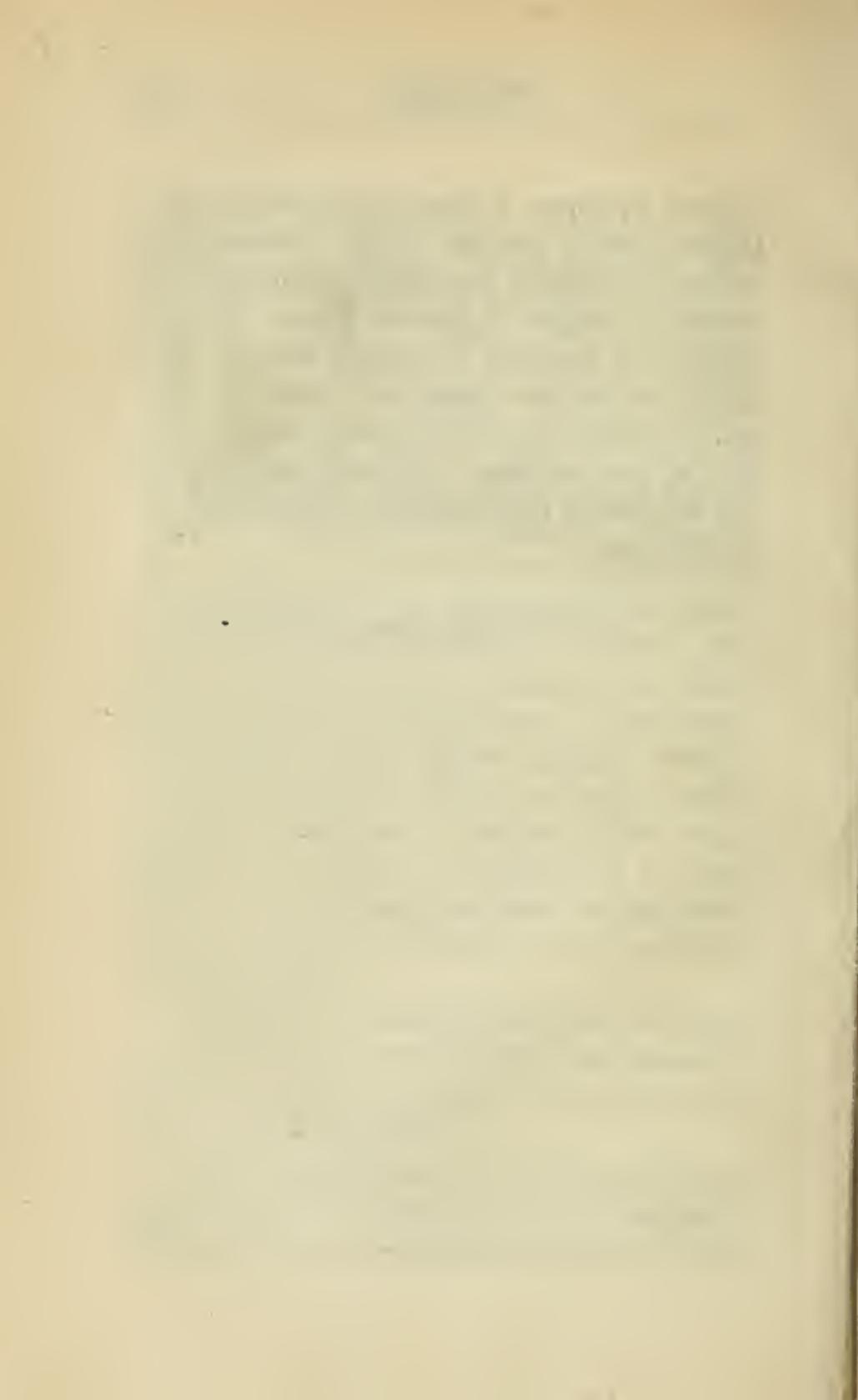
cas e contra-réplicas, de sorte que o procurador dos autores se viu apertado; porque, uma vez deduzida a contenda ao simples fôro de criaturas, e abstraindo razões contemplativas com espírito de humanidade, não estavam as formigas destituidas de direito. Pelo que, o juiz, vistos os autos, e pondo-se com ânimo sincero na equidade que lhe pareceu mais racionável, deu sentença que os frades fôsem obrigados a sinalar dentro da sua cêrca sítio competente para vivenda das formigas; e que elas, sob pena de excomunhão, mudassem logo habitação, visto que ambas partes podiam ficar acomodadas sem mútuo prejuízo, maiormente porque êles, religiosos, tinham vindo ali, por obediência, a semear o grão evangélico e era digno o operário do seu sustento; e o das formigas podia consignar-se em outra parte, por meio da sua indústria, a menos custo.

Lançada esta sentença, foi outro religioso, de mandado do juiz, intimá-la em nome do Criador àquele povo, em voz sensível, nas bôcas dos formigueiros.

¡Caso maravilhoso, e que mostra como se agradou dêste requerimento aquele Supremo Senhor de quem está escrito que brinca com

às suas criaturas: *Ludens in orbe terrarum!*
Imediatamente saíram, a tôda a pressa, milhares de milhares daqueles animalejos, que, formando longas e grossas feiras, demandaram em direitura o sinalado campo, deixando as antigas moradas, e livres de sua molestíssima opressão aqueles santos religiosos, que renderam a Deus as graças por tão admirável manifestação de seu poder e providência!

(*Nova Floresta, Anos, idade, tempo.*)



V

VELHICE

ERA já muito velho e achacado o papa Adriano V, quando foi assunto (1) ao trono apostólico; e o não logrou mais que trinta e nove dias. Quando seus parentes vieram dar-lhe os parabêns, respondeu: — ¡Oxalá viésseis antes a mim cardinal são, do que papa moribundo!...

A velhice é uma quási morte, assim como o crepúsculo vespertino é uma quási noite. Como os montes daquela idade são mui altos e o sol da vida declina para o ocaso, ¿que muito (2) que as sombras da morte sejam maiores?

Da vida tôda, fezes são as cansadas respirações de um velho achacoso; e quem che-

(1) Participio passado de *assumir* = levantado, elevado.

(2) ¿Que muito que...? = ¿que admira que...?

gou às fezes certo que já toca no fundo.
¿ Que outra cousa é ver um velho enfêrmo,
encurvado e trémulo, senão ver um com-
posto de vida e morte? Por isso um poeta,
vendo a um dêstes forcejando por andar
com o seu bordão, disse:

¿ Porque apertas mais contigo
E êsse pau na mão te arrasta?
¿ Ir em em dois pés não te basta
Em busca do teu jazigo?...

É caso bem singular e lastimoso o que vou a referir. Antigamente houve entre gentes bárbaras êste impiíssimo costume: que os filhos enterravam vivos seus pais, quando estes, por velhos e enfermos, não podiam ganhar de comer. E refere um grave historiador que, fazendo jornadas a mulher do conde Mansvéldio pela província lunenburgense, ouviu uma lastimosa voz que, de entre a espessura de umas árvores, gemia e pedia misericórdia. E desejando saber a causa, mandou chegar para aquela parte a carroça e viu um velhinho, atado de pés e mãos, pedindo a outro homem que lhe perdoasse a vida; e êste, sem fazer disso caso, lhe estava a tôda a pressa abrindo uma cova.

—¿Que fazes, homem? lhe perguntou a condessa.

E êle, muito leve no caso, e como quem entendia que não fazia mal, lhe respondeu que queria enterrar a seu pai, porque era já de todo inútil. E, repreendido de tão desumana piedade, acrescentou :

—Que não podia ganhar pão para seus filhos, que eram muitos, e mais para seu pai.

Então a condessa lhe deu algum dinheiro para sustentar-se o velho. Aceitou-o, mas com ressalva : 'que o teria vivo em-quanto o dinheiro não expirasse. Note-se que descuidado estava então êste homem de que seus filhos ao diante o mediriam também pela mesma rasoira. E repare-se também na escassez daquela condessa, que, ouvindo tal resposta, não levou aquele miserável do poder de filho tão ímpio para sua casa. Porêm as nossas obras, ainda quando são de luz, esta luz muitas vezes não é mais que de lua minguante, porque elas são imperfeitas e falidas.

E, tornando ao nosso ponto da afinidade que a velhice tem com a morte : Hugo de S. Vitor disse que três correios ou mensageiros tinha a morte, a saber : a desgraça, a doença e a velhice, A desgraça anuncia que

a morte está escondida; a doença diz que já aparece; e a velhice diz que já chega. E todos estes três correios tinha já recebido o papa Adriano. O da velhice, porque era de muitos anos; o da doença, porque tinha muitos achaques; e o da desgraça, porque, com muitos anos e muitos achaques, o fizeram papa.

*

* *

O imperador Júlio César, nos princípios de seu governo, portou-se com moderação e suavidade, atendendo à disposição das leis; depois, não punha grande reparo em as quebrar, usando de absoluta autoridade ou violência. Um senador, mui ancião, por nome Consídio, lhe disse, livremente :

— Senhor, sabeí que, se o Senado vos não vai à mão, é porque com o temor de vossas armas não nos ajuntamos a determinar o que convêm. Respondeu o César :

— ¿ Pois como te não obriga o mesmo temor a estar em tua casa e calar a bôca?

— *Com a muita idade (disse Consídio), gastou-se-me o médo, porque a vida que posso perder é já pouca.*

Quando o jogador tem parado pouco, pouco se lhe dá que o lance proceda infeliz. Homem que não teme a morte, de todos é para (1) temido; julga sem paixão, delibera-se com presteza, fala e obra com liberdade e constância. Quanto um tiver menos de esperança, tanto menos terá de medo. Por isso, é máxima do capitão prudente não desesperar os vencidos, pelos (2) não tornar vencedores, porque *una salus victis, nullam sperare salutem* (3)

*

* *

Diz Séneca :

—Não devemos computar a idade pelos anos, senão pelos procedimentos. Não há cousa mais torpe do que um velho que nenhuma outra prova tem de que viveu muito, mais que a idade.

(*Nova Floresta*, Anos, idade, tempo).

(1)=para ser.

(2)=para os.

(3)=a única salvação dos vencidos está em não esperarem salvação nenhuma.

VI

EULÓGIO, «O NOVO RICO»

Nos tempos do imperador Justino I, que desde a aguilhada do vaqueiro subiu a empunhar o scetro do Oriente, vivia nas partes da Tebaida um homem por nome Eulógio, cabouqueiro de officio, quanto aos bens terrenos enteado da fortuna, porêem quanto aos da graça celestial filho mimoso de Deus, porque era timorato, devoto, casto, temperado.

Em suas entranhas tinha feito assento a ternura compassiva, até para com os brutos; em seu aspecto, a modéstia aprazível, até para com os inimigos; em sua língua, o contínuo louvor de Deus, ainda nas adversidades; em suas mãos, a liberalidade para com os pobres e peregrinos, aos quais hospedava humanissimamente e lhes lavava e beijava os pés; e, suposto que o seu officio era tão limitado e estéril como trabalhoso e cansado, todavia dos cabedais de uma vir-

tude tirava as despesas para a outra : a esmola de cada dia lhe saía do jejum de quási todo o ano, e tal jejum, que primeiro se punha o sol no ocaso do que êle à mesa, se é que havia outra mesa para comer, mais do que as próprias mãos para trabalhar e repartir.

Sucedeu ser um dia seu hóspede certo anacoreta santo, por nome Daniel. O qual, como versado na prática das virtudes, conheceu as de Eulógio, admirando-se dos fundos daquele inestimável diamante. E, voltando para o seu ermo, rogou a Deus N. S. instantemente (jejuando três semanas para dar maior fôrça à sua oração) se servisse de dar bens temporais àquele homem, para alívio de sua grande miséria e contínuo trabalho, e também para socorro dos pobres e peregrinos, que nêle achavam tão fiel despendeiro. Tanto instou nesta piedosa, ainda que indiscreta demanda, que chegou a ouvir uma voz do Céu, a qual lhe disse :

—Se Eulógio perder a pobreza, perderá as outras virtudes.

Aqui Daniel, fechando-se sôbre si mesmo com bondade cega, disse que êle ficava por seu fiador, alma por alma e corpo por corpo; porque não se persuadia que os benefícios de Deus lhe seriam causa de perversão, se-

não antes de aumentos de humildade e caridade. Porém é verdade mui certa o que disse o nosso Séneca português (1):

«Andei daquém para além,
Terras vi e vi lugares.
Tudo seus avessos tem...
O que não experimentares,
Não cuides que o sabes bem».

Eis que um dia o cabouqueiro, fazendo seu ofício, deu em um tesouro antigo. Olhou, tocou, certificou-se. Atrás dos olhos foi-se-lhe o coração, contra o que diz o Rial Profeta (2): *Divitiæ si affluent, nolite cor apponere* (3).

Andava dali por diante melancólico, vigilante e pensativo.

—¿Que farei? Para onde mudarei casa?... Quem me ajudará fielmente?

Já lhe esquecia a oração, já o não achavam afável os pobres e compassivo os miseráveis. Em-fim, deu consigo em Constantinopla, porque pedia golfo grande o galeão

(1) Sá de Miranda.

(2) David.

(3) Se abundardes em riquezas, não queirais pôr nelas o coração (*Salmos*, LXI, 11).

que na sua fantasia armava para as viagens de sua nova fortuna. Tinha juízo e bastante disposição; aprendeu os modos da côrte, vocabulário novo da Babel antiga. Nos princípios não se deu muito a conhecer; seguiu a campanha (1), mãe repentina de ambas as fortunas. Como tinha muito, não dava pouco; e, como dava, todos os soldados eram seus. Por aqui chegou a capitão da guarda do imperador. Já está em suma arrogância e total esquecimento de seus vilíssimos princípios; já faz mal a cavalos, joga, banqueteia, rompe telas e púrpuras. ¿E a oração, a esmola e a penitência? Não há que falar nessas cousas; ficaram tôdas da outra banda do Letes do seu descuido e mudança.

Era, pois, tempo de puxar o acredor pelo fiador: Deus por Daniel. Não sabia êste do que tinha passado, quando uma vez, orando, teve um maravilhoso excesso de espírito, e em visão imaginária foi citado a juízo. Estava o Juiz que o chamara gravemente irado e mostrava-lhe um homem metido entre rosas, todo consumido da actividade do deleite, e dizia-lhe, arguindo: ¿Êste é o cuidado

(1) A vida militar, a guerra, que de repente pode dar a boa ou má fortuna.

que tens da alma de teu irmão? E logo, voltando o majestoso semblante para os anjos, lhes mandou:

— ¡ Feri ! não perdoeis ao fiador.

Daniel, meio morto de pavor e assombro, reconheceu o êrro da sua fiança e confiança, pediu perdão com muitas lágrimas, e ofereceu-se a reduzir a Eulógio; mas também esta lhe safu falsa, como logo veremos. Neste tempo tornou em si, considerou o aviso do Céu, e, sem detença, safu a buscar aquela ovelha desgarrada.

*

*

*

Chegado àquela nova Roma, achou a Eulógio tão assistido e cortejado de visitas e pretendentes, que um mês inteiro, de dia a dia, solicitou a entrada para falar-lhe. Entrou, em-fim. Pediu ser ouvido à puridade.

—¿Conheces-me? (lhe disse, com animoso zêlo da honra de Deus e da salvação daquela alma), ¿conheces-me, Eulógio, algum tempo pobre cabouqueiro, agora grande cavalheiro? Eu sou Daniel, a ¡uele eremita a quem, tal ano e dia, hospedaste em tua casa e lavaste os pés com caridade evangélica ¡Oh que trá-

gica mudança te tem desfigurado ! Então estudavas nas virtudes, agora na vaidade; então eras amigo de Cristo, agora do mundo, da carne e do demónio ; então caminhavas pela estreita vereda do Céu, agora corres pela estrada larga da perdição. ¿ Que fazes ? ¿ Onde vais, precipitando-te cada dia mais profundamente ? ¿ Que te aproveitará possuíres todo o mundo, se perderes a alma ? Adverte que não só perdes a tua, mas também a minha, porque orei por ti, e fiquei por teu fiador diante de Deus, e me ofereci a reduzir-te. Oh ! Não sejas ingrato a Deus e aos homens, ao Céu e à terra. Acorda dêsse pesadíssimo letargo, torna em ti, abre os olhos à luz da fé. Não troques um reino eterno por bens que só de bens teem o nome suposto e a falsa aparência.

Com semelhantes sentenças exortava o santo anacoreta a Eulógio. ¿ Mas êste que faria, vendo-se repentinamente acometido de tão claros desenganos ?

Dizem que os javalis, metendo-se pelo lodo, condensam sôbre si uma côlea dêle tão dura, que os venábulos (1) e lanças dos monteiros

(1) Espécie de dardos, usados na montaria.

os não penetram fácilmente. Lodo espêso chamou o profeta Habacuc aos bens terrenos, e assim os que se metem muito no manejo e lôgro dêles criam tal dureza de espirito, que não calam dentro as mais fortes e vivas exortações e ameaças dos prêgadores.

Levantou-se Eulógio irado e sanhudo, expeliu ao santo varão contumeliosamente, queixou-se a seus camaristas de o porem à fala com um doido, e estes, por desagravo seu, o cobriram de pancadas; o qual, ensinado à sua custa do lugar onde havia de pôr os alicerces da sua confiança, recorreu a Deus, por via da oração, acompanhando-a com lágrimas, misturadas talvez com o sangue de suas feridas; pediu-lhe que tornasse a Eulógio a sua antiga pobreza e necessidade.

Agora sim, que pede com discrição. Sucedeu logo ter Eulógio desgostos com o imperador Justiniano, e haver bandos e facções, e ser-lhe necessário, por escapar com vida, deixar tudo de repente, e por conservá-la tornar ao seu marrão (1) e camartelo, para ganhar com suor e fadiga o taxado sustento

(1) Martelo grande do feitio de pipa, ao passo que o camartelo, ou picão, é agudo de um lado.

cotidiano. Então a vexação lhe deu o entendimento de que o privara a prosperidade, e começou a fazer penitência; pois da côrte, onde deixara espalhado o seu tesouro, trazia junta bastante matéria dela. Encontrou-se depois com Daniel, o qual lhe disse, movendo a cabeça:

—¿Que é isto, amigo? ¿Jé se acabou a comédia de que eras rei? . . .

E êle, envergonhado, lhe pediu rogasse a Deus que mitigasse dalgum modo os rigores da sua pobreza.

— Isso não ! respondeu Daniel. As riquezas vos enganaram a vós, mas vós já me não haveis de enganar outra vez. Se a pobreza vos é molesta, sabei que vos é necessária; aprendei a viver sem bens, de que não sabeis usar senão para maldades.

Êste é o exemplo em que se mostra claramente como os bens temporais são escravo fugitivo e atraído, e fruta que, apodrecendo, nos deixa em vida enganados, antes que desenganados a deixemos na morte.

(*Nova Floresta, Amizade*).

VII

LUXO E ENFEITE NAS MULHERES

QUANTO é necessário de tempo, de estudo, de cuidado, de despesas, de trabalho e aflição de espírito, para se pôr à vela uma destas naus? Bem lhe chamei naus, porque já lá Plauto disse: *Navis, et mulier nunquam satis ornantur*: A nau e a mulher nunca se dão por bastantemente esquipadas. E concorda o adágio de Terêncio: *Dum molitur, dum comuntur annus est*: mulheres, em-quanto se apercebem, em-quanto se enfeitam, lá vai o ano...

Os Romanos, antigamente, vendo que, por opulentos que fôsem os pais e maridos, não havia pano para tão largo cortar (porque nelas o seu giz e tesoura é o seu appetite e teima), saíram com (1) a lei Ópia, sen-

(1) Saíram com = promulgaram.

do cônsules Q. Fábio e T. Semprônio, (assim chamada de C. Ópio, seu instituidor), em que mandavam moderar estes excessivos gastos. Porém tal foi a impaciência com que as matronas reclamaram, tal o motim que levantaram ao redor do palácio dos Brutos, que dali a poucos anos já a pragmática estava antiquada.

No capítulo terceiro de Isaías está lançado um bastante aranzel ou rol destas galas e adereços femininos. Porque, indignado Deus de tanta vaidade e luxo, ameaça castigá-lo com terríveis demonstrações; e por princípio delas diz que há-de deitar abaixo as fivelas e crepes do calçado, as luvas, os colares, as gargantilhas ou afogadores; os braceletes, as mitras, os pentes, e fitas que servem de apartar e apertar as tranças; os fraldelins (1), os cordões de ouro, as pomas e frasquinhos de água de cheiro; as arrecadas e chuveiros (2), os anéis e memórias (3), as jóias de pedraria preciosa pendentes sobre a testa; as galas de festa, os capotinhos,

(1) Fraldelim ou brial=túnica ou saia interior, aberta por diante.

(2) Chuveiro=jóia de muita pedraria.

(3) =anéis comemorativos.

os volantes e volilhos (1); as espadinhas (2), os espelhos, as toucas, os listões, vendas e faixas, e os mantos finos. Porém neste rol não está a centésima parte do aparelho que pede esta grande nau (chamemos-lhe Libentina, que era a deidade de fazer cada um o seu gôsto) para velejar, vento em popa, nas cerúleas planícies do aplauso público. E mais é de advertir que o profeta fala das mulheres que andam em seus pés: *Ambulant pedibus suis*; que as que andam nos alheios necessitam de muito mais enxárcia, enfrechadura e amantilhos (3), de muito mais flâmulas e galhardetes, de muito mais grinaldas e faróis, e de melhores paveses (4) a um e outro bordo. E a maravilha é que, quanto a nau vai mais carregada, mais levezinha vai; porque a mesma carga lhe faz ganhar vento — suposto que só em ser mulher tinha já bastante. . .

(1) = telas preciosas, de linho ou lã.

(2) Espadinha = peça a modo de espada, que as mulheres traziam no toucado.

(3) *Enxárcia*, *enfrechadura* e *amantilhos* são diferentes nomes que tem o cordame dos navios.

(4) = resguardos de rêde ou tábua dos dois bordos da nau.

*

*

*

Dos reinos do Decão, e Bisnagar, e de Golocandá, na Índia Oriental, leva esta diamantes; da Bácia, Scítia e Egipto, esmeraldas; dos reinos de Pegu e da cidade de Calecute e da ilha de Ceilão, safiras; do Seio Pérsico, entre Ormuz e o Bassorá, da Sumatra, ou Tapobrana, da ilha Bornéu; e, em Europa, de Escócia, Silésia e Boémia, leva pérolas; do pôrto de Julfar na Pérsia, leva aljôfar (que daí se derivou êste nome); da cidade de Siene, no Egipto superior, e do mar Tirreno, leva corais, que, se se desterraram já dos rosários e braceletes, ainda se admitem em brinquinhos e verónicas; dos campos de Pisa e dos montes Alpes, leva cristais; do mar de Suévia e de Lubeca, leva alambres (1), que são as fabulosas lágrimas da irmã de Faetonte, choradas solenemente cada ano pela sua desgraça; dos reinos do Monomotapa e Sofala, na Cafraria, e da região de S. Paulo, na nossa América, leva ouro; do cêrro do Potosi, nas conquistas de el-rei católico, leva prata; de Alemanha,

(1) Alambre=âmbar.

os camafeus (1); de Moscóvia, as zebelinas e martas; e do Palatinado, as mais aperfeiçoadas; de Helvécia, região dos Suíços, os arminhos; do Brasil, os saguins para manguitos e os coquilhos para contas; da cidade de Tiro em Fenícia, a púrpura; da serra da Arrábida, grão; de Portugal e Castela, a côr; de Veneza e Holanda, os espelhos; de Provença e de Roma, as pomadas para fazer as mãos macias e cheirosas; de Córdoba e Hungria, ao menos, as receitas para as águas odoríferas dêstes nomes; das Índias de Castela, a almeia (2), e óleo dela, para as mãos; de Tunquêm, o almíscar; do Maranhão e Ceará, o âmbar; de Angola, Guiné e Cabo Verde, a algália (3); das nossas Índias, o calabunco (4) e águila (5), os canequis (6) e paninhos de côco, e os toríbios (7);

(1)=pedras finas em que se lavra alguma imagem.

(2)=casca de planta odorifera que produz o olíbano.

(3)=perfume de origem animal, como o almíscar.

(4)=madeira aromática.

(5)=aloes aromático.

(6)=lenços de algodão fino.

(7)=contas de cristal.

da Africa, as penas dos avestruzes, para os cocares de plumas; da China, os lós (1), os leques e as chitas; de Granada, os tafetás; de Flandres, as rendas; da cidade de Cambrai, as teias finíssimas e candidíssimas que teem êste nome; de Guimarães, as linhas; de Leão de França, as primaveras (2); de Modaba na Pérsia e de Itália, as telas; da mesma Itália, os damascos; de Florença, Génova e Nápoles, os chamelotes (3); de França, as luvas, os sinais para o rosto e também os leques— uns maiores para o verão, outros mais pequenos para o lar no tempo do inverno; de Inglaterra, as meias, fitas e relojinhos de algibeira; da Arábia, a goma, que também serve officio neste mundo; da Batalha, os azeviches, para dar figas aos maus olhos...

*

* *

¿Que mais? É necessário que concorra também o mar, não só com as ostras, que se esbulhem das pérolas, senão também com

-
- (1) Ló=espécie de escumilha, tecido fino e raro
 (2)=sedas de folhagens, flores e matizes.
 (3) Chamelote ou chamalote = espécie de seda.

as tartarugas, que desarmem as costas para pentes e cofrinhos, e com as baleias, que empenhem as barbas para saír um justilho ou perpoêm, bem desarrugado. São necessários de várias partes vários materiais, para bocetas, escritorinhos, baús e guardaroupas, para recolher nos camarins e escaparates êste mundo abreviado. São necessários vidrinhos e garrafinhas, e redomas e bocetas, curiosa e ricamente forradas, para tôda a farmacopólia de ingredientes líquidos e secos, simples e confeccionado's, que servem de estender o dia da formosura, quando já veem caindo maiores as sombras dos altos montes da anosidade, e de dizer na cara ao desengano que mente. . .

‡ Que mais? São necessárias até as nuvens do céu para a primeira água de Maio, que opinaram fazia o carão lustroso; são necessários até os mortos, para as cabeleiras, se as não quiser o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de sêda. Estava para dizer que são necessários até os demónios; porque, assim como a mão de Deus ajudou (como diz o texto sagrado) a formosura de Judite, porque se ordenava a intento santo e de sua glória, assim tenho para mim que sem a mão do demónio não

pudera o apetite humano inventar, e dispor, e aplicar tanta vaidade e curiosidade.

A mulher prudente, sizada e amiga da sua casa é comparada por Salomão à nau mercantil, porêem nau que de longe traz pão. Mas a mulher vã e amiga de enfeites e galas é nau que de longe traz a fome, porque a tôdas as partes do mundo faz desembolsos. Aquela, o pão que traz é seu ; porque, sôbre ser bem ganhado, é bem conservado; esta, a fome que traz é sua, e de seus filhos, e criados, e escravos; porque tanto se põe no supérfluo tanto se tira do necessário.

Recolhendo-se agora ao nosso principal ponto donde saímos, pergunto: ¿Para que é necessário a uma mulher todo êste mundo? Para parecer formosa. Concedamos-lhe que o parece e, ainda mais, que o é.

¿Que tira ela, em-fim, de ser ou parecer formosa? Vaidade. Não mais nada. Tira também enfermidades do corpo, perigo da alma, enfados, murmurações; e depois tanto em penas do outro mundo quando êste lhe deu em glórias, com esta diferença, entre outras muitas: que as glórias foram falsas e as penas serão verdadeiras. ¿Pois não pudera esta mulher, com quatro lágrimas

choradas debaixo do seu manto, com um crucifixo diante dos olhos em lugar de espelho, e com amar a verdade, que é a lei de Deus, deixando-se ajudar da sua graça; não pudera, digo, dêste modo mais fácil, mais útil, mais honesto e deleitoso, ser formosa nos olhos de Deus?...

(Nova Floresta, Amor divino).

VIII

HISTÓRIA DE SÃO FILEMON E SANTO ARIANO

PELOS anos da vinda do Filho de Deus ao mundo 287, imperando Diocleciano, ferocíssimo adversário do nome cristão, Ariano, seu amigo e privado, constituído presidente da Tebaida, por lhe dar gosto perseguiu em Antinópolis, com tôdas suas fôrças, a cristandade. E, espalhando-se vários por várias partes, como gado a quem açouta o furor da tempestade, só trinta e sete clérigos mostraram maior constância, os quais por essa causa foram encarcerados.

Entre estes, um diácono, por nome Apolônio, vendo os cruéis e exquisitos tormentos que se preparavam, temeu-se da sua fragilidade e, para evadir o perigo de negar a Cristo, não se achando com bastante ânimo de o confessar a tanto custo, inventou o seguinte arbítrio :

Havia na mesma cidade um farçante, por nome Filemon, insigne chocarreiro e tangedor de frutas, e por estas prendas mui aceito a todo aquele povo. A êste mandou chamar Apolónio e, corrompendo-o com ouro, conchavou com êle que, disfarçado, fôsse em seu nome tributar aos ídolos a adoração que o tirano pedia. E, com efeito, Filemon, deixando ali as suas frutas, tomou um vestido ou capa de Apolónio e compareceu em presença de Ariano,

—¿Quem és? perguntou o presidente.

Os ministros de justiça que lhe essistiam disseram :

—Pelo traje, parece cristão.

—Pois se é cristão, tornou êle, dizei-lhe que sacrifique.

Neste ponto (¡ oh maravilhas do dedo de Deus, muito maiores que aquelas que em outro tempo obrou no mesmo Egipto!) Filemon, mudando de intenção e fazendo já de-veras o que vinha a representar na aparência, respondeu animoso:

—Cristão sou eu e, porque o sou, não quero sacrificar.

—Sacrifica, instou o tirano, e forra-te (1)

(1) forrar-se a=livrar-se de.

aos tormentos com que viste há pouco acabar miseravelmente a Asclas e Leónidas.

Respondeu o santo:

— Aparelhado estou para passar por onde êles passaram, a trôco de chegar onde êles teem chegado. E vergonha havias tu de ter de me alegares com o santo Asclas, lembrando-te do que passaste com êle, quando não podias passar o rio. A todos nos lembra muito bem que o santo mártir apostou contigo que tu à fôrça de tormentos o não farias adorar os deuses falsos, e êle à fôrça de orações te havia de fazer confessar a Cristo por Deus verdadeiro. E, com efeito, êle saíu com a sua, e tu não; porque, vindo tu passando o rio, êle, coberto de chagas e com os ossos e entra-nhas a aparecer, tirando fôrças da fraqueza, se levantou a orar e pediu ao Senhor que não pudesses chegar a terra sem primeiro confessares seu santo nome. Os ventos estavam espertos, as velas estendidas, os remeiros prontos, mas a barca se tornou imóvel, e o mesmo sucedeu a quantas mudaste, até que enviaste a pedir-lhe partido, e êle te mandou que por escrito confessasses a Cristo por um só Deus verdadeiro, Criador de tôdas as cousas. Assim o escreveste e

assinaste, e logo a barca navegou; mas tudo attribuiste depois aos poderes de arte mágica e consumaste a sua coroa de mártiro.

A estas razões o tirano, fazendo-se desatendido, tornou à sua teima, dizendo:

— Sacrifica e salva a tua alma.

— Isso faço, respondeu o santo, porque não há melhor salvar a alma que dá-la por Cristo.

Então o presidente disse em segredo para alguns dos seus oficiais:

— Chamai aqui logo a Filemon, porque êle, com as suas graças e trejeitos e música dulcíssima, sem dúvida há-de amansar a êste emperrado.

Buscado Filemon onde não estava, ¿ como havia de aparecer?

— Senhor, disseram os oficiais, não o pudemos achar.

Tinha êle um irmão chamado Teon, ou Teonas. A êste perguntou o presidente:

— ¿ Que é feito de teu irmão?

E êle, como sabia do disfarce, respondeu logo:

— É êsse que aí está em tua presença.

Foi logo descoberto e conhecido; e o presidente, entendendo que o fizera por via de

entremez, para dar que rir a todos, desfechou a rir e disse:

— Já sabemos que és nascido para nos alegrares e espojares com riso; mas digo-te que antes te dera uma de três filhas que tenho, do que fazer aqui desprezível minha dignidade de officio com semelhantes chanças (1). E, porque acaso os cristãos (que tudo fazem mistério) não presumam que procedias de-veras, mando-te que sacrifiques diante dêles.

— De mim faze o que quiseres, respondeu o santo. Sacrificar, digo que não quero, porque já a graça de Cristo pegou em mim, e nem posso, nem quero soltar-me dela.

— Conjuuro-te, tornou Ariano, pelo estado e glória dos Romanos, que deixes zombarias ou que nos digas se afirmas ser cristão, com ânimo verdadeiro.

— ¿Que tenho eu com o estado e glória dos Romanos? Juro, pela glória e estado dos cristãos, que falo de-veras e que sou cristão, e que não há outra cousa, e que nada temo; porque, quanto mais perder pelo amor de Cristo, mais ganho.

(1) = zombarias.

*

* *

Qual tesouro de oculta pólvora que, chegando-lhe o cordel aceso, concebe de repente, com gritos do colérico elemento, globos de impetuosas labaredas, que ameaçam e executam juntamente estragos, ruínas e mortandade, tal a ira no malicioso peito do tirano, tanto que deu crédito a êste último desengano, prorrompeu em acções precipitadas e ardentes desejos de efeitos de vingança. Só duvida e pergunta ao povo qual será melhor: se cortar de um repentino golpe aquela vida pérfida, se dar-lhe morte lenta, para prolongar a pena. Mas o povo, assustado, levanta o clamor, dizendo:

— Não prives a cidade tôda das suas delícias e alegrias.

Outros choravam, ministrando-lhes o falso amor que lhe tinham lágrimas compassivas da fatal desgraça que nêle supunham. E Ariano, voltando para o mártir:

— Teu coração (lhe disse) compete com os bronzes e os vence, pois não amas êste comum amor, nem estimas que te estimem. Sacrifica, te rogo; não agües nem derrames fel sôbre as festas que brevemente esperamos.

Respondeu o santo:

— Essas festas que dizes não concordam com as do Céu; antes quero faltar àquelas para ser mais digno de me achar nestas.

Aqui ministrou o espírito maligno ao ímpio presidente uma lança mais aguda, que vibrasse contra a constância do generoso mártir. Saíu, pois, dizendo:

— Adverte bem, ó Filemon, que tu, não sacrificando, perdes as felicidades dêste mundo e mais as do outro: as dêste, porque te heide matar a tormentos; as do outro, porque não és ainda baptizado; e vós-outros afirmas que não há entrar no Céu sem baptismo.

Não sabia ainda Filemon que bastava o baptismo de sangue e o de fogo, que são o martírio e a contrição, com o desejo do baptismo de água. E assim, ferido altamente seu coração com esta palavra, começou o pulso de seu esforço e alegria a padecer intercadências. Voltando pois, para os cristãos, que entendia estarem ali, ocultamente confusos com a mais turba, disse, ansiado:

— Chamem-me algum fiel que me baptize, porque estou em tribulação e necessito das armas daquele sacramento.

Esperava resposta; mas calaram todos,

porque ninguém ousava a fazer rosto ao furor do tirano, e queria Deus obrigar-se a mostrar por modo mais glorioso como ampara fielmente aos que nêle confiam.

Entretanto Ariano, fazendo coragem própria da covardia alheia, insultava, dizendo:

— Tu bem vês que ninguém se atreve a fazer oposição, nem a êste magnífico tribunal, nem àquela manifesta verdade. Portanto, rende-te: sacrifica!

Mas o santo, vendo-se cercado, por dentro de dúvidas, por fora de ameaças, fugiu para o seu mesmo coração perplexo e ali, levantando um invisível oratório, falou com Deus à puridade, dizendo:

— Senhor meu Cristo Jesus, não consintas no coração de teu servo esta tristeza; dirige e governa meus caminhos, de sorte que possa, pelo meio desta turba, sair a receber a graça do baptismo.

Obedeceu Deus à voz do homem, porque a oração participa, do mesmo Senhor, foros de onipotente. Veio uma nuvem invisível e, encerrando em si a Filemon, o levou onde um clérigo estava acaso à margem de um rio. Pediu e recebeu o baptismo e, dentro da mesma nuvem, tornou a ser repostado no mesmo tribunal, sem alguém haver sentido

a sua ausência; porque a graça do Espírito Santo não reconhece necessidade de tardanças; nem há difficil cousa alguma para o Senhor, que de nada fêz tudo, só com sua vontade.

Armado já o cavaleiro de Cristo com as armas brancas da nova e reluzente graça do baptismo, revirou sôbre Ariano os insultos e improperios que dêle até ali padecia.

— Eis-aqui (dizia), ó Ariano, eis-aqui, ó turba de pouco ânimo, como sem mercê vossa sou cristão baptizado, porque veio meu Deus, que a ninguêm teme, e me concedeu o que tanto desejava. Já agora, ó presidente, sabe que nada da perfeita religião cristã me falta. Portanto, determina-te no que hás-de fazer, que a detença está só da tua parte.

— Duas cousas, respondeu o tirano, me retardam: uma, a comiseração e mágoa de ver que endoudeceste; outra, a pena que êste povo há-de ter na próxima solenidade, quando te não vir dançar no teatro e achar a grande diferença de outros imperitos tocando as tuas frautas.

Isto dizia aquele ímpio, sugerido da fraudulência diabólica, para lhe meter saudades dos passados gostos e recordação vangloriosa da estima que entre todos lograva. Porém o santo, advertindo por onde o inimigo

lhe metia esta ponta, acudiu ali pronto com o reparo. E, doendo-se dos públicos escândalos que com o torpe officio de comediante tinha causado, chorou e orou, dizendo:

— Senhor Jesus Cristo, não permitas que pensamento algum de infidelidade corrompa o meu coração; e, pois ouviste meus rogos para me purificar com água, agora os ouve também para destruir com fogo aqueles infames instrumentos do pecado.

Pôs o Senhor a esta petição o despacho de *como pede*. Veio outra nuvem, não de água mas de fogo, ligeira carreta onde vinha cavalgado e já assestado um corisco, que, disparado, tornou em cinza as frautas, vendo-o Apolônio, em cujo poder estavam, e outra muita gente, e Teonas, irmão do santo. O qual correu logo a dar ao presidente parte do sucedido, denunciando-lhe juntamente como aquele diácono dementara a seu irmão, e que o dar-lhe seu vestido fôra supersticiosa cerimónia com que o dedicara a Cristo.

*

*

*

Mandou logo o presidente que Apolônio se apresentasse em juízo; e, havendo êste

obedecido, não por fôrça mas por vontade, diz-lhe, com gesto irado e sanhudo :

— ¡ Maldito mais que todos os nascidos, dá-me aqui razão porque enfeitiçaste o espôso, a glória e as delícias desta nobre cidade! ¿E com que funestos versos infernais encantaste a tua capa, para o apear com ela e tornar apóstata de nossa divina religião? Se te moveu, como ouvi dizer, o horror dos castigos de minha justa indignação e respeitosa severidade, ¿não achaste para substituir aos sacrificios pessoa menos conhecida e necessária que a de Filemon? e, se o apêto do tempo não deu lugar a diligências mais tardias e eleição menos errada, ¿ não podias ocultamente abrir-te comigo, sem carregares delito sôbre delito, ficando agora mais encravado na tua condenação e mais indigno de minha clemência? Porê m é tal a de nossos sacratíssimos príncipes, que ainda se abre o escape e te oferece um livramento, que é sacrificares; porque dêste modo tu, e Filemon com teu exemplo, ambos ficareis remediados; e eu e êste povo nos daremos por ressarcidos. Resta que não desdenhes tão salutífero e oportuno conselho, nem da escada, que te lanço para subires, fazer mais alto o teu precipício;

porque, pelos deuses imortais te juro (ouve e atende bem), pelos deuses da romana potência te torno a jurar, à sua custa experimentarás quanto tenho a mão pesada contra soberbos e rebeldes.

Ouvindo Apolónio esta parlanda, respondeu, com ânimo inteiro e pacato :

— Confesso, na verdade, que pequei : porém não contra ti, senão contra meu Deus e Senhor Jesus Cristo, fiando pouco de sua graça, temendo muito de minha fraqueza. Já o senhor envergonhou e repreendeu a um cristão com um gentio, a um elesiástico com um leigo, a um diácono com um farçante, para que em-fim conheça como êle é o que esforça, o que peleja e o que vence em seus servos, e que na sua mão onipotente o barro já não é barro, mas diamante, e as folhinhas sêcas podem expugnar tôrres de bronze. Portanto, arrependido da minha culpa, confio no perdão dela e que mo pode facilitar a mesma ocasião que dei de nascer-lhe mais um mártir. Glorioso título de que, se eu fugia solitário, agora o venho buscar acompanhado ; e, ansioso, anelo já os mesmos tormentos que declinava, tímido, para compensar dalgum modo com a confissão presente a passada deslialdade.

Com esta desenganada resposta, referveu a ira de Ariano. Manda a três robustos soldados que esbofeteiem o rosto de Filemon, cuja perda mais lhe doía, e de cuja redução mais confiava. Chorava o povo, como se êle fôra ferido; dêste néscio pranto fazia o astuto juiz torcedor para tratar (1) e atrair o coração de Filemon. E, vendo a sua perseverança e alegria no padecer, mandou que ambos fôsem furados pelos calcanhares, com trados, e, metidas por ali as cordas, arrastados pela cidade. Executada esta pena pontualmente, foram outra vez apresentados no tribunal; e o juiz, com escárnio e mofa, disse a Filemon:

— ¿ Que vai, amigo? ¿ Onde está o teu Deus, que te não acudiu em tão urgente necessidade? ¿ Porque não socorre a seus adoradores nos princípios do tormento? Dai-me ouvidos, e sacrificai, antes que passemos adiante, quando ninguêem vos possa livrar das minhas mãos.

Filemon, neste passo, mostrando-se mais manso, respondeu:

— Se queres que te ouça, ouve-me tu primeiro.

(1) Tratar = dar tratos, maltratar.

Com esta razão se alegraram muito, assim Ariano como os do povo que a ouviram, parecendo a todos que já dava esperanças de se reduzir. E o presidente lhe disse que declarasse o que queria, e seria logo servido.

— O que quero, continuou Filemon, é que faças vir aqui uma caldeira grande ou qualquer outro vaso de ferro, bem capaz, com sua tapadoura.

Dito e feito : logo o vaso foi trazido.

— Quero mais, prosseguiu o mártir, que mandes meter dentro dêste vaso uma criança de peito.

Assim se fêz também, e todos os circunstantes estavam suspensos aonde iria parar esta prevenção ou tramóia.

— ¿ Que pedes mais ? disse Ariano. E respondeu Filemon :

— Venham os frecheiros do exército, com as aljavas bem providas, e atirem todos contra o caldeirão de ferro, até lhes faltarem setas.

Mandou o presidente que viessem e fizessem seu officio. Depois disse Filemon que tirassem fora aquella criatura e vissem bem se estava viva, ou se tinha alguma ferida ou nódoa. E como, feito o dito exame, lhe respondessem que estava viva, sã e ilesa,

voltando Filemon para Ariano, lhe disse, em tom mui descansado:

— Tu, juiz, me preguntaste últimamente onde estava o meu Deus que me não acudira na minha grave necessidade; agora te respondo e satisfaço: Eu sou aquella criatura de peito, pois há pouco que nasci pelas regenerantes águas do sagrado baptismo (ainda que tu o não viste) e a protecção divina, que cerca e defende a seus fiéis servos, é mais que uma tórre de ferro e muros de diamante. Logo, ¿ que mal me podiam fazer as setas da tua língua, nem quantos tormentos inventar tua diabólica malícia e crueldade? Digo, pois, que não quero sacrificar, nem tenho mêdo à tua potência, nem me aparto da fé de meu Senhor Jesus Cristo.

Aqui Ariano, rangendo os dentes, chamejando pelos olhos e escumando, de bravo:

— ¡Eia! clama aos verdugos; pendurai logo êsse traidor em uma árvore, e todos outra vez sôbre êle disparem um chuveiro de setas, desde os pés até à cabeça.

Assim se fêz, recolhendo os soldados para êsse efeito as setas, do vaso onde estavam pregadas. Despem e penduram o mártir em um momento; fervem os tiros, zinem as setas, cortando os ares. Mas ¿ que succe-

deu? ; O' maravilhas da protecção divina !
Um, errado o alvo, empregam-se no tronco da árvore; outras, em chegando junto do corpo, perdem a fôrça e caem em terra, como desmaiadas ; outras ficam no ar suspensas, servindo só como de apontar àqueles bárbaros idólatras o que deviam admirar naquele maravilhoso objecto : a Filemon, digo; o qual entretanto orava, dizendo :

— Vinde, meu Jesus, amante da verdade ; vinde em meu auxílio, protector dos desamparados; vinde e mostrai ao ímpio Ariano como todos os que em vós põem sua esperança não serão confundidos.

Faltando em-fim as setas, sem que alguma lograsse, foram os soldados dizer ao presidente o que passava. O qual, como atónito, disse:

— ¿ Ainda vive ?

— Sim, senhor, responderam êles. Vive, e está falando cousas altíssimas.

— Não o posso crer, tornou o tirano, se o não vir com meus olhos.

Sai á pressa de palácio, corre ao dito lugar, olha para cima, cai-lhe a prumo uma das setas e vasa-lhe o olho direito. Então, exagitado com a dor e correndo-lhe o sangue pelo rosto, soltou a maldita língua em mui-

tas blasfêmias. E depois, mandando despendurar o mártir lhe disse :

— ¿ Onde aprendeste tão potente arte mágica, se nunca trataste com cristãos? O que importa agora é que me restituas o olho que perdi por tua causa, que bem sei que o sabes fazer; e eu te soltarei.

Respondeu o santo :

— Se eu rogar a meu Deus e te restituir o olho, é certo que atribuirás às forças de arte mágica; porém, contudo, por que não digas que o meu Deus não pode curar-te, ou que os seus servos dão mal por mal, digo-te que depois que me matares e enterrares, vás ao meu sepulcro e, da terra dêle, feita lodo com água, ponhas sôbre o olho; e receberás luz não só no corpo mas também na alma, que é a de que mais necessitas.

Dêste dito não fêz por então caso Ariano; mas, querendo cortar dilações, sentenciou afinal a Filemon e Apolónio que fôsem degolados, e enterrados onde estavam os corpos de S. Asclas e S. Leónidas. E assim se fêz.

*

*

*

Tomemos agora nova respiração, para atender e admirar outra série de não meno-

res prodígios da bondade e onipotência divina. Ariano, no seguinte dia, dando-lhe a sua vexação o entendimento que sua crueldade lhe negara, começou, mediante a divina graça, a ponderar mais sériamente nas maravilhas e virtudes dos santos mártires, que tinha visto e experimentado. E, como estava preordenado para a vida eterna por êste meio, foi ao túmulo dos santos e tomou a terra dêle, fazendo lodo com água, como S. Filemon lhe tinha dito, e pôs sobre a parte lesa, dizendo :

— Em nome de Jesus Cristo, por quem estes seus servos consumaram o martírio, unjo os meus olhos, para ver e para crer que não há outro Deus verdadeiro, senão o mesmo Jesus.

Disse, e ungiu, e logo lhe foi restituído o olho, são e claro como antes o tinha. E, como as obras de Deus são perfeitas, do mesmo modo os olhos da sua alma ficaram tão esclarecidos com o lume da fé, como quando uma pessoa, saindo de uma escuríssima masmorra, dá de repente com a claridade de um formoso dia. ¿ Quem poderá explicar o gôzo e o júbilo, o pasmo e admiração, o louvor e agradecimento, e outros vários e intensos affectos, em que esta

venturosa alma começou a inundar súbitamente? Na mesma hora sai do tumulto, correndo e clamando pela cidade:

—| Eu sou também cristão; daqui por diante não sirvo senão a Cristo!

Entra no seu palácio, abre os cofres e guarda-roupas, tira sêdas, e panos, e aromas preciosos; envia a chamar a dois bispos, declara com êles o seu ânimo rendido ao suave jugo da lei divina, roga-lhes tomem a seu cuidado edificar, ornar e dar o devido culto ao sepulcro daqueles santos, que êle, quando cego com os enganos da infidelidade, martirizara. E manda abrir de par em par os cárceres e soltar todos os cristãos que ali tinha prisioneiros.

Soleníssimo e sumamente regozijado foi êste dia para tôda aquela atribulada Igreja, que não cessava de dar graças ao Autor de todo o bem, poderoso para fazer em um instante das pedras filhos de Abraão, dos espinhos flores, e da pior cizânia o mais escolhido trigo.

Divulgando-se a fama desta insigne conversão do prefeito da grande Tebaida, chegou aos ouvidos do imperador Diocleciano. O qual, turbado com esta nova, despachou

logo quatro protectores (1) (dêles o principal se chamava Teótico), com ordem que, chegados a Egipto, devassassem do caso e, sendo necessário, lhe trouxessem preso o Ariano. Entram aqueles ministros em Anti-nópolis; consta-lhes claramente da verdade; prendem ao presidente, seguindo a ordem que traziam. Êste, peitando-os, alcançou dêles licença para visitar os santos mártires, antes que se partisse para Diocleciano. E, pôsto diante dêles, orou, dizendo :

—Gloriosos santos, consortes da luz eterna que mana do rosto de Deus, orai por mim a nosso Senhor Jesus Cristo, para que me conforte e faça digno de confessar constantemente seu santo nome !

Neste ponto saíu do mesmo sepulcro a voz de S. Filemon, que lhe respondeu claramente :

— Tem ânimo, Ariano, e nada temas, porque o mesmo Cristo, em quem crês, vai em tua companhia para te fortalecêr e mostrar por ti sua virtude diante do Imperador, e, consumado o martírio, coroar-te diante do trono de seu eterno Pai. Roga por êsses quatro homens que vieram em tua busca,

(1) Espécie de guardas imperiais.

que Deus os faça também participantes do conhecimento da verdade.

Êste maravilhoso oráculo e reposta ouviram os protectores, com grande admiração sua.

Ariano, não cabendo em si de alegria, e certo da sua fé, partiu com aqueles quatro ministros, para se embarcarem em Alexandria; e a oito de seus criados de maior confiança, que levava consigo, disse, com espírito profético :

—Esperai aqui, amigos, pelo meu corpo, porque a oito de Março me mandará o imperador Diocleciano precipitar no mar, metido em um sacco de areia; e dali a três dias, que é a onze do mesmo, sairá nesta ríbeira às costas de um golfinho, perto do meio-dia. Portanto, guardai isto na memória; e, saindo no dito dia e hora, recolhereis meu corpo e o levareis no mesmo sacco, a enterrar junto de meu amigo Filemon.

Recomendado assim êste negocio, e havendo êles prometido fidelidade, partiu Ariano com aqueles ministros, e finalmente chegou a apresentar-se ao Imperador. O qual lhe falou benignamente, dizendo, por via de saúdação cortês :

—;Caríssimo irmão Ariano, em quem confiava nessas partes do Egipto !

E Ariano o ressaudou, dizendo :

— ¡Caríssimo senhor Imperador, que estais feito guia do caminho por onde hei-de ir para a vida!

O Imperador mandou que se lavassem ambos no banho; e aos sacerdotes de Apolo que armassem um altar diante da porta do mesmo banho, com um ídolo daquela falsa deidade, para que, ao saírem, adorassem e sacrificassem ambos. Assim se fêz logo; e, ao sair Ariano, disse-lhe o Imperador :

— Sacrifica ao grande deus Apolo, antes que entremos a cear.

Respondeu êle :

— Não posso pôr em esquecimento e desprezo as maravilhas de Deus, que vi no Egipto, obradas pelos mártires de Cristo. Êsse ídolo é um cepo lavrado à mão ; não deixo por êle a meu Salvador Jesus.

Imaginava o tirano que, à vista de sua imperial autoridade, junta com os termos de lhaneza, e a memória da amizade passada, Ariano se renderia fácilmente, como derribado com um sôpro. Porém, vendo sua determinação, e entendendo bem que esta sua primeira reposta era já a última, deu ordem aos soldados que na mesma hora, acesos fachos e fogarêus (porque era já entrada a

noite), saísem ao campo e fizessem uma cova bem capaz e profunda. Assim se executou, havendo trabalhado muito nisto até amanhecer. E neste tempo saíu o Imperador ao campo, com grande comitiva de oficiais de justiça e guerra; reconheceu a altura da cova, que era mais de vinte côvados; mandou sair ao presidente da Tebaida, lançar-lhe grilhões e algemas e cadeias de bronze, e pendurar ao pescoço uma grande pedra; e que nesta forma fôsse derribado no fundo da cova, e esta se entulhasse de terra e pedras, de sorte que ficasse rasa como antes. E, feito tudo como mandara, disse aos soldados que calcassem em cima, dançando e cantando esta letra :

— ¡Veamos se vem Jesus a livrar o seu devoto !

Tomada esta vingança, muito à satisfação de seu gôsto, montou a cavalo e se recolheu a palácio, parecendo-lhe que tinha concluído gloriosamente a causa de Ariano. Porém, como Deus verdadeiro não é surdo nem cego, como era o seu Apolo, e sabe tapar as bôcas blasfemas que o irritam, sucedeu que, ao entrar o Imperador na sua recâmara, para tomar algum descanso, olhando para o leito, viu na grade dêle pendurados aqueles

mesmos grilhões, algemas e cadeias e pedra, a que mandara amarrar a Ariano; e que êste estava deitado na sua mesma cama, não só vivo, mas alegre e confiado. Turbou-se o Imperador; e o primeiro pensamento que lhe ocorreu nesta vista foi que algum de seus familiares palatinos tomaria aquele atrevimento, ou lhe faria alguma traição. Porêm o mártir:

— Não te turbes (lhe disse, pondo nêle os olhos), que ninguém se levantou contra ti. Eu sou Ariano, a quem há pouco deixaste debaixo de montes de terra, pedra e areia, e carregado de ferros; mas, porque disseste: «Vejamos se vem Jesus livral-o», com efeito veio, e pôs o seu devoto nesta cama, a descansar um pouco do trabalho, para que vejas se é Imperador que prevalece sôbre os imperadores, e se pode livrar os que nêle põem sua confiança.

Estava o miserável Diocleciano aturdido, vendo e ouvindo estas maravilhas. Mas, não abrindo o coração ao desengano, entrou em maior indignação e disse :

— Nunca vi tão potente arte mágica.

E logo, para os seus criados :

— Olá, aparelhai em continente um saco, cosei nêle fortemente a êste mágico, entulhando-o com areia, e precipitai-o no mar.

Aqui os quatro protectores, que se achavam presentes e tinham visto a maravilha, e pelas orações de Ariano andavam abalados, meteram a sua razão, dizendo :

— ¿ Em que pecou, senhor, êste homem de Deus, para o mandares assim lançar no mar ?

— Por nenhuma outra causa, respondeu o Imperador, senão porque é mago.

Replicaram êles :

— Não é mago: servo de Deus, isso sim, e de um Deus que pode dar vida aos que por êle se sujeitam à morte; de um Deus que em um momento o pode tirar debaixo de vinte côvados de entulho e deitar na vossa cama, vivo e descansado como estais vendo; e já lá no Egipto ouvimos nós outro servo seu, já defunto, falar de dentro da sepultura, respondendo ao mesmo Ariano palavras santas e de edificação, e proféticas do que agora vemos ir sucedendo. Não crer o que os mesmos olhos estão testemunhando vai da profunda malícia com que um se faz indigno de conhecer a Deus. E, portanto, nós, a quem sua misericórdia alumiu sem merecimentos nossos, estamos aparelhados para entregar nossos corpos em seu obséquio, certos de que os há-de ressuscitar para a vida eterna.

A estas razões respondeu Diocleciano :

— Já de tempos atrás podieis ter entendido que me éreis aceitos, pois nunca pedistes cousa que vos não concedesse. Agora farei o mesmo: desejais a morte; tê-la heis, pois a desejais.

Teótico, que era o mais autorizado disse;

— Deus reprima, ó Imperador, a malícia com que não recusais deferir ao nosso desejo. Mas ainda tenho mais outro que vos declarar.

— ¿Qual é? disse o tirano; proponde e conseguireis,

— Quero, disse Teótico, que a metade de meus bens tomeis para vós, adjudicando-a ao vosso fisco, e a metade se mande repartir entre pobres.

A isto saíram os outros três protectores, dizendo-lhe : — «Senhor Teótico, cuidemos nós da nossa morte, que desejamos alcançar por honra de Cristo, que êste Senhor cuidará dos seus pobres, como temos experimentado.

Suspensio o Imperador com esta proposta, disse-lhe Ariano :

— ¿Para que nos detendes? que estão esperando as ondas do mar por nossa gloriosa partida...

Então êle mandou que se preparassem outros quatro sacos também com areia, e que metessem nêles os quatro protectores, e lançassem logo no mar todos cinco. E assim se fêz. E, logo que foram lançados, eis veem cortando as salgadas escumas, com os colos erguidos, cinco golfinhos que, some-tendo destramente os lombos cada um a seu sacco, os tomaram como à garupa e partiram ligeiros pelo rumo de Alexandria. Estavam ali no dia e hora prefixa, aguardando, pontuais e solícitos, os criados de Ariano, que, esperando um só golfinho com um sacco, e vendo vir cinco com cinco, duvidaram e diziam entre si:

— ¿Será esta a profecia de nosso amo Ariano? e qual será dêstes cinco corpos?

Neste tempo o golfinho maior se adiantou e, enxorando (1) no areal da praia, depôs a sagrada carga das relíquias; e, abrindo a bôca, saúu dela uma voz humana, que dizia:

— Não duvideis: êste é o corpo de Ariano. Os outros quatro são dos protectores que com êle foram dêste pôrto e com êle no mesmo dia foram coroados de martírio. Le-

(1) = encalhando.

vai-os todos ao sepulcro de Asclas e Filemon.

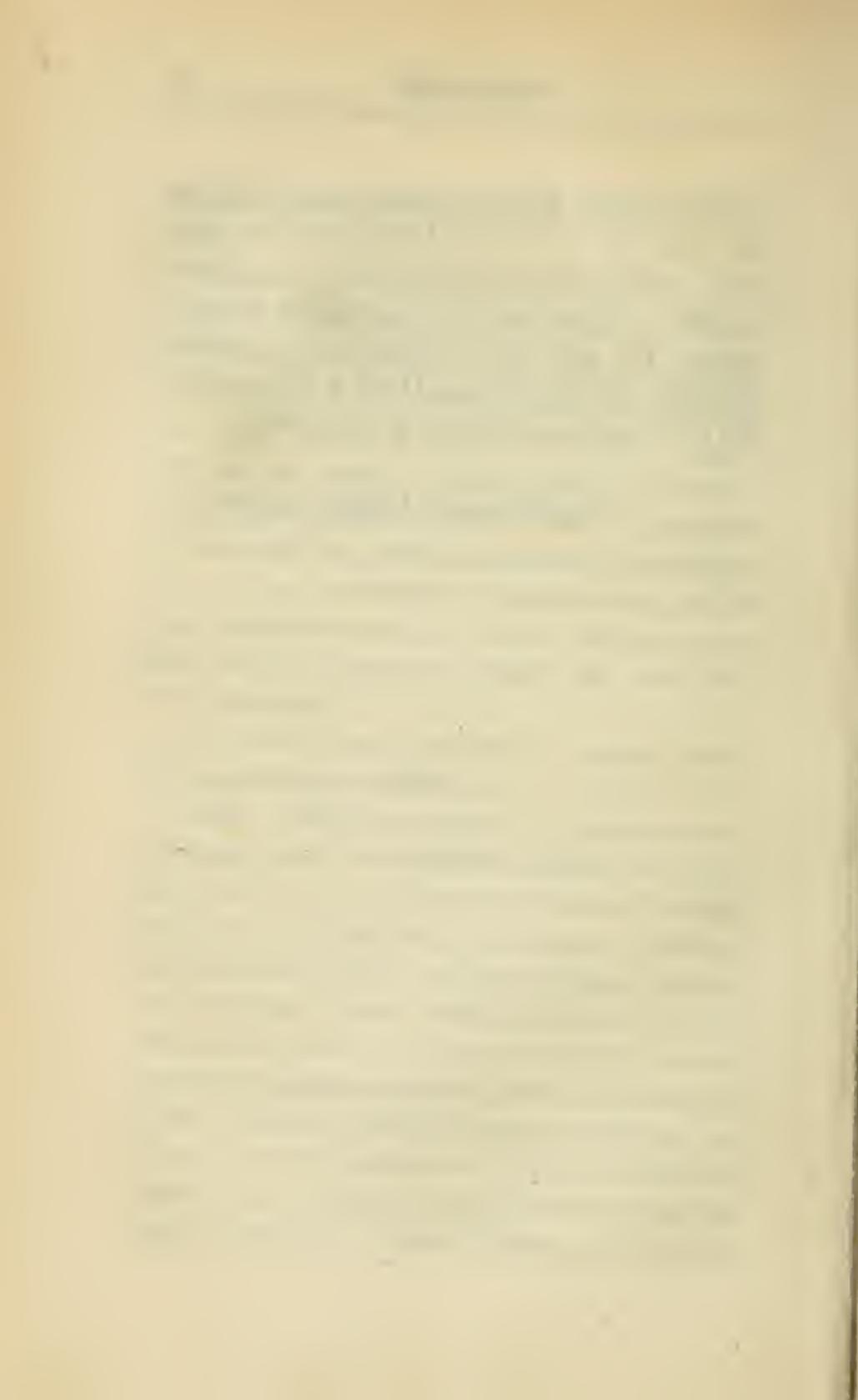
Obedecendo, pois, aqueles servos a tão clara e maravilhosa demonstração da vontade divina, recolheram com reverência aqueles corpos e em forma decente os puseram em uma barca, à qual, mandando o que a governava soltar as velas, apenas começou a navegar quando, sôbre todos os que nela iam, assim de gente do mar como passageiros, veio um profundo e quieto sono, de que em três dias com suas noites nenhum acordou, senão quando ao quarto dia soou uma voz, que dizia:

— Levantai-nos, que êste é o lugar da sepultura dêstes mártires.

Então, abrindo os olhos, se acharam impensadamente surtos nas ribeiras de Antinópolis. Os que saltaram em terra divulgaram logo o prodígio, a cuja fama, alvoroçados todos os fiéis, e até os mesmos gentios, concorreram parte com palmas e ramos, parte com círios e perfumes; e, depostos os sagrados penhores sôbre altares, se formou uma numerosa procissão até o sepulcro dos outros quatro mártires — Asclas, Leónidas, Apolónio e Filemon — em cuja companhia foram colocados, obrando Deus, para maior

honra de seus servos e celebridade daquele dia (que foi a 14 de Março), muitos milagres, assim na repentina saúde de vários enfermos, como na cura de muitos energúmenos. Do que tudo redundaram grandes cúmulos de glória para Deus e de consolação e aumento para aquela cristandade.

(*Nova Floresta, Alegria, Tristoza.*)



ALFÂNDEGAS DAS ALMAS

NA cidade de Cartago, em África, nos tempos de Nicetas, patrício, houve um soldado pretoriano, alcaide de certo magistrado maior, o qual estragara muito com pecados sua primeira idade; e depois, por ocasião de uma geral pestilência, compungido e temeroso com a mortandade de tantos tão repentinamente, se retirou, com sua mulher, a uma quintinha nos arrabaldes. Porém nem aqui o deixou o demónio prosseguir quietamente seus exercí-cios de devoção e penitência; antes o fêz cair em adultério com a mulher de um rústico, seu vizinho. Não muito depois, adoeceu e morreu de males; porque os da pena se proporcionam com os da culpa.

Havia, em distância de uma milha, um mosteiro, cujos religiosos, rogados pela mulher do soldado, o acompanharam e enter-raram na sua igreja à hora de Têrça. Mas,

estando depois rezando Noa (1), ouviram uma lastimosa voz, que parecia sair daquela mesma sepultura e dizia :

— ¡Misericórdia, tendede mim misericórdia!

Certificados mais que daquela parte procedia aquele gemido, acodem logo a revolver a campa; acham vivo o soldado. Uns o elevam da cova, outros lhe desatam as estrigas (2), outros lhe perguntam o que lhe sucedera; e todos, admirados, estavam pendentes da bôca do redivivo, esperando novas do outro mundo. Mas êle, podendo mal formar algumas palavras, entre muitos gemidos rogou que o levassem à presença de Talássio, varão santo que florescia então naquelas partes. Levado ali, com efeito, informaram a Talássio do que tinha passado, o qual por três dias continuou em dar-lhe as consolações e doutrinas em tal caso oportunas, e no quarto o veio a reduzir a que contasse o que lhe sucedera. Cuja relação, acompanhada com pranto e interrompida com suspiros, foi a seguinte :

— ¡Irmãos caríssimos! Quando eu estava

(1) Officio divino, rezado à hora de Noa, isto é: entre a Sexta e as Vésperas.

(2)=fibras que se fiam em cordéis, como o linho.

em passamento e já quási arrancando, vi diante de mim uns feros negros agigantados, cuja vista me era mais odiosa e insofrível que qualquer outro tormento; e a alma, conturbada e medrosa, se encolhia todo o possível dentro de si mesma. Daí a pouco vi dois mancebos formosíssimos, e logo a minha alma saltou fora do corpo e se lhes pôs nas mãos; e comecei a voar em sua companhia por essas regiões aéreas, onde encontrámos várias tropas, como de malsins e cobradores, que cercavam os caminhos e detinham os passageiros. E havia também muitas como alfândegas ou mesas, cada uma com seu almoxarife com livro de razão; e pediam conta, uns dêste vício, outros daquele, cada qual do que lhe tocava; e sem pagarem não os deixavam passar adiante. Ninguêem pode explicar a severidade, apêrto e miúdeza com que faziam o seu officio.

«Cada vez que eu empatava em algumas destas aduanas, via que os meus dois companheiros, metendo a mão em umas bôlsas em que levavam tôdas as minhas obras boas que tinha feito, tiravam com que pagar aos cobradores, que pesavam tal por tal, palavra proveitosa por palavra ociosa, verdade

por mentira, applicação na reza por distracção e, em-fim, virtude por vício, com exacção e miúdeza suma; e, feito isto, passávamos livres adiante. Até que chegámos á alfândega da luxúria, que estava mui acima, e já as minhas bôlsas iam vazias. Ali me agarraram os malsins e me representaram vivísimamente na memória quanto neste vício tinha delinqüido, que era muito e mui feio, porque de idade de doze anos comecei a depravar-me. ¡ Oh anos da minha perdição e miséria! Estava eu desconsoladíssimo e desanimado por ver tanta fealdade, de que não podia negar ser o autor. A isto acudiram meus companheiros, dizendo que tudo o que pertencia a êste ponto estava perdoado de graça, quando deixara a cidade e me retirara a melhor vida. Porém da contrária parte replicaram que, ainda depois da retirada, cometera adultério duplicado, de casado com casada. Neste passo os meus companheiros, não achando nas bôlsas virtudes que pôr contra tão grave pecado, deixaram-me ali, como penhor ou represália, e se ausentaram.

«E logo aqueles etíopes, arrebatando-me furiosamente, me açoitaram e derribaram em terra; a qual abrindo-se, fui levado por

umas cavernas medonhas, por umas encruzilhadas subterrâneas escuríssimas e apertadíssimas, até chegarmos ao reino da morte eterna, onde com os miseráveis condenados moram a tristeza imortal, a dor inconsolável, o pranto, o rugir dos leões esfaimados e, finalmente, a total ausência de Deus, irado e irreconciliável. Dizer o que ali passa, sem que jamais possa passar por tôda a eternidade, não cabe na língua humana: e, por isso, eu antes queria calar-me. Choram os réprobos lágrimas que queimam e ninguém se condói. Ouve-se o bater de dentes e não há esperança de remédio. Puxam do íntimo do espírito uns gemidos mui tristes e prolongados, e não aparece o rosto da misericórdia, porque tudo ali é

Confusa multidão de ais e clamores,
De atormentados e atormentadores.

«Aqui fui arremessado como infame galecte (1), condenado, segundo o que me parecia, ao mesmo remo da miséria última e interminável; aqui a estive carpindo até que,

(1) = homem obrigado a remar nas galés de El-rei em tempo de guerra.

à hora que depois conheci ser de Noa, vi outra vez os dois anjos, a quem comecei a rogar, com quanta instância pude, que me tirassem daquele calabouço, para fazer penitência com que aplacasse a Deus e satisfizesse por meus pecados.

«— Debalde rogas (me responderam os anjos), porque nenhum dos que aqui estão sairá, senão no dia da ressurreição universal.

«Porém, perseverando eu, todavia, em pedir tempo de penitência e prometendo de a fazer cumpridamente, disse um dos anjos para o outro :

«— ¿ Ficas por fiador dêste, que fará penitência, se tornar ao mundo ?

«— Fico, respondeu êle. E vi que lhe deu a mão, a qual o outro aceitou. E logo ambos me tiraram fora, e trouxeram a terra, e me meteram dentro da sepultura junto ao meu cadáver, dizendo :

«— Entra donde há pouco te apartaste por divórcio.

«E a minha alma via a sua natureza própria, à semelhança de um cristal transparente ou de um diamante bem lavrado; e a do seu corpo, aonde havia de entrar, por modo de um montezinho de lôdo escuro, e asqueroso sumamente; e se lhe fêz mui

duro e molesto o preceito de entrar ali e tornar a ser moradora de tão triste, imunda e estreita casa. O que vendo os anjos, lhe disseram :

«—No corpo pecaste, no corpo é preciso que faças penitência.

«A minha alma lhes requeria que a deixassem ficar fora; porém êles responderam:

«—Desengana-te que, ou hás-de entrar aqui, ou tornar para aonde te trouxemos.

«Entrou então, quasi violentada. E comecei a clamar desde a sepultura: *¡Misericórdia!* que foi a voz que ouvistes».

(*Nova Floresta, Amizade.*)

OS PORTUGUESES, FLAGELO DE MOIROS

EDIFICANDO Afonso de Albuquerque, primeiro governador da Índia, uma fortaleza em Ormuz, Coje Atar, que governava em lugar de el-rei Ceifadim, e que nisso tinha consentido mais por medo do que por vontade, fazendo-se juntamente tributário a el-rei de Portugal em dezassete mil xerafins cada ano, usou desta astúcia para divertir a obra e isentar-se do tributo:

Fingiu serem vindos os embaixadores de elrei da Pérsia, a cobrar o tributo que costumava pagar-lhe, e enviou a dizer ao Albuquerque que respondesse êle, visto que Ormuz se achava debaixo da vassalagem delrei de Portugal. Suspeitou o Albuquerque o dolo, e disse que lhe remetesse os ditos embaixadores, ou quaisquer outras pessoas em seu nome, para levarem a repostas. Mandou Coje as que lhe pareceu, por sus-

tentar o stratagemas ; e elle lhes encheu as mãos de balas, dardos, ferros de lanças e farpões de setas, e lhes disse :

— Bem podeis assegurar lá como nesta moeda pagaremos o tributo, se quiserem vir cobrá-lo.

Bastava ser Ormuz de gente maometana para que, ainda precisa (1) a próspera fortuna e grande valor do ínclito Albuquerque, fôsse conquista e troféu das armas portuguezas. Porque estas foram por Deus especialmente elegidas para perseguição e estrago daquela ímpia e sórdida gentildade ; e, assim, emquanto os Portuguezes seguirem com justo direito esta vocação, podem esperar felicíssimo êxito de suas emprêsas.

Logo desde os berços desta monarquia abonaram os efeitos essa verdade. Só o conde D. Henrique, nobilíssimo tronco da rial árvore dos monarcas portuguezes, venceu contra mouros 17 batalhas campais. Na célebre do campo de Ourique venceu e destrôçou el-rei D. Afonso Henriques com 10.000 infantes e 1.000 cavalos, a 400.000 maome-

(1) = tirada, posta de parte, não considerada.

tanos, isto pelo cômputo de quem mais abate este número, que outros o sobem a 600.000, e outros dizem que havia para cada cristão cem infiéis. Na tomada de Lisboa (que foi no ano de Cristo 1148, a 25 de Outubro), morreram 200.000 mouros. O mesmo rei desbaratou um exército de 40.000 cavalos, e 60.000 infantes, com que el-rei mouro de Badajoz vinha socorrer a Cezimbra. E em diversas ocasiões êle só venceu a trinta reis (para que não fôsse singular nesta glória o famoso Josué).

Nem podemos attribuir estas vitórias a pouca gente dos exércitos contrários; por que, compensando uns com outros, lhe tocam a cada um 50.000 homens. No tempo del-rei Afonso II foram vencidos em Salácia (Alcácer do Sal) mais de 60.000 mouros. E na célebre batalha do Salado, em que el-rei D. Afonso IV de Portugal ajudou nervosamente a el-rei de Castela, morreram 200.000, pelo cômputo mais escasso. Reinando D. Afonso V, cercou el-rei de Fez a Alcácer Ceguer com 30.000 cavalos e inumeráveis de pé; mas, saindo de dentro pouco mais de 30 cavaleiros portugueses, mataram tantos que os outros, com mêdo, levantaram o cêrco. A mesma felicidade se viu na tomada

de Ceuta em tempo del-rei D. João I, e nas de Arzila e Tânger em tempo do dito D. Afonso V, e nos famosos sítios que sustentaram nossos capitães nestas praças, em a de Mazagão (ou «Aula rial», que isso quer dizer em arábico «Mazagão»), e nas de Diu, Calecute, Chaul, Columbo, Cananor, Cochim, Malaca, contra mui poderosos inimigos.

✱

✱ ✱

Para que mais particularmente conste de que parece que Deus criou a nação portuguesa para estragos, desprêzo e ralé (1) da sarracena, quero referir aqui alguns casos que dentro das mesmas ferocidades de Marte descobrem um não sei quê de cómica graciosidade.

Na batalha que D. Francisco de Menezes, capitão de Baçaim, venceu contra um poderoso campo de Nizamora, um fulano

(1) *Ralé* ou *relé* significa propriamente o animal em que a ave de caçar costuma fazer presa: *a ralé do falcão são pombas*. Aqui parece haver inversão dêste sentido, que é o geralmente dado á palavra pelos clássicos.

Trancoso, depois de haver bem pelejado, pôde alcançar com um braço a um mouro pela petrina (que era um cinto, que usavam, de muitas voltas); e, como era agigantado de membros e fiava de suas fôrças, o levantou no ar por rodela (1), e se lançou entre os mouros, matando muitos a seu salvo, porque os golpes que lhe atiravam recebia com destreza no miserável corpo do agarrado; o qual era juntamente seu inimigo de vontade e seu protector contra vontade, porque o braço a que servia de rodela lhe dava tantas cutiladas, quantas fazia que aparasse. Com que, assim, êste mouro, como os mais que chegaram, eram todos em ajuda do Trancoso: êste, porque o defendia dos mais; e os mais, porque, dando neste, lhe escusavam êste trabalho.

¡Raro modo de fazer do couro alheio coura (2) própria! Lá dizia uma valorosa matrona Lacena, abraçando o escudo a seu filho que partia para a guerra: *Aut cum hoc, aut in hoc*: Vêde que ou haveis de tornar vivo com êste, ou morto sôbre

(1)=como escudo.

(2)=escudo de couro, como claramente se vê do final do parágrafo.

êle. No nosso caso, pouco se lhe dava ao Trancoso de deixar na refrega o escudo; antes, quanto mais lho rachassem, tanto mais folgado e contente se recolheria.

*

*

*

Em Ceuta, indo D. Afonso da Cunha, em certo recontro, atrás de um mouro, ao atirar-lhe uma cutilada lhe resvalou a espada e saltou fora da mão; mas, em vez de assustar-se com o caso, tomou maior cólera e gritou ao mouro, dizendo-lhe :

— Oh cão, levanta e traze aqui logo.

E o mouro, temendo que, se não obedecesse, tinha a morte mais certa, voltou humilde, levantou do chão a espada e lha entregou. E o Cunha então, compadecido, o deixou ir livre. De sorte que êste português usava daquele mouro como de inimigo para o recontro belicoso, como de escravo para o mando senhoril e como de liberto para a manumissão (1) fácil; ou fazia conta que aquele infiel era juntamente caça e cão: caça para correr perseguindo-a, e cão para

(1)=alforria

lhe trazer o que caísse. Ao cão chamou S. Gregório Nisseno espada viva do homem : *Hominis gladium vivum*. Como aqui o cristão era o homem e o mouro o cão, no cão achou o homem à mão uma espada, quando viu outra fora da mão; e mandou à sua espada viva que lhe trouxesse a sua inanimada.

*

* *

No cêrco de Diu, que sustentou o grande capitão António da Silveira, sendo Fernão Penteado ferido gravemente na cabeça, foi ao cirurgião que o curasse; e, achando-o ocupado na cura de outros, em-quanto aguardava a sua vez ouviu estrondo de um rebate que os turcos davam; e, não lhe sofrendo o coração não se achar nêle, correu àquela parte; onde, envolvido na refrega, ganhou segunda ferida grave na cabeça. Com que, apertado, tornou ao cirurgião, a quem achou ainda mais ocupado que antes. E, como neste tempo os turcos apertassem muito com os nossos, êle tornou a acudir com grande alvoroço, onde recebeu terceira cutilada no braço direito; e veio curar-se de tôdas três.

De sorte que, assim, ia êste soldado buscar mais feridas, como se, achando o cirurgião ocioso, quisesse dar-lhe em que se ocupar; e mais falta fazia ao seu natural a briga do que à sua cabeça o sangue, querendo antes ferir-se depressa do que curar-se devagar. A tarântula, (1) ainda depois de esmagada, salta, se lhe tangem; êste animoso guerreiro, ainda rôta a cabeça, pulava, se ouvia estrondos militares, porque eram música para êle.

No mesmo cêrco outro português, cujo nome se lhe não sabe, acabando-se-lhe as balas e não tendo à mão com que carregar o mosquete, abalou e desarraigou um dente e com êle, em lugar de bala, fêz o tiro e acertou em um turco, para o qual não foi favo doce, senão bocado amargo-so, isto que saú da bôca dêste leão. Adoptou na do mosquete o dente da sua, mandando-lhe que mordesse ao longe, já que não podia de perto.

(1)=aranha venenosa, cuja mordedura «dizem que se cura com certos sons de musica» (Morais, *Dicionário*).

*

*

*

Outros muitos casos semelhantes omito, porque ao meu intento bastam os referidos. Agora o que esperamos é que a última e total ruína do Império otomano se deva também, por eleição divina, às armas portuguesas, conforme os mesmos mouros temem e se diz terem disso tradição antiga. Do vaticínio do santo fr. Gil, português, religioso da sagrada Ordem dos Prêgadores, que entre êles corre por ser de tempo imemoriável (e escuso trasladar por ser tão sabido), vimos de próximo verificadas e cumpridas as cláusulas que tocam a Hungria, França e Inglaterra. Seguem-se outras que tocam à Lusitânia, entre as quais uma é a ruína do dito Império: *Imperium Othomanum ruet*; e outra que a casa de Deus será recuperada: *Domus Dei recuperabitur*. Nem deve fazer dúvida que a latinidade dêste papel é mais limada do que naquele tempo se usava em Portugal, porque o santo estudou em Paris, onde se abalisou nas letras, e teve pacto com o demónio para aprender as sciências fácilmente; e depois foi sua conversão maravilhosa, e teve notá-

veis e freqüentes êxtases e revelações, cuja qualificação deixamos com ânimo rendido, ao juízo da Santa Sé Apostólica, a quem privativamente toca.

E, tornando ao nosso grande Afonso de Albuquerque, tanta fama ganhou de conquistador valoroso, que a cidade de Goa não queria largar seus ossos para se trasladarem à de Lisboa, como se lhe parecesse que nêles, ainda que secos e frios, conservava um certo género de presídio (1) contra as bárbaras invasões de seus inimigos, e vinculado um como prazo (2) de vencê-los. Mas dizem que, obrigada por censuras, os deixou levar, e descansam no convento de N. Senhora da Graça. Não teve na terra prêmio competente a suas acções heróicas. A causa parece que se colhe suficientemente de um dito seu, em ocasião que acabava de ler certa carta del-rei D. Manuel :

—Fulano e fulano (disse êle para alguns circunstantes), que eu enviei para o reino presos por graves culpas, tornam cá, um por capitão de Cochim, outro por secretá-

(1)=auxilio, socorro.

(2)=compromisso.

rio. Eis aqui fico eu mal com el-rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor del-rei. Velho, acolhe-te à Igreja; já é tempo de morrer, pois assim importa à tua honra; e eu sei que não deixarás tu de fazer o que à tua honra importa.

(Nova Floresta, Armas).

XI

O DRAGÃO DE RODES

NA ilha de Rodes, não longe da igreja de Santo Estêvão, há uma eminente e soberba rocha, solapada nas raízes com uma cova profundíssima, donde, como de funeral garganta, mana um regato de moderada corrente.

Nesta cova tinha sua morada subterrânea um dragão tão horrendo, disforme e formidável, que não sómente infestava tôda a parte oriental da ilha, com ruína e mortandade dos homens e dos gados, mas ainda, só com o álito venenoso, corrompia os ares; de modo que sem manifesto risco da vida ninguém podia chegar-se àquele sítio. Causa por que o Grão Mestre da Religião Jerosolimitana (1), por público édito seu, fizera defeso

(1) Os cavaleiros da ordem de Jerusalém foram instalados na ilha de Rodes por Foulques de Villaret, seu grão-mestre (1309).

aquele passo a qualquer condição de pessoas, cominando aos mesmos cavaleiros da Ordem pena de privação do hábito, e de morte, por onde foi chamado comumente aquele lugar *Mal passo*.

Havia naquele tempo um cavaleiro, mancebo nobilíssimo, natural de Gasconha, dotado de fôrças, assim do coração como do corpo, por nome frei Adeodato de Gozon. Reputou êste por cousa indigna e de não leve opróbrio para os cavaleiros da Ordem que, entre tantos e tão esforçados, não houvesse algum que ousasse opor-se a esta comum calamidade, para reparar os danos públicos. E, inflamado do desejo de honra e fama imortal, e também do amor da república (1), entendeu que não podia oferecer-se melhor ocasião de livrar a ilha de opressão tão grave e adquirir nome esclarecido, que saindo com um novo e estupendo desafio a pelejar com êste monstro ; confiando do favor do Céu e justiça da causa, que sua fortaleza e indústria teriam feliz êxito nesta nunca ouvida emprêsa. Porém, porque o édito do Grão Mestre obstava a

(1) = do bem público.

seus intentos, se os comunicasse, começou a maquirar como poderia, só e sem dar parte a alguêm, conseguir o fim dêles.

Primeiramente, chegando ao lugar da rocha com cautela e segrêdo, observou, como desde uma atalaia, a grandeza e forma do dragão, a qual era esta, como se viu depois mais perto :

O corpo tinha a grossura de um grande boi ; o colo, comprido e áspero, acabava em cabeça de serpente ; e nela tinha orelhas compridas, à semelhança de mu (1) ; a bôca, mui rasgada e armada de agudíssimas prêsas ; os olhos, grandes e atrozes, fuzilando lume. Tinha quatro pés, à maneira dos de urso, com unhas como fouces afiadas ; o mais corpo e cauda, totalmente como de crocodilo ; porêm todo êle coberto (ou digamos catafracto (2), de uma continuada malha de conchas impenetráveis, sobrepostas umas a outras com travação fortíssima. Das ilhargas se estendiam duas asas de grossa cartilagem, com barbatanas como as dos golfinhos, pela parte de cima azul, pela debaixo

(1) = mulo, macho.

(2) = couraçado.

de sangue misturado de pálido; e desta côr era o mais corpo, com suas malhas.

Corria tão velozmente (porque juntamente se aproveitava dos pés e das asas) que um cavalo, fugindo com o mais desapoderado ímpeto, lhe não escapava. Quando êste irracional Caco saía da sua caverna a buscar presa, com o ruído das duras escamas e com o silvo poderoso, quási matava de mêdo os animais que, ainda de longe, o ouviam. Temos proposto a forma do monstro; vejamos o desafio:

O valoroso Adeodato, havendo já observado quanto lhe era necessário, alcançou licença do Grão Mestre para deter-se algum tempo na pátria, sob pretexto de negócios domésticos; e, partindo logo sem demora, começou a prevenção da destinada obra.

Mandou figurar de estôpa e pasta o feitio próprio da fera, remedando quanto foi possível à semelhança natural, que trazia impressa em sua fantasia. Logo comprou o mais fogoso e forte cavalo que pôde achar, e dois mastins de Inglaterra, corpulentos e ferozes (dizem que, para saírem de melhor raça, atam ali às árvores as cadelas, onde as possam achar os tigres).

Isto assim aparelhado, fazia, por indústria de alguns criados fiéis, entrar e sair de uma cova o dragão fingido; e, por meio de cordas e vários engenhos, abrir a bôca, bater as asas, torcer a cauda, etc. Logo, instigava os cães, e picava o cavalo, e brandia a lança, e se exercitava em fingido conflito com aquele mentiroso monstro.

Neste ensaio continuou dois meses, até que, estando bem adestrado, voltou para Rodes, onde, sem interpor demora, se armou de armas defensivas e ofensivas, e na dita igreja de S.^{lo} Estêvão com larga oração se encomendou a Deus, por intercessão do mesmo glorioso proto-mártir e do patrono da Ordem, S. João Baptista. E logo, montando naquele mesmo cavalo, foi a demandar, animoso, a cova do dragão, dando primeiro ordem aos criados que, subindo-se à rocha, vissem o successo do desafio. No qual, se êle morresse, ficando a fera viva, tratassem de salvar-se, fugindo; mas, se vissem que êle ficava desacordado, por causa do pestífero alento do dragão, acudissem prontamente com poderosos contra-venenos, de que iam apercebidos, para confortá-lo.

Entra, pois, o esforçado cavaleiro pelo

boqueirão da bruta caverna; e, não sentindo cousa alguma, fêz ruído e deu vozes para provocar a fera. E logo, pelo arrojado escamoso corpo e pelo silvo horrível, sentiu que vinha subindo pela garganta da tenebrosa gruta. Então se saíu com presteza e esperou fora, em uma planície, ao seu competidor. O qual, dando a presa já por pasto de suas vorazes entranhas, correndo e voando juntamente, investiu a êle com furi-bunda sanha.

Porêm o intrépido antagonista, metendo pernas ao ginete e instigando aos coléricos mastins, que, de tão largo tempo adestrados, não estranharam o horrível e disforme do monstro, abalou contra êle e lhe descarregou sôbre as conchas uma tão poderosa e valente lançada, que a lança, bem que firme, estalou em pedaços, deixando aquele robusto braço destituído da principal peça de suas armas. Mas, porque os alões tinham ferrado fortemente dos genitais da fera, e a atormentavam duramente, em-quanto se defendia dêles teve Adeodato lugar de apear-se; e, metendo mão a uma espada larga, começar novo e mais empenhado combate.

Então a fera, chamejando-lhe os olhos

áscuas (1) vivas de ira, ergueu-se sôbre os pés e, desembainhando as garras das mãos, pretendeu com uma pegar-lhe do broquel e com a outra derribar em terra ao seu competidor. Mas êle, tomando coragem do seu mesmo perigo, e vendo descoberta a parte anterior do colo, que era mais mole, lhe en-sopou nêle a espada tão felizmente, que logo começou a vazar-se em espadanas de sangueira. E todavia, estimulado o dragão com nova ira causada da dôr, ergue o colo, forcejando por chegar a seu contrário: mas isso mesmo lhe fêz a ferida mais vasta e rasgada. Porque, sustentando Adeodato a espada firme, mais lhe servia já de serra do que de espada, com que lhe veio a escalar tôda a garganta, por onde, exausta já de sangue, caíu, em-fim, morta, levando de-baixo a Adeodato, que, cansado do conflito, e atenuadas as fôrças com o muito dispêndio de espírito que o ardor da luta derramara, não pôde sustentar o grave pêso da disforme bêsta, e ficou desmaiado, pela actividade do pestífero fartum que exalava.

Era êste o precioso ponto em que necessitava da fidelidade e diligência dos seus cria-

(1) = brasas.

dos (que, se fôsem igualmente animosos como seu amo, por ventura lhe não guardariam tão pontualmente a palavra de não acudir antes). Descem prontos, apartam com trabalhos aquele cadaveroso volume que tantas vidas sepultara e, ainda jazendo imóvel, afugentava os olhos e mãos dos que o arrojavam (1). Tiram debaixo a Adeodato, quasi sem sinais de vivo, porém já com glórias de vencedor. Trazem nos chapéus água fria da vizinha fonte, que, lançada sobre o rosto, e applicados os antidotos, o fêz tornar em si.

Passado o tempo que foi necessário para os mais fomentos convenientes, voltaram, em-fim, para a cidade, onde o Grão Mestre soube logo do que havia passado. E, podendo Adeodato daqui esperar honra e favor, succedeu pelo contrário; porque êle, convocando os do seu conselho, em presença de todos o repreendeu ásperamente, assim pela ousadia presuntuosa como pela violação do edital, em cujo cumprimento foi privado do hábito, e preso em um duro cárcere.

(1) = arrastavam.

Entretanto, divulgada a façanha por tôda a ilha, e alvoroçados os corações com alegria, aclamavam e aplaudiam a seu libertador. Com que o Grão Mestre, havendo dado já lugar bastante aos rigores da justiça, tornou sôbre si, considerando o grande trabalho e merecimento do cavaleiro, e não sómente o soltou e restituiu ao hábito, mas o honrou com novas dignidades.

(Nova Floresta, Armas).

XII

A ESPADA DA LEI

TRAZIA o imperador Carlos Magno o sinete das suas armas aberto no pomo da sua espada. Preguntado que mysterio ou cifra continha o estar ali, respondeu:

—É dizer que, para se observarem minhas ordens e decretos, se não bastar a autoridade do sinete, usarei da violência da espada.

Não sem misteriosa disposição da natureza está na mão o dedo pólex junto do índice, para ajudá-lo e socorrê-lo. Em quem governa, pouco importará a fôrça directiva, se a não acompanhar a coactiva. Promulgar léis, e não propugnar essas léis, fazendo que se guardem, mais é vitupério do legislador do que administração da república. S. Paulo diz que quem não quizer andar temeroso do príncipe ou magistrado tem fácil o remédio, obrando bem, porque os fios da espada que êste traz não cortam senão pelo mal. Mas

quem obra mal, razão é que tema, pois essa espada não é só para amostra, senão para efeito.

Por isso Teodorico, rei, escrevendo a um seu ministro, lhe recomenda que debaixo da moderação de ânimo mostre alguma ira, e junto com a madureza, eficácia; porque não quiere sómente que suas disposições sejam bem avaliadas, senão mui temidas. E em outra parte diz que só o mêdo coíbe aos que a lialdade prometida não sustenta.

(Nova Floresta, Armas).

XIII

NECESSIDADE E APETITE

PREGUNTADO S. Francisco de Assis porque se negava ao necessário para a sustentação da vida humana, respondeu :

—Difícil coisa é satisfazer à necessidade do corpo e não obedecer à lei dos apetites.

É mui difícil discernir quais são os precisos limites por onde confrontam estes dois vizinhos: *Necessidade* e *Apetite*; porque ambos se fundam na natureza, e o mesmo ramo que leva uns frutos bons ou indifferentes leva outros ruins e venenosos. Quem há-de definir ao justo: «Atéqui é necessidade de comer, ou beber, ou dormir, ou conversar; daqui por diante já é vício»?

No *Prado espiritual* se conta de um virtuoso monge a quem o seu abade mandou guardar os cochinos do convento, que anda-

vam pastando debaixo dos bolotais da mesma casa. Alguns vizinhos, cujas fazendas do mesmo género confinavam com aquela, instigados da enveja e malícia, se punham à espreita para, tanto que algum daqueles animais saísse fora dos seus limites, tomá-lo por perdido e matá-lo.

Andando os dias, desejou o monge peguereiro subir ao seu convento para tomar alguma refeição de espírito com os santos exercícios que costumava. Não tendo, porém, quem por entretanto ficasse de guarda, e confiado na virtude divina, chamou a tôda a grei e lhe intimou, da parte do Senhor, que até êle tornar nenhum dêles passasse de tal e tal marco, que eram os das próprias terras.

¡ Caso maravilhoso !

Tão pontuais obedeceram todos que, em chegando ali em busca da lande, nem um só pé punham fora, e logo revoltavam para dentro. Até que os vizinhos, enfadados da espera, entraram, e às vergastadas os procuravam desencaminhar para fora ; porém, por muita instância que nisto puseram, nunca puderam conseguir ; porque, tanto que os perseguidos animais chegavam ao termo sinalado pelo monge, como se topassem com um muro de pedra e cal, tornavam a fugir

para dentro. Reconhecida, em-fim, a maravilha, pediram aqueles homens perdão do seu depravado intento, contando o caso.

E, aplicando eu êste ao nosso, digo que, se os brutos dos nossos apetites foram tais que lhes pudéramos impor semelhante preceito: «até aqui chegai, até aqui não»—fácil fôra largar à natureza o que lhe compete, sem perigo de se desmandar. Porém êste mau gado anda solto à bolota, sem distinguir a que é sua da que é alheia; e, quanto mais engorda, mais grunhe. E não se divisam bem os marcos dêstes dois terrenos. Logo, é conveniente encurtar o da necessidade, para que se não confunda com o do apetite.

A esta dificuldade de distinguir o necessário do supérfluo acresce outra, que é de negar o supérfluo e ilícito, se nos não negarmos também em parte no licito e necessário. Usemos para o declarar de outros similes :

Quero endireitar uma vara que está torcida. ¿Bastará porventura trazê-la com moderada fôrça até aquele ponto em que fique direita? Não, por certo; senão que é necessário repuxar para a parte contrária, como se a minha tenção fôsse, não tirar-lhe o torcimento, senão trocá-lo por outro. Quero

passar um rio caudaloso de ribeira a ribeira. ;Bastará meter a proa em direitura da paragem onde pretendo desembarcar? Não, por certo; senão que é necessário metê-la muito mais arriba, porque a fôrça da corrente ma fará insensivelmente vir descaindo.

Pois, assim também para uma pessoa endireitar as suas más inclinações, não basta que procure pôr a natureza em uma mediania racionável, senão que é necessário puxar para o extremo contrário; e, para vir sair com a mortificação ou negação do ilícito, é necessário emproar mais alto, abraçando a negação do licito. *Verb. gr.*, para que o appetite não peça o almôço que era supérfluo, é bem negar à natureza a ceia que era necessária. Por que o appetite não cobice o alheio, que é ilícito, é bem negar à natureza ajuntar e guardar o próprio, que é licito.

De semelhante indústria usava S. Pedro de Alcântara, que, quando o corpo lhe pedia mais roupa, porque estava frio, tirava o manto e ficava mais frio; e, quando depois lho restituía, já ficava satisfeito e contente com aquilo mesmo que dantes lhe não bastava...

(*Nova Floresta, Appetites*).

XIV

O FURTO DO SÊLO RÉGIO

Foi o caso que na China veio certo ministro rial por visitador de uma cidade, pelo qual officio lhe ganhou tal ódio o governador dela, que desejava empecer-lhe em quanto pudesse, e destruí-lo, ainda que os sinais que desta opposição dava não eram manifestos, conforme o génio daquela nação, que desejará um comer as entranhas ao outro, e contudo lhe não faltará a um ponto de cortesia e se assentará por convidado à sua mesa.

Correndo, pois, aquele visitador com as obrigações do seu tribunal, de repente adoeceu e não despachava, ainda que fôsse qualquer papel ordinário. Durando isto tempo considerável, com o detrimento das partes, quis um seu amigo saber a causa. A êste fim procurou visitá-lo, porém o acesso lhe foi negado, por secreta ordem que o mesmo ministro tinha dado a seus criados. Com

esta repulsa, entrou em veemente suspeita de que a doença era suposta, e daqui inferia que a primeira origem era mais alta, e porventura sem conselho alheio se faria irremediável. Valeu-se, pois, da importunação, e veio, em-fim, a entrar, e perguntou-lhe com ingenuidade amigável a causa de haver cessado de exercer as obrigações do seu cargo.

Alegou logo o outro a desculpa da sua enfermidade.

— Eu não vejo, replicou o amigo, sinais alguns disso, pois a mesma vista me está desenganando. Bem vos podeis abrir comigo, que pode ser vos aconselhe últimamente.

Deixou-se, em-fim, o ministro sangrar, porque a lancêta do amigo vinha bem apontada e já lhe tinha bem apertada a fita com suas repetidas instâncias.

— Sabereis (disse) que tinha o sêlo rial em um cofrezinho fechado; e um dia, ao querer usar dêle para uma provisão, não o achei dentro, sendo que o cofre fechado estava como dantes, e estou certo que o dei dentro. Fiz ocultamente pelo achar quantas diligências me ensinou a importância do mesmo caso e a aflicção do meu ânimo, porém tôdas atêgora foram baldadas. Se isto

rompe fora (1), bem sabeis que me perco e tôda a minha casa, porque certíssimamente (não falando nas mais penas) me depõem do officio e fico desacreditado e incapaz de subir aos mais bancos (2). Nestes termos, me não ocorreu melhor arbítrio que fingir-me doente, para escusar-me de selar papéis, e negar-me a visitas, para escusar examinadores da doença. Bem vejo que não é remédio durável; mas ocupa tempo, que é o inventor de todos.

Admirado ouvia o amigo esta proposta e, depois de considerar um breve espaço na dificuldade dela, saíu perguntando :

— Tendes algum inimigo nesta cidade ?

— Sim, tenho (respondeu êle): o governador dela, suposto que não temos chegado a descomposição alguma.

— Ora, pois, tornou o amigo ; sem falta nem detença alguma, fazei o que vos digo. Mandai recolher a alguma parte mais segura do vosso palácio o mais importante e precioso do vosso fato, e pela outra que ficar despejada pegai fogo, como se fôra

(1) = se se descobre, se vem a saber-se.

(2) = de ser promovido a postos superiores.

incêndio casual. O governador há-de ser dos primeiros que acudam a apagá-lo; e, se não acudir, aí tendes com que vos vingar dêle, denunciando que faltou a esta sua obrigação. Tanto que vier, clamai a altas vozes com o cofrezinho nas mãos, dizendo-lhe que se entregue do sêlo rial, para o salvar. Se êle o não aceita, tendes desculpa notória, dizendo haver-se queimado ou perdido, por culpa do governador, requerido a êsse intento. Se o aceita, quando vos tornar a fazer entrega dêle, abri-o diante de testemunhas. E então, ou o sêlo não vem dentro, ou vem (como entendo que é o mais certo). Se não vem o sêlo dentro, sempre tendes acção pública contra o governador, descarregando sôbre êle a culpa, quer êle a tivesse, por não restituir, quer a não tivesse, por não haver furtado o sêlo. Mas, se o sêlo vem dentro, tendes arrecadado o furto e descoberto o ladrão.

Contentou de modo o fácil e bem dirigido dêste arbítrio, que o ministro logo o deu à execução.

Ateia-se o incêndio; rompem fora imensas línguas de fogo, que o publicaram; crescem os clamores de dentro e de fora; amotina-se a vizinhança. Não tardou o governador, bem

alheio de que de sua casa, ainda que distante, se havia de alijar a principal peça em que aquele fogo prendia. Não pôde escusar-se de depositário do cofre, sem embargo de saber que êste o não era do sêlo, affectando a mesma prontidão e respeito como se estivesse ali encerrado, visto que não havia lugar de buscar chave e registrar o que recebia.

No seguinte dia, apagado o incêndio, veio o cofre com o sêlo dentro, que êle tinha roubado por interposta pessoa com chave falsa. E cada um fechou debaixo da do silêncio a malícia do outro, por não descobrir a própria.

(Nova Floresta, Astúcia)

A ABADIA DE S. DIONÍSIO

VAGANDO a abadia de S. Dionísio, em Paris, muitos a pretenderam, por ser esposa illustre e com bom dote.

Foi logo o prior da mesma casa ter com el-rei Filipe e, pelo modo mais cortesão que soube, lhe insinuou serviria a Sua Magestade com quinhentos marcos de prata, dignando-se de apresentá-lo naquele lugar. El-rei dissimulou e disse-lhe com algum agrado :

—Entregai o dinheiro ao meu tesoureiro.

E assim se fêz.

Veio no outro dia o celeireiro, ou procurador, com a mesma pretensão e oferta, e levou a mesma resposta. Veio últimamente o sacristão-mor, armado também com as mesmas armas brancas (que eram outros quinhentos), e lhe respondeu do mesmo modo.

Nomeado dia em que el-rei havia de ir a

capítulo fazer apresentação, puseram-se a par d'ele os três pretensores, sem saber uns dos outros, e cada qual tendo por certo que em abrindo el-rei a bôca, era constituído abade. Correu êle com os olhos o capítulo e reparou que estava no último lugar um monge desprezível, que na modéstia do rosto e quietação do corpo mostrava estar em presença de Deus. Chamou-o e disse-lhe :

—Eu vos nomeio por abade.

Ficou o pobre assustadíssimo e começou a alegar sua total insuficiência. Porém, com isto se confirmou mais o rei, dizendo :

—Vós, que entendeis que não servis, sois o que servis.

Em-fim houve de aceitar, violentado; mas logo declarou que a casa tinha grandes empenhos, os quais êle, por pobre, não podia satisfazer; e, como religioso, não determinava implicar-se em negócios seculares para êsse efeito. Então o rei mandou ao seu tesoureiro que vazasse os sacos da moeda que recebera em depósito, e disse para o novo eleito :

—Aqui tendes mil e quinhentos marcos de prata; *que, se da casa saíram, bom é que para a casa tornem*. E eu darei o mais que vos fôr necessário.

*

*

*

Repare-se em que todos êles tinham officio de manejar os bens da casa. O procurador e celeireiro haviam de correr com as demandas, cobrar as dívidas, censos, juros e legados; recolher as novidades, comprar os usuais e prover as oficinas. O sacristão-mor havia de cobrar os estipêndios das missas e officios, se os houvesse, arrecadar as ofertas e ltuosas, e guardar a prata, cera, ornamentos e tôda a mais alfaia sagrada. O prior havia de tomar estas contas e rever os róis, e falar pelos pretendentes do hábito, e votar decisivamente em capítulo em matérias de fazenda, compras, cobranças, empréstimos, aforamentos — e poderia em tudo fazer amizade a quem lha fizesse a êle. . .

Em-fim, que todos três tinham a mão na massa; por isso se lhes pegava; e se a metessem até ao cotovelo, esperavam se pegasse mais. Perigosíssima é, logo, a condição dos bens temporais, junta com a dos sujeitos que não teem muito de espirituais. †Dais-me colchets macho e fêmea? eu vos darei feita a presilha. †Dais-me isca perto da faisca? eu vos darei ateado o fogo. Portanto, afaste-se

quem puder, que as ocasiões fazem do justo pecador.

‡ Mas um monge a um rei oferecer dinheiro, por conseguir dignidade e mando, sendo espiritual êste direito do padroado! ‡ Como se lhe não fizeram as faces vermelhas? Sim, fariam, mas: *Actio est a vincente* como dizem os filósofos); e aqui a ambição era mais que a vergonha. Ou também fariam conta que a vergonha passaria e a dignidade ficava: a vergonha só el-rei a via, e a dignidade a veriam todos.

Diz a história ao princípio que aquela abadia era riquíssima; e diz depois que estava muito empenhada. ‡ Notável paradoxo! se tinha tão grossas rendas, ‡ porque havia de ter grandes empenhos? Porém, torno a dizer: ‡ como não havia de ter grandes empenhos, se tinha maus administradores? Que não importa que a fonte seja copiosa e perene, senão que os canos não estejam rotos. Os grandes rios, como o Nilo, por isso se fazem grandes, porque correm muita terra; mas isto de fazenda, por quantas mais mãos correr, mais se irá diminuindo; e também o Nilo, se tivera no caminho as sete bôcas

por onde vaza no Mediterrâneo, não chegaria lá com pinga. Rio-me dos que, por desviar estes desvios, dobram guardas, pois é tanto como se dobrassem os ladrões. Com bom regimento pode até o pouco bastar para muitos; sem êle, nem a poucos alcança o muito. Todo o excesso nos particulares, causa no comum penúria. De dois que estão no mesmo leito, se um puxa muito pela roupa para si, é fôrça que o outro fique descoberto. Por isso a pele de uns anda crestada: porque a de outros anda anafada...

(*Nova Floresta, Astúcia*).

XVI

D. JOÃO DE CASTRO E O GIBÃO

ESTANDO de partida para o Estado da Índia êste memorável herói, ao passar por uma rua de Lisboa viu à porta de um alfaiate um jubão riquíssimo. Pediu que lho mostrassem; perguntou cujo era.

Respondeu o oficial que era de um filho de Sua Senhoria, que se embarcava para a Índia. Como isto ouviu o fidalgo, pegou da tesoura que ali estava, e fêz o jubão em tiras, e disse :

—Dizei a meu filho que compre armas e mais armas, que estas são para homens, e isso é só para mulheres.

Êste Castro é uma das animadas estátuas que ennobrecem o templo da fama, de quem o portuguez Homero cantou :

*Albuquerque terrível, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.*

Foi o que, para defender Diu, cansada com tão prolongado sítio, pediu a Goa vinte mil pardaus emprestados sôbre uma guedelha da sua barba, que cortou e enviou na carta. E a cidade lhe tornou a mandar tão venerável penhor, juntamente com o subsídio que pedira, avantajado.

Hoje não será fácil achar guedelhas na cabeça dos Portugueses, quanto mais nas barbas, ainda que as busquem pelos 20.000 pardaus. Queira Deus não se ausentassem com as barbas também o valor e a sidadeza, conforme aquele dito de Hierónimo Reto, professor na academia de Basileia, que, preguntado porque criava barba branca tão comprida, respondeu:

—Barba, para não obrar como mulher; branca, para não obrar como muchacho.

Como o nosso Castro era tal, queria tal o filho; porque os filhos são parte máxima dos pais, ou a mesma pessoa moralmente. E os vestidos moles, ou supõem ou fazem mole também o espírito. Nem ao corpo se daria tão precioso culto de galas, se ao ânimo se desse cultura de virtudes, como disse S. Bernardo.

Mas se aquela tesoura houvesse hoje de continuar sua censura, quantas tiras e retalhos haveria?...

(*Nova Floresta*, Armas).

XVII

SIXTO V

ESTE sumo pontífice andava com bordão e cabeça baixa, fingindo-se enfêrmo e para pouco, e que necessitava, sendo assunto (1), de que os cardiais governassem por êle e êle tivesse só o título honorífico, sem o exercício laborioso. Mas, tanto que foi eleito e se declararam os votos, arremessou de si o bordão e endireitou a cabeça, e disse com despejo :

—Atégora andava inclinado para o chão, porque buscava as chaves de S. Pedro. Agora me levanto, porque busco a fechadura e quero abrir a porta do Céu.

Êste sumo pontífice naturalmente foi de génio vivo e acre, e amigo da razão e de castigar insultos e descobrir dolos. Chamava-se antes Félix Pereto, filho de Francisco Pereto e Mariana de Camerino, gente humilde. Sen-

(1)=elevado ao papado.

do de dez anos e vendô a um religioso franciscano, que não atinava com o caminho dos campos de Áscoli, acudiu, correndo, a ensiná-lo. Admirado êle da esperteza e bom modo do menino, perguntou-lhe :

— ¿Queres vir para Áscoli?

Respondeu sem detença :

—Quero subir até os Céus por alcançar a virtude.

— ¿E queres (tornou o padre) fazer os votos que fazem os frades ?

Respondeu :

—Quero, de boa vontade.

Instou-lhe o religioso :

—Sim, mas olha que tens muito que padecer.

Respondeu o menino :

—Nem ânimo nem fôrças me faltam para padecer, mas (1) que seja o fogo do purgatório, contanto que alcance virtudes.

Vendo então aquele religioso que tais respostas em tal idade prometiam muito, se o sujeito fôsse cultivado, disse-lhe :

—Pois, alto : vai recolher o gado de teu pai, e vem comigo.

E Félix, sem curar do primeiro, executou

(1) = ainda.

o segundo e veio até o convento. Onde, sabido que não andava fugitivo e que seus pais já dantes o tinham oferecido à vida religiosa, o aceitaram por pupilo; e, depois de professo, foi de degrau em degrau crescendo tanto nas letras e virtudes, que chegou a ser papa, sendo para êle a quarta-feira dia fatal, porque neste nasceu, e professou, e foi eleito por Pio V vigário geral de tôda a Ordem, e subiu à púrpura cardinalícia e ao trono apostólico e, últimamente, foi coroado.

Desde o primeiro ponto em que se viu pontífice, começou logo a ganhar (como dizem) o barlavento aos cardiais, não lhes dando confianças e isentando se de tudo o que podiam interpretar por valimento ou familiaridade, para que não metessem mão no govêrno. E assim, dizendo-lhe os cardiais Alexandrino e Rusticúcio que se recolhesse a descansar, respondeu mui inteiro :

—No mesmo trabalho temos o descanso.

E, replicando Alexandrino que não falava Sua Santidade assim ontem e ante-ontem, respondeu :

—Ontem e ante-ontem não era papa.

E a Rusticúcio, que se chegou a compor-lhe as vestiduras, carregando-lhe um pouco

com a mão sôbre o ombro, disse com desagrado :

—Esta familiaridade para com um pontífice é imprópria.

E, dando os mesmos cardiais algumas ordens ao ministros sôbre armar uns panos na sala, acudiu dizendo-lhes :

—Deixai, nós bastamos para mandar.

De tarde mandou convidar para a ceia aos ditos dois, e aos cardiais Médicis, Estense, Altemps e outros; e na mesa, em lugar de regalos, lhes fêz uma prática severa, sendo o assunto a primazia de S. Pedro e o tema: *Tu es Petrus, et super hanc petram œdificabo Ecclesiam meam, etc.*, inculcando repetidamente como a cabeça não era mais que uma. E, replicando Rusticúcio que antes da eleição sempre Sua Santidade falava em quão necessários eram os coadjutores para tão pesado officio, respondeu livremente :

—É verdade que assim o dissemos, mas agora o revogamos. Da mentira officiosa nos absolverá o nosso penitenciário; e adverti vós outros que, se acaso nos destes o pontificado a usuras, nós protestamos que o não aceitámos senão de graça.

De sorte que a intenção dêste sumo pontífice era reformar e endireitar muitas cousas

que via desencaminhadas; e como, por natural sagacidade e muito uso da côrte romana, tinha bem compreendidos os meios para isto necessários; e, por outra parte, achava em si valor para se opor ao mal, não duvidou aspirar àquela suprema dignidade, que para todos deve ser formidável. E, assim, quando no dia da sua coroação lhe fizeram a solene cerimónia de queimar a estôpa, dizendo :

—Beatíssimo padre, assim passa a glória do mundo...

Êle (sem ser costume responder-se cousa alguma) respondeu, mui inteiro :

—A minha glória não há-de passar, porque a minha intenção é só administrar justiça.

(*Nova Floresta, Astúcia*).

XVIII

DEMÓNIOS E ONDINAS

ACEGA gentildade, cujos deuses todos eram demónios, dava-lhes diferentes nomes, conforme as várias formas e lugares em que apareciam, crendo que ali tinham particular presidência.

As ninfas dríades e hamadríades, nos bosques; as napeias, nos vales; as lemoníades, nos campos e prados; as dórides e nereides, ou nerinas, no mar; as potâmides, nos rios; as náíades, nas fontes (*Fontanæ nymphæ Jovis natæ*, lhes chamou Homero); as límnades, ou limneias, nos tanques e lagos; as coricedes, na gruta ou caverna Coríscia, do monte Parnaso; as anígrides, em outra caverna junto do rio Ângrio; os lares e penates, na própria casa de cada pessoa; os faunos, nos bosques; os títiros e silenos, com seus gestos ridículos; os semicapros, silvanos e sátiros petulantes, de que fala Camões nas églogas, em pessoa de *Agrário*;

os dúsios em França, de que fala St.º Agostinho; os tervictos em Normandia, de que faz menção Alberto Krântzio, amigos de fazer peças e ludíbrios (que pode ser sejam os que chamamos *fradinhos da mão furada*, e os castelhanos *duendes*); as harpias, fúrias e diras, que os poetas denominam *cadelas de Júpiter*: — tudo são nomes que denotam várias figuras e lugares em que os demónios aparecem, e várias condições que mostram, suposto que não negamos podem alguma vez ser animais monstruosos e adulterina geração de duas espécies. Vejam-se da matéria os eruditos Gregório Giraldo e Natal Comite, que a tratam *usque ad satietatem* (1).

O P.º Joseph da Costa, da Companhia de Jesus, refere, entre as notícias do Mundo Novo, que se vêem andar vagando pelos bosques muitos desses espíritos, a que os naturais chamam *curopirá*, e outros nas águas, a que chamam *igpupiará* e outros nas praias do mar e ribeiras dos rios, que chamam *baetatá*. Estes levam diante de si

(1) = até a saciedade; esgotando o assunto.

fogo inquieto, que discorre a uma e outra parte; e todos matam aos que succede encontrarem.

Nas minas costumam também aparecer aos trabalhadores duas espécies d'elles, de condição contrária, porque uns são ferozes e horrendos, e fazem o mal que podem, arruinando e matando. Chamam-lhes os Alemães *suebérgios* (1). Outros mostram ser mansos e, se os não assanham com alguma pedrada ou riso, não impedem a obra dos mineiros, antes parece que se afadigam muito em os ajudar, cavando e trabucando de uma a outra parte; mas, em realidade, nada fazem.

Aparecem frequentemente em figura de anões montanhesees (que isto quere dizer o nome *bergmanlin* (2), que lhes dão os Alemães), cingidos com o seu avental de coiro, com que também trabalham na mina. E vêem-se às vezes as suas pègadas, como de meninos de três ou quatro anos, impressas na terra mole, lá naquelas furnas e concavidades onde nunca entrou gente; alguns

(1) Em alemão *Zwerge*=anões.

(2) Correctamente, em alto alemão moderno, *Bergmännlein*=homúnculos da montanha.

lhes chamam *gutelos*, ou *trulas*. Costumam em algumas partes os mineiros pôr-lhes em lugar certo particular ração, para almoçarem, achando por experiência que a levam pontualmente, como por contrato para não fazerem mal.

*

*

*

Refere S. Pedro Damião que lhe contara Hugo, prelado do famoso mosteiro Cluniacense, que certo bispo de vida exemplar e religiosa, fazendo jornada, quis descansar do trabalho junto da ribeira de um rio, convidado da amenidade do lugar e alegre corrente de suas águas,—quando do fundo delas ouviu claramente uma voz, que dizia, como quem se admira:

—A hora é chegada; o homem não vem,

Espantado de que a tal hora e em tal lugar soasse aquela voz, tão clara na pronúnciação como escura no significado, discursou (1) com luz superior o que poderia ser, porque ali sem dúvida havia mistério; e com diligência se pôs a esperar e vigiar o que sucedia. Eis que vê vir, daquela mesma

(1)=discorreu, meditou.

banda do rio, um clérigo correndo a cavallo, ao qual apertava com as esporas; e vinha em direitura a passar o vau.

Então o bispo, acenando aos da sua comitiva, lhes mandou que em nenhum caso o deixassem entrar na água; e assim, pegando-lhe das rédeas fortemente, o detiveram; e êle, impaciente e relutando, dizia:

— Deixem-me, deixem-me passar, que a ordem del-rei tem pressa! Apartem-se, que não é negócio que sofra dilação para outro dia: é um segredo del-rei; é fôrça inevitável!

Porêm o bispo, confirmando-se com isto mais na presunção que concebera, o constrangeu violentamente a hospedar-se com êle. Levado à pousada, deram-lhe um aposento bem fechado. De madrugada, indo a despertá-lo, viram que estava afogado, com a cabeça metida em uma bacia de água que estava no mesmo aposento.

Formar juízo certo neste caso é impossível; mas verosimilmente se pode entender que Lúcifer, ou outro algum demonarca (1), com quem êste clérigo tinha pacto, ou ime-

(1) = demónio maior.

diato ou por outros feiticeiros seus inter-núncios, o mandou a algum negócio, tendo avisado a outro demónio que o afogasse na passagem do vau. E, como esta se lhe impediu, não deu por frustrado seu traidor intento ; e, por si ou por outro maligno espírito, lhe deu em casa o mesmo género de morte que tinha determinado dar-lhe no rio.

*

*

*

Em Sicília, certo mancebo robusto e animoso, e grande nadador, saíra à prima noite a banhar-se no mar, por despicar-se, com êste refrigerio, das calmas do dia.

Começou, pois, a brincar lascivamente com as ondas e a lavar-se porventura com menos temperança do que pedia a presença de Deus, que um cristão em tôda a parte deve trazer diante dos olhos.

Eis que, à luz da lua, cujos serenos raios parecia estarem também brincando com o trémulo espelho das águas, viu que atrás de si vinha nadando outra pessoa e que, pegando dêle, o procurava mergulhar como por zombaria, do modo que o costumam fazer os muchachos, quando andam traves-

seando uns com os outros nas líquidas campanhas (1) de Tétis. Lançando-lhe, pois, a mão aos cabelos, a foi levando à toa (2) para terra; onde, saindo, reconheceu que era mulher, e por extremo formosa. Com que já os perigos chegavam a meia duzia: ócio, noite, solidão, sexo, forma, desnudez — atirando todos a converter o *nadar* em *danar*.

Assentados ambos na praia, mas êle sem soltar os cabelos, perguntou-lhe:

— ¿ Quem és?

Não respondeu.

— ¿ Como te chamas?

Não respondeu.

— ¿ Donde vieste, e quem veio aqui contigo?

Perseverava muda. Instou com outras várias perguntas, molificadas com carinhos; mas não teve nem aquella diminuta satisfação que pode dar uma parede ou um monte com os ecos que dêle resultam. E, ainda que êste mesmo silêncio era sufficiente resposta, para se entender que o empenho neste caso não era seguro, todavia cegou-se a razão; e a mesma razão dita que tomemos

(1) = *planicies*.

(2) = *a reboque*.

aqui a empréstimo o silêncio de quem ocasionou a ruína.

Levou-a depois para casa, coberta com a sua capa (deixêmo-lo, que depois saberá o que leva) e não se contentando com menos que com recebê-la por sua mulher, achando que, sôbre a sua rara formosura, bem raro era também o dote de saber calar e não lhe conhecerem parentes. E a seu tempo teve dela um filho mui lindo, com que vivia contente da eleição que fizera; e já não reparava no perpétuo silêncio de sua consorte, atribuindo-o a defeito natural com que havia nascido.

Sucedeu, pois, que um dia, vindo a visitá-lo um amigo seu, homem douto e prudente, lhe perguntou a propósito do que se conversava, de que pátria e geração era sua mulher.

— Atêgora, respondeu êle, não o sei, porque a pesquei no mar, como enguia. Há tantos anos que vivemos bem casados, e ainda está por ouvir-se a primeira palavra da sua bôca.

— ¿ Que dizes? tornou o amigo ¿ é encarcimento (1) ou verdade lisa?

(1) = *exageração, exagêro.*

— Dir-vos hei o que passou, respondeu êle. E contou-lhe o caso todo. Do que admirado o amigo, rompeu dizendo :

— Pelo que eu vejo, esta não é mulher, mas demónio em figura dela. Não estranho, porém, tanto sua malícia como a vossa demência. ¿ Eu havia de estar assim com êsse peixe-mulher, sem obrigá-la a romper tão obstinado silêncio? ¿ Temos aqui as deusas Tácita e Muda, que a gentildade dizia ser mãe dos Lares, ou outra Angerona, que pintavam com o dedo sôbre a bôca? Ah! bons açoutes nela, e logo o tirará fora, e veremos claro o embuste.

O pobre marido, ouvindo estas palavras, ficou como quem começa a acordar de um pesado sono. E logo, entrando em cólera, pegou de uma adaga nua, e ameaçou a mulher, mandando-a que falasse. E, murmurando ela entre dentes umas semi-palavras bárbaras, que se não deixavam entender, êle lhe intimou que, se não respondesse claramente, lhe havia de apunhalar o filho diante de seus olhos. Então se abriu mais, dizendo:

— ¡Ai de ti, miserável! que por obrigarme a falar, perdes uma mulher que te estava bem. Contigo ficava, se permitisses que observasse o silêncio que me encar-

regaram; mas, já agora, não me verás mais.

Acabar estas palavras e desaparecer, desfeita em vento, foi o mesmo. Deixa-se à nossa ponderação o assombro com que êste homem ficou, e viveu dali por diante.

¿ Mas do filhinho, que faria? ¿ Negá-lo por seu, uma vez que em suas acções mostrava não ser fantasma, mas de sua mesma espécie?

Deixou, contudo, alguma dúvida, se era ou não era êste filho outro demónio, em corpo aparente, o caso que depois lhe succedeu. E foi que, crescendo em anos e seguindo os costumes do pai, quando um dia andava nadando com outros, veio de repente aquela mesma sereia e, à vista de todos, o levou consigo, onde (1) nunca mais foi visto.

*

* *

O grande servo de Deus Frei Domingos de Jesus Maria padeceu contínuas e graves moléstias (2) do demónio, sinal evidente de

(1) = donde resultou que, etc.

(2) = malefícios.

que se achava vencido (1) de sua muita humildade e fervor no serviço de Deus; porque êste nosso comum inimigo, em não podendo introduzir na alma culpas, logo vem arrecadando penas, ainda que lhe não sejam devidas.

Uma vez, para sair o servo de Deus a matinas, não pôde achar a porta da cela, porque o demónio lha tinha tapado de pedra e lôdo. Recorreu a Deus e desfez-se o embelêco (2). Outra vez lhe destelhou e abriu o teto da cela, e o fêz passar a noite ao sereno. Outra lhe quebrou a trave mestra, e tôdas as mais que nela estribavam vinham com grande estrondo a cair sôbre Frei Domingos. Acordou êle, viu o perigo e conheceu o autor; nem se turbou, nem se quis levantar. Pela manhã os architectos, admirados de não cair o teto, remediarão a obra.

Em outra ocasião, porque rezava à luz de uma lâmpada da igreja, lhe quebraram vidro e prata em miúdos pedaços; mas o servo de Deus, que com o sinal da cruz afugentava os demónios, agora com o mesmo os

(1) O sujeito desta oração deveria ser *êste* (o demónio).

(2) = embuste, artifício.

mandou parar e que colhessem todos os pedacinhos e os sarassem. Obedeceram e, valendo-se da sua habilidade, em brevíssimo tempo restituíram a lâmpada, como antes estava, inteira e acesa, com todo o azeite recolhido dentro.

O seguinte caso é bem singular e ridículo, e dêle se mostra como os que fazem momos e trejeitos, e peças e ligeirezas de mãos, nada nisso desagradam ao demónio:

Vindo êste santo religioso, com outras pessoas, de tomar ordens sacras desde Tortosa para Valência, se lhe juntou no caminho um moço, grande falador e mui inquieto e audaz, o qual, chegando à pousada, porfiou que havia de ficar no mesmo aposento e cama com Frei Domingos. Na mesa não assistiu à bênção nem às graças, entrando e saindo, e inquietando a todos. Frei Domingos se pôs a rezar, e depois se deitou vestido; e entrou logo o moço, falando mil disparates e descomposturas.

Queria o servo de Deus tomar a necessária refeição do sono, mas êle o não deixava, com estrondos e inquietações. Depois começou-se a despir, e despiu até a camisa; e, a tempo que Frei Domingos o queria repreender pela imodéstia, viu que despia também

a pele. Aqui acabou de entender que era o demónio; e como era costumado a ver semelhantes tramóias, quis advertir em que parava esta.

Lançou o demónio a pele de remessão sobre uma mesa; e logo, esgravatando com um dedo, tirou um olho e depois o outro, e com tento, como que receava quebrarem, os acomodou em lugar à parte. Depois desencaixou os dentes, pondo-os em outra parte por sua ordem. Depois foi tirando os músculos e nervos, e cartilagens, e veias, e finalmente a carne, raspando-a dos ossos com vagarosa curiosidade; e ficou como pintam a Morte, e logo de um salto se foi meter com Frei Domingos na cama, manchando-lhe os vestidos com o sangue que estava escorrendo.

Sentia o servo de Deus na vizinhança de tal companhia uma frieza mais que de neve; mas não se turbou. Á fôrça de calor de oração, foi desfazendo aquela ossada, até que desapareceu. Pela manhã, o estalajadeiro, não achando o tal hóspede, fêz pagar por êle a Frei Domingos, visto que era seu camarada...

(Nova Floresta, Avareza).

XIX

BAILES E BAILARINOS

DIZIA el-rei Dom Afonso, o Sábio :
—O doudo e o dançante só diferem
em que êste pára, e aquele não pára.

Que o que baila e dança tem parte de louco e furioso, basta vê-lo de fora para confessá-lo. Aqueles mesmos movimentos do corpo, tão vários, tão ligeiros, tão violentos, tão affectados, estão indicando que o siso está movido algum tanto do seu assento. Muito mais quando a pessoa solitária decora as lições dêste exercício, porque estudar com grande aplicação e cansaço a ser louco, ¿ quem duvida que é maior loucura ?

È verdade que há várias espécies de baile, que umas mais que outras participam de furor. Os antigos as explicavam com diferentes nomes : A *Emmalia* era dança trágica e grave ; o *Cordacismo* era baile cómico e de zombaria ; o *Sicinis* era meio

entre estes extremos. *Saltatio Pyrrichial*, era dos soldados, que, acompanhando os movimentos do corpo com os das armas, representavam uma briga sêca, com acometidas e retiradas, idas e venidas, pontas, talhos e reveses. O *Tripúdio* é meter o movimento dos pés dentro das leis de certos números compassados. Assim os Lacedemónios, dançando em seus dias festivos, faziam memória das três diferenças de tempo, porque os velhos cantavam :

—Nós fomos valentes ;

Os mancebos :

—Nós valentes somos ;

E os muchachos :

—Nós valentes seremos.

Os bailes bacanaes, *Saltatio Bacchica*, era festa mais jovial e descomedida: usava-se nos banquetes.

Aqui podemos referir o que usava o imperador Heliogábalo, moço que tôda a sua vida gastou em profanidades, demasias e ridicularias, o qual mandava ajuntar em uma sala oito anões e oito de estatura agigantada, e oito coxos, e oito calvos, e fazia que bailassem todos, já misturados, já divididos, turma contra turma; e no aceso do festim soltava-lhes, de repente, leões ou ur-

sos, que estavam escondidos em suas jaulas, com cuja vista, sobressaltados, procurava cada um a tôda a pressa pôr-se em salvo, se podia. E dêste modo se desmanchava o jôgo.

Quero ajuntar a estas autoridades a de Francisco Petrarca; porque, suposto não é santo, nem padre da Igreja. foi varão timorato e mui discreto, como se verá das suas palavras, em que descreve bem que cousa são bailes e os frutos que dêles se colhem:

«Ali andam livres as mãos, livres os olhos, livres voam as palavras. Soa muito estrondo dos pés, muito cantar desentoadado, muito alarido dos concorrentes, muito ímpeto dos que giram e emparelham, levantando grande poeira, até que chegue (como ordinariamente succede) aquela inimiga da honestidade e sócia das maldades, que é a noite. Eis aqui como se desterra o temor e o pejo, e com que se estimula a luxúria, e se concedem licenças amplas à relaxação. E tudo isto (falando como quem não é fácil de se enganar) é o que vós intitulais com o apelido de um desenfado singelo e inocente, disfarçando o pecado com a máscara de jôgo e entretenimento. E suposto que só entre homens ou só entre mulheres não tenha tanto

perigo, todavia ali aprendem separados o que depois hão-de exercitar juntos, a modo de discípulos que, em ausência do mestre, decoram o que hão-de repetir quando venha.»

*

* *

Mas, se tão grave e nervosamente castigam os Santos Padres e varões judiciosos os bailes, falando dêles absolutamente, ¿ que sentiremos em particular dos bailes feitos nas igrejas e átrios delas, por honra dos santos e dias de festa ?

¿ Fazer ofensa a Deus e em cima vender-lha por obséquio ! ¿ Honrar os dias e lugares santos com obras profaníssimas ! ¿ Comer e beber, e rir e folgar, e bailar e chacotear, dizendo ao mesmo tempo mil estultícias e liberdades, e querer encampar (1) tudo isto a Deus nosso Senhor por rigorosa observância de votos e culto de seus santos !

Verdadeiramente, êste é um dos efeitos do muito comer e beber; porque, como

(1) *Encampar*==vender o mau por bom; impingir.

ensina Santo Tomás, uma das filhas da gula é a tolice ou a insipiência. (1) E que maior insipiência que supormos (senão no conceito, ao menos no efeito) que os santos são como os deuses do paganismo: Baco, Flora e outros da mesma farinha, que eram venerados com semelhantes festas? Por isso, com razão disse o grande Padre Santo Agostinho que estes desventurados e miseráveis, que nem mêdo nem pejo teem de ocupar-se nestes festins, ainda que venham para a Igreja cristãos, vão da Igreja pagãos; porque êste costume de bailar ficou da superstição da gentilidade.

*

* *

No ano da salvação humana 1012, imperando Henrique II, succedeu em Saxónia que um sacerdote, por nome Ruperto, presbítero da igreja de S. Magno mártir, havendo começado a celebrar a primeira missa da noite de Natal, não podia prosseguir, por se achar distraído com os estrondos de um baile que ali perto se fazia.

(1)=imprudência, insânia.

E era que um homem plebeu, por nome Otério, com outros quinze companheiros e três mulheres, dançando e cantando todos juntos no cemitério, faziam notável ruído.

Mandou-lhes, pois, o sacerdote dizer, pelo sacristão, que se quisessem aquietar, porque não era aquele o modo agradável a Deus de festejar noite tão santa. E, zombando êles do recado com risadas e dichotes, como gente de pouco entendimento e menos temor de Deus, o sacerdote, acendendo-se em zêlo da honra divina e do decôro que a seu ministro sacerdotal se devia, disse:

—Praza a Deus que um ano inteiro bailem, sem parar.

¡Caso estupendo, ainda sómente ouvido, quanto mais vistol A bôca do sacerdote o disse, e a mão do Onipotente assim o executou.

Amanheceu, e anoiteceu o seguinte dia, e êles a bailar. Entrou a roda de novo ano, e êles sem saírem da mesma roda da sua dança: *In circuitu impii ambulat*. Passou um mês, e outro mês; acudia a gente, atónita com tão raro espectáculo: dançando os achava, e dançando os deixava. Preguntavam-lhes uns uma cousa, e outros outra; a nada respondiam nem atendiam. O seu destino, a sua tarefa, que continuavam com incessante

diligência, era só andar à roda, uns atrás dos outros, seguindo aos que os guiavam, e todos instigados do aguilhão daquela praga do sacerdote.

Não comiam, não bebiam, não mostravam cansaço, não se lhes gastou o calçado, nem se lhes rompeu o vestido, nem caíu sobre êles chuva. Da contínua pista ou calcadura sumiram-se pela terra, até mais acima dos joelhos; a si mesmos parece que intentavam sepultar-se vivos, ou abrir caminho por onde descessem a dançar ao inferno.

Quis certo mancebo tirar da roda a uma das três mulheres, que era sua irmã. E, pegando-lhe do braço com violência, êste lhe veio na mão desmembrado do corpo, como se de uma pedra de linho separasse fora alguma estriga ou, metendo a mão na massa levada, trouxesse algum pouco no punho. E ela, como se o braço fôsse alheio, nada disse, nem gemeu, e foi prosseguindo a dança do seu fado, sem da ferida manar sangue.

Finalmente, ao cumprir-se o ano pelo Natal de 1013, veio àquele lugar S. Heriberto, arcebispo de Colónia, e os absolveu da maldição; e introduzidos na igreja, os reconciliou com Deus. As três mulheres, como sexo

mais fraco, expiraram logo. Pouco também duraram alguns dos homens, dos quais se diz que, depois de mortos, obrou Deus por êles alguns milagres, como significando o perdão de seus pecados, que por meio de tão custosa penitência tinham alcançado. Os mais que sobreviveram, sempre com tremor de membros e espanto dos olhos, mostravam bem o terrível caso que por êles havia passado.

E cada um dêles era uma estátua do escarmento, erigida para protestaço da reverência que se deve aos mistérios, aos ministros e aos lugares sagrados.

*

* *

Suposto o sobredito, bem certificados podemos ficar de que os bailes, danças e saraus costumam trazer consigo muitos pecados. A não ser assim, nem os demónios insistiram tanto em os persuadir, nem os santos em os detestar, nem Deus em os castigar. Logo, sem dúvida alguma, melhor é padecer qualquer dano do corpo do que conceder-lhe êste gôsto, que redundando em detrimento da alma.

Emende-se, pois, o abuso de fazermos ou permitir se façam vigílias e serões à cruz ou aos altares, que se armam nas ruas, com aquelas profanidades que só podem ser aceitas a Baco e Vénus, e não ao verdadeiro Deus e a seus santos.

Emende-se o celebrarmos as noites de Natal nas igrejas (como eu vi celebrar em uma) com pandeiros, adufes, castanhetas, foguetes, tiros de pistola e risadas descompostas. E advirta-se que nenhuma destas cousas descanta bem com a letra dos anjos, pois nenhuma dá glória a Deus nas alturas nem paz aos homens na terra.

Emende-se o introduzir nos coros sagrados as chulas, sarabandas e outros tonilhos do teatro profano, e advirta-se que para casa de Deus só é decente o que é santo: *Domum tuam decet sanctitudo.*

Emende-se levar nas procissões, diante do Santíssimo Sacramento, danças de ciganas e de mulheres de ruim fama, e advirta-se que a Arca do Testamento não era mais que uma figura dêste augustíssimo mistério, e David era rei santo e, mais, tinha-se por indigno de ir dançando em sua presença.

Emende-se o querermos honrar os santos com touros, jôgo que os sumos pontífices

não aprovam e, de si, está mostrando ser de bárbaros; com comédias, entretenimento que raro ou nenhum autor admite ser lícito, se não com aquelas condições que se não usam; com romarias daquele género aonde não costuma haver mais que comezainas, brigas, descomposturas e perigosa comunicação dos sexos e anos, em que os demónios armam as suas feiras e donde tiram seus lucros; e advirta-se que pode isto dalgum modo concorrer para o escândalo e mofa dos herejes.

Emende-se o consentirem os senhores que seus escravos e escravas, aos dias santos, pondo diante um painel de N. Senhora, festejem públicamente a Virgem das Virgens com bailes, gestos e meneios, arriscados até para a imaginação, quanto mais para a vista.

E advirta quem tem a seu cargo o bem da república e salvação das almas que uma alma vale mais que a cabeça de S. João Baptista; e, se com razão estranhámos tanto que o Baptista fôsse degolado por amor do baile de uma mulher, quanto devemos estranhar que pelo baile dêstes escravos se consinta a ruína de suas almas e das outras que o vêem! . . .

(*Nova Floresta*, Bailes).

XX

O VINHO E O CHOCOLATE

FINGE-SE que o patriarca Noé, ao plantar a vinha, a regou com o sangue de quatro animais que escolheu da Arca para êste efeito, a saber : bugio (1), leão, cochino e cordeiro.

Porque, em algumas destas quatro cousas costuma dar a destemperança no beber: ou em fazer esgares e momos, como bugio; ou cóleras e pendências, como leão; ou em imundícias, fealdades e sonolências, como cochino; ou, finalmente, em simplicidade, devoção e mansidão exterior, como cordeiro. E assim, quando nos banquetes não houvera mais excessos que o de beber, provocando-se uns a outros, já não havia poucos vícios. Porque se bem se considera, de muitos mais animais havia de ser o sangue com que se

(1) Espécie de macaco.

regasse a vide, se se houvessem de pôr em catálogo todos os efeitos nocivos que do mau uso dela procedem.

*

* *

O conselho de aguar o vinho é de Platão, que dizia misteriosamente que o Deus Libero (1) se casasse com as ninfas ou linfas. Casado, então se amansa e multiplica, conforme aquele vulgar verso

Lymphatum crescit, dulcescit, lædere nescit.

Mas, sendo puro, generoso e em quantidade, os danos que causa no corpo são que ofende o fígado, baço e cabeça, como penetrador máximo. Os da alma são que fomenta o concupiscível, irrita o irascível e ofusca e perturba o racional; e, assim, por sua causa padecem naufrágio ou, pelo menos, grave tormenta, as virtudes da Castidade, Modéstia, Silêncio, Mansidão e Prudência. Tudo ajuntou Salomão dizendo:

— Luxuriosa cousa é o vinho, e a embria-

(1) O mesmo que Baco, deus do vinho.

guez tudo confunde com tumultos; não será sábio quem se lhe afeiçoa.

A tanto chega êste dano da parte racional, que juntamente move a grande riso e a grande lástima. Já houve quem ordenou no seu testamento que à hora da morte lhe fizessem emborçações de vinho sôbre a bôca até expirar.

¿ Quem não vê que também era efeito do mesmo licor da planta de Noé dispor esta verba em testamento, o qual se não havia de abrir senão depois dêle morto? Mas, em-fim, a água apaga o fogo e o vinho a razão, disse S. Basílio.

*

* *

Não usando de chocolate o venerável prelado D. João de Palafox, bispo de Ossuna, formaram disto alguns matéria de reparo, por haver no seu bispado os melhores ingredientes daquela solene bebida.

—Não o faço por mortificar-me, senão porque não haja em minha casa quem mande mais que eu; e tenho observado que o chocolate é alimento dominante e que, em se habituando a êle, não se toma quando a pessoa quer, senão quando quer êle.

Tão certo é que o chocolate domina nos que a êle se costumam, e se toma quando êle quere, que em uma terra de Castela, para maior regozijo de umas bodas, mandou o noivo fazer uma fonte de chocolate, que correu todo aquele dia públicamente para todo o povo. Devia haver dentro em casa preparadas grandes caldeiras ao fogo, e muitos ministros ralando o material, e batendo-o com desmedidos molinilhos; e desta mina, por secretos condutos, se ia cevando aquella fonte.

Mais é que em algumas terras daquela mesma Coroa é ordinário, em acabando de comungar e dar graças, tomar-se (1) nas capelas das igrejas, levando para isto de casa os aparelhos necessários, que nunca serão tão poucos como é de crer que são os que levam para receber o Santissimo. Pudera aqui dizer-se com o Apóstolo :

— ¿ Porventura não tendes casa onde comais e bebais, e vindes desprezar a igreja ?

Porque, ¿ que outra cousa é senão desprezá-la, fazer a nossa cozinha a par dos seus altares ?

Outros sobem tão de ponto seus elogios, que não falta quem diga que, se os enten

(1) Subentenda-se o chocolate.

dimentos comessem, havia de ser chocolate. Muito jejua o entendimento de quem, por ennobrecer uma cousa tão vil, envilece outra tão nobre; e, por fazer um estômago como de anjo, faz uma alma de cacau.

(*Nova Floresta*, Abstinência, jejum).

MULHERES CALUNIADORAS

(Fábula do lobo e do cordeiro)

VISITANDO Guilherme Vilariense, monge de Cistér, o mosteiro de Valduce, da mesma Ordem em Brabância, no qual então era abadessa Aleide, illustre matrona de grande idade e prudência, algumas religiosas denunciaram faltas suas; e a mais avultada consistia em que, quando por ali passavam frades menores ou dominicos, lhes mandava dar peixe e vinho, e lavar os hábitos, e também os pés com água quente, regalos que não fazia aos monges da própria Ordem.

Quando êste capítulo lhe foi proposto, pediu ela licença para responder, e disse:

— Nenhum dêsses artigos nego, antes confesso serem verdadeiros. Porém êsses frades, quando fazem jornada, não levam dinheiro; e aos nossos monges a Religião lho dá, para comprar o de que necessitarem.

Êsses frades não trazem mais que um hábito, que é fôrça vir suado e manchado ; e os nossos monges levam mala com roupa para remudarem. Êsses frades trazem os pés descalços, lodosos e gretados de caminhar a pé, e os nossos monges caminham a cavallo.

Ouvindo isto aquele visitador, ficou satisfeito e as deladoras confundidas.

Aquí se nos oferece verificado o que pronunciou o Espírito Santo por bôca do rial profeta (1) : Que o pecador observa ao justo e busca em que o mortifique. Note-se : se o justo tivesse faltas grandes e conhecidas, não era necessário que o pecador, para lhas achar, o andasse observando ; porêm como o desejo do pecador não é que o justo careça de faltas, senão que apareçam e se publiquem, observa, quanto sua vista alcança, para lhas achar. Por onde (2), esta observação não leva por fim (3) a reforma do justo, senão a mortificação e pesar que lhe dá : *Querit mortificare eum* ; e, por consequente, não pode deixar de haver aqui pecado,

(1) David.

(2) = por onde se vê que . . .

(3) = não tem por fim.

assim pela malícia que o move como pelo fim que pretende: *Observat peccator*.

Porêm, se o justo tem contra si o peccador que o observa, por si tem a Deus, que o conserva e preserva. O peccador observa, para mortificar ao justo; e Deus conserva e preserva ao justo, para mortificar ao peccador; porque o peccador mortificado pelo justo, talvez que se converta em justo, e o justo sempre se torna mais justo, se sofre ser mortificado pelo peccador,

— E qual é a mortificação do peccador pelo justo?

Que Deus não lhe largue êste nas suas mãos; e que o não condene no que o peccador o condenava.

Verdadeiramente, muito mortifica o peccador ao justo, porque isso quere; porêm muito mais mortifica o justo ao peccador sem o querer. Dantes o mortificava com o seu exemplo (que por isso êle o começou a observar, para achar também que repreender), e depois o torna a mortificar com sair vitorioso e mais aproveitado das suas observações.

Muito mais mortificou David a Saúl com as suas vitórias do que Saúl a David com suas traições; muito mais doeu a Heródias

a repreensão do Baptista, do que ao Baptista a perseguição de Heródias. Quando o sal cai nas brasas, mais padece êle do que elas.

Consolem-se os justos, que, uma vez que são estrêlas, não podem faltar estes matemáticos, que lhes medem a magnitude, calculam os movimentos e observam as névoas e os eclipses. Do espírito farisaico é observar ao justo; do espírito de Cristo é observar justiça. Sejamos nós observantes conforme ao espírito de Cristo, e não importa que sejamos observados conforme ao espírito farisaico.

*

*

*

Particularmente a comunidade de mulheres é mais con-natural a fazer estas observações e levar ao prelado estas novas. São fáceis para a enveja e murmuração, difíceis para o sossêgo de suas paixões; teem a lingua mais expedita do que o entendimento, e suprem com malícia o que lhes falta de sciência.

Diógenes, vendo a uma mulher cochichando com outra, disse:

— O áspide está pedindo à víbora peço-nha emprestada.

O Espírito-Santo disse, pelo «Eclesiástico», que é pequena qualquer malícia, comparada com a da mulher: *Brevis omnis malitia super malitiam mulieris*. Fazem por achar nós em um junco, como diz o adágio latino: *In scirpe nodum quærere*.

Se de uma queixa acham satisfação evidente, recorrem a buscar outra. Podemos exemplificá-lo com o apólogo do que succedeu ao cordeirinho com o lobo:

Dizem que tinham estes feito tréguas por certo tempo, e antes de se acabar se encontraram ambos bebendo em um regato. Desejava o lobo quebrar as tréguas e comer o cordeirinho; e, para achar ocasião de briga, disse-lhe, mui sanhudo:

— ¿ Para que me turbais a água que estou bebendo?

Respondeu o cordeirinho:

— Senhor lobo, ¿ como posso eu turbar a água, se ela traz de lá a corrente e eu estou cá mais abaixo?

Enfadou-se o lobo da clareza da satisfação, que era maior que a da água, e replicou:

— Pois, se ma não turbaste agora, lembrado estou que ma turbaste o ano passado.

— Veja v. m. (tornou o cordeirinho) que isso não pode ser ; porquanto eu no ano passado ainda não era nascido ; e não tenho mais que poucos meses de idade.

Então o lobo se passou da razão à cólera, e disse :

— Pois, se não fostes vós, foi o carneiro vosso pai.

E logo remeteu a êle e o levou nos dentes.

Assim fazem os amigos de queixas e contendas, buscando crime na inocência e levando por fôrça o que não podem pela razão.

Verdade é que as súbditas de Aleide não lhe impunham cousa falsa ; porém caluniavam a inocência como crime e interpretavam a virtude por vício ; porque os olhos enfermos ofendem-se da claridade da virtude.

(*Nova Floresta, Calúnia*).

*

*

*

Outra versão da mesma fábula do lobo e o cordeiro :

No tempo em que o lobo e o cordeiro estavam em tréguas, desejava aquelle que se

oferecesse ocasião para as romper. E um dia, que ambos se acharam na margem de um regato, indo beber, disse o lobo mui encolerizado contra o cordeiro :

—Porque me turbais a água que vou a beber ?

Respondeu êle mansamente :

—Senhor fulano lobo, ¿ como posso eu turbar a v. m. a fonte, se ela corre de cima e eu estou cá mais abaixo ?

Reconheceu o adversário a clareza da solução do seu argumento; porêm, variando de meio, instou, dizendo :

—Pois, se a não turbaste agora, a turbaste o ano passado.

Satisfez o cordeiro, dizendo :

—¿ Como podia eu cometer êsse crime haverá um ano, se eu não tenho ainda de idade mais que seis meses ?

Então o lobo, enfadado tanto mais quanto mais convencido, disse :

—Pois, se não fostes vós, foi fulano carneiro, vosso pai.

E investindo ao pobrezinho, o levou nos dentes.

Assim fazem os ímpios e maliciosos, a quem não há inocência que satisfaça, nem desculpa que contente. Porêm os de cora-

ção pio e clemente até nos seus ofensores procuram achar motivos de comiseração e razões de desculpa.

(Nova Floresta, Esmola).

CONVERSÃO DO TRIBUNO QUIRINO

SENDO Hermes, prefeito de Roma, convertido e baptizado pelo papa Santo Alexandre, lhe perguntou o tribuno Quirino.

—¿ Que razão há para que deixeis a vossa dignidade?

—Não a deixo, respondeu Hermes, mas troco-a. A da terra acaba; em lugar dela tenho a do Céu, que permanece.

—Provai isso que dizeis, para que, assim como vós crêstes, possa eu crer também.

Hermes disse:

—Santo Alexandre, que está em prisões, me ensinou isto.

Aqui começou Quirino a escarnecer e blasfemar do dito Pontífice; e acrescentou:

—Senhor Hermes, varão que respeitamos como tão illustre: tornai ao vosso cargo e dignidade, tornai ao vosso júzo, recobrai a vossa casa, família e fazenda; porque a

isto sou mandado, para que tudo fique composto e vossos émulos confusos, contanto-que sacrifiqueis aos deuses.

Hermes, mui sereno, disse :

—Não me desafiáveis vós ainda agora para que desse razão da minha fé, e, se fôsse boa, vós a receberíeis ?

—Assim é, respondeu Quirino ; porêm vós recorrestes a que assim vo-lo ensinara S. Alexandre; e que se conclui daí, sendo êsse homem um embusteiro malvado, que eu tenho metido, por seus crimes, no fundo de uma masmorra, e brevemente sairá a queimar, para que não engane mais gente ? Em-fim, se êle é santo, como vós o apregoais, livre-se a si e a vós.

S. Hermes disse :

—Assim clamavam os judeus a meu Senhor Jesus Cristo pôsto na cruz ; e, se êle não visse seus corações cheios de ficção, sem dùvida desceria dela para os converter.

—; Andar ! (acudiu Quirino). Eu vou ao cárcere e digo a êsse homem que, se quere que eu creia no que êle prega, faça que o ache eu cá convosco, ou vós lá com êle.

— Aceito o partido (1), disse S. Hermes.

(1) = ajuste.

E Quirino, ratificando-se :

— Pois eu vou logo, e lhe tresdobro os grilhões, cadeias e guardas; e digo-lhe que, se o achar convosco à hora de cear, ou a qualquer da noite, creerei o que me ensinar.

Conchavadas assim as partes, foi logo o Quirino ao cárcere, fêz a sua proposta ao santo pontífice, tresdobrou as prisões e guardas, e ausentou-se. E S. Alexandre, pôsto em oração, disse :

— Meu Senhor Jesus Cristo, que quisesstes assentar-me na cadeira de Pedro, vosso apóstolo: mandai, para glória vossa, o vosso anjo, que me leve à hora conveniente onde está Hermes, e pela manhã me torne a trazer aqui, sem ninguêem o sentir.

O santo o desenhou com a sua palavra, e Deus assim o edificou com a sua onipotência. Á bôca da noite entrou naquele apartamento, onde S. Alexandre estava ferrolhado, um menino como de cinco anos, com uma vela acesa na mão, e lhe disse :

— Segue-me.

— Não farei tal (disse o santo), se primeiro não te pões de joelhos e oras, dizendo o Padre Nosso.

O menino, sem detença, assim o fêz, orando de joelhos espaço como de meia hora; e logo, levantando-se, disse devotamente o Padre Nosso. E pegando da mão de S. Alexandre, j o pôs sem dificuldade alguma em casa de Quirino, no aposento onde S. Hermes estava também fechado!

*

*

*

Entrou depois Quirino, abrindo por sua própria mão a porta, que reconheceu estava como a deixara; e, vendo dentro a vela acesa e os dois santos postos em oração, ficou atónito e como fora de si, e tornava a assegurar a vista, desejando haver-se enganado; mas de cada vez desenganando-se mais.

Os santos, vendo-o nesta suspensão, lhe disseram :

—¿ De que pasmas? É o que tu pediste. Ajuntou Cristo os que estávamos unidos no espírito, ainda que separados no lugar. Porém, para que creias que foi por te livrar a ti das prisões da alma, e não a nós das do corpo, pela manhã nos acharás outra vez separados e presos, como de antes.

Quirino respondeu :

— Bem pode isso ser pelos poderes de arte mágica.

Hermes disse :

— Tu fizeste o partido (1) e pediste o milagre e ofereceste a fé; agora retrocedes. Pois nem o mesmo Cristo se deu a conhecer aos incrédulos senão por semelhantes maravilhas. Eis aqui, pois, ó Quirino, porque eu cri no que disse o papa Alexandre, que presente está: porque hás-de saber que, morrendo um filho meu único, de pouca idade, a sua ama, que era cega, me disse que, se o oferecera na igreja de S. Pedro, assim como o ofereci no Capitólio aos deuses, não houvera êle perdido a vida e eu a alegria de minha casa. Respondi-lhe, escarnecendo da sua proposta :

«— Pois tu, que és cega, vai de pressa e, como cobrares vista, então me inculcarás o remédio.

«; Caso maravilhoso !

«A cega foi, seria pelas nove horas da manhã, e tornou com vista clara pelo meio-dia. E logo, sem deter-se, pegou no menino mor-

(1) = propuseste as condições.

to, e o pôs aos ombros, e o levou, correndo de modo que a não podiam alcançar os moços. E, chegando à presença de Alexandre, lho arremessou aos pés, dizendo :

«—Tornai-me, santo, a minha cegueira, a trôco da vida dêste menino.

«O qual respondeu :

«—Conserve-te sã o Senhor no que te deu, e, de mais a mais, te conceda o que de novo pedes.

«E, logo pôsto em oração, ressuscitou o menino, e êle mesmo mo trouxe vivo. Eu então, prostrando-me a seus pés, lhe pedi me fizesse cristão; e desde aquele ponto cri em Cristo, verdadeiro Deus humanado, Salvador do mundo. E seguiram meu exemplo minha mulher, e minha irmã, e tôda a minha família (1), que eram mil duzentos e cinqüenta servos; e além disso suas mulheres e filhos fizeram o mesmo, e todos se baptizaram em dia de Páscoa, dando-lhes eu primeiro liberdade, visto que se faziam filhos de Deus.

«Parte da minha fazenda larguei para património da Igreja; parte reparti entre os mesmos servos, já não servos, mas irmãos meus; e o resto dei a pobres. Agora aqui

(1)=clientela, criadagem.

estou, na esperança dulcíssima de que hei-de ser consorte da coroa do martírio. Esta é, ó Quirino, a razão da minha estultícia; esta, a troca da minha prefeitura.»

Ouvindo isto Quirino, prostrando-se aos pés daqueles dois santos, disse :

—Ganhe Cristo a minha alma por vosso meio, concedendo-me êste favor. Tenho uma filha para casar, e, suposto que é formosa, lhe faz não pequena fealdade uma alporca (1) no pescoço; livrai-a dêste mal por vossas orações; e, largando-lhe tôda a minha fazenda, entrego-me todo a Cristo convosco.

Disse-lhe Santo Alexandre :

—Vai, e leva essa criatura à minha presença ao cárcere, e tira-me esta argola do meu pescoço, e põe-na no seu, e pela manhã estará sã.

Quirino disse :

— E, se vós aqui estais em minha casa, como vos hei-de achar lá no cárcere ?

— Vai depressa (respondeu Santo Alexandre), que quem de lá me trouxe aqui, antes que tu viesses, daqui me tornará a pôr lá, antes que tu chegues.

Então Quirino quis deixar aberto aquele

(1)=escrófula.

apostento onde estava Hermes; porém os santos porfiaram com êle que o fechasse. E apenas o fêz e se safu, quando entrou aquele mesmo menino, e pegou da vela e disse a S. Alexandre que o seguisse; e em um momento o levou e pôs dentro das suas primeiras prisões.

Dali a uma hora chegou Quirino com sua filha, e achou os guardas vigiando, e tôdas as portas fechadas e com sinete, como as deixara.

Abriu; e entrou; e, quando lá viu preso a S. Alexandre, prostrando-se a seus pés, disse, em altas vozes:

— Peço-te, senhor, que ores por mim, e não me colha aqui a ira de Deus, cujo ministro és.

Respondeu o santo pontífice:

— Meu Deus não quiere a perdição dos pecadores, senão que se convertam e vivam; e, ainda pregado na cruz, rogou pelos mesmos que o sacrificaram.

Então lhe ofereceu Quirino a filha, e, soltando todos os grilhões e mais ferros em que o santo estava metido, lhe beijou os pés e pediu pusesse êle mesmo por suas mãos a argola no pescoço da filha. Mas, primeiro que o santo o fizesse, pediu a Quirino que fôsse

a buscar outros dois sacerdotes, que estavam presos por Cristo, e lhos trouxesse ali com bom tratamento.

E, assim como Quirino foi a êste recado, aquele mesmo anjo em figura de menino apareceu a Balbina (que êste era o nome daquela môça) e lhe disse :

— Cristo te sare, e tu permanece virgem, e eu farei que o vejas ; porque êle é o teu Espôso, que por teu amor derramou seu sangue.

Quando daí a pouco voltou Quirino, trazendo aqueles dois sacerdotes, e viu a filha sã, como se nunca tivesse mal, começou a a afrontar ; (1) e suava e dava gritos, dizendo :

— Sai daqui, senhor Alexandre ; não venha fogo do Céu, que me consuma, se aqui tardais.

S. Alexandre lhe pediu que trouxesse todos os mais presos (que eram alguns vinte) e, ainda que muitos dêles não fôsem cristãos e estivessem ali só por seus crimes, lhes persuadissem que se baptizassem. Quirino assim o fêz, pregoando que todo o que qui-

(1) = a ansiar-se-lhe o coração.

sesse recebesse a fé de Cristo, e podia ir livre para sua casa.

Com efeito, todos se baptizaram, prègando-lhes S. Alexandre; e Quirino fêz o mesmo, com sua filha Balbina, e tôda a sua casa. E todos depois foram coroados com a triunfal lauréola do martírio: S. Alexandre, e os dois presbíteros Evêncio e Teódulo, a três de Maio; S. Hermes, a vinte e oito de Agôsto; os outros, que se baptizaram no cárcere, e não quiseram retirar-se, a dez de Abril.

Só Santa Balbina não levou o fruto centésimo, que é o dos mártires, mas o trigésimo, que é o das virgens; e neste estado permaneceu santamente, e sua festa se celebra a trinta e um de Março.

(*Nova Floresta*, Bem-aventurança, glória eterna.)

XXIII

EXEMPLOS DE GRATIDÃO NOS ANIMAIS

SE bem o considerarmos, não há criatura no universo que nos não dê lições de agradecimento. Por isso disse Santo Antonino que cada criatura nos dava três vozes: uma, dizendo *accipe*; outra, *redde*; e outra, *cave*: *Toma*, homem, o meu uso e préstimo; e *rende* por êle as graças; e *guarda-te* do castigo, se não fores agradecido.

Os rios tornam para o mar, porque do mar saíam; os elementos estão em perpétua circulação, convertendo-se uns com outros; a terra cultivada multiplica os frutos que lhe entregaram; os dias de verão (como discretamente pondera Teodoreto) pedem horas emprestadas à noite para o trabalho; e os do inverno lhas pagam para o descanso.

Tudo isso são vestígios ou arremedos

do agradecimento, que não é outra cousa senão vínculo e correspondência efectiva de amor, sem o qual não pode subsistir o universo. E até os bárbaros, adorando algumas criaturas, v. g. os Persas ao sol, os Egípcios à terra, etc., não era senão porque, experimentando nelas beneficência, supunham amor, e se consideravam obrigados a render graças e mostrar sujeição.

Nos brutos, para doutrina dos homens, parece que imprimiu o Autor da natureza particular instinto de amarem a quem os ama. Há nesta matéria freqüentes e admiráveis exemplos, dos quais, para o mesmo fim, não deixarei de referir alguns, sem embargo de não serem novos :

Conta-se de D. Fernando Anes de Lima, filho de João Fernandes Lima, progenitor da nobilíssima família dos Limas, que viu uma vez pelejar uma cobra com duas doninhas, sôbre lhes entrar na cova onde tinham os filhos. As quais, ora juntas, ora revezando-se, sustentavam a batalha e defendiam a porta. E das feridas se remediavam, espojando-se em uma mouta de saramagos que ali estava, e mastigando dêles ; e logo tornavam à pelega confortadas.

Porém, como em-fim fôsem vencidas e afugentadas, aquele capitão, que assistia curioso, desejando ver em que parava a briga, compadeceu-se da parte mais fraca e matou a cobra com o bastão. E, voltando para a barraca que tinha em campo contra os mouros, contou ali o sucesso aos camaradas. Eis que, no meio da prática, veio uma das doninhas por meio da gente, trazendo na bôca uma pedra preciosa, e a foi pôr aos pés do seu libertador. A qual êle, engastada em um anel, deixou com a sua bênção na casa dos Limas, morgado que é dos viscondes de Vila Nova da Cerveira, onde é estimado e chamado, por esta causa, o anel da bênção.

*

* *

Piério Valeriano traz outro caso memorável, em que o benefício e recompensa foram no talião da mesma moeda, e a respeito do mesmo terceiro inimigo.

Estavam uns rústicos trabalhando no campo, e, tendo sêde, foi um dêles por água à vizinha fonte, onde vinha uma águia cingida com as rôscas de uma serpente que a queria matar, por mais que

ela com brio e unhas queria defender-se. Levava o homem na mão a sua fouce e, metendo-a por entre as rôscas da serpente, a cortou em pedaços; e a águia voou livre.

Tomou, pois, o rústico em uma vasilha a água que ia buscar e trouxe aos companheiros, da qual beberam; mas, querendo êle fazer o mesmo, ao aplicar o vaso à bôca, baixou de repente aquela mesma águia e com o ímpeto das asas lha derrubou e entornou pela terra. Admirou-se do caso, por ser tão desusado; mas não entendeu o segrêdo dêle, senão quando, dali a pouco intervalo, viu que um dos companheiros que beberam caíu morto, e todos os mais padeceram ânsias e tormentos nas entranhas. Com que se conheceu que a serpente tinha (como costumam) vazado a sua peçonha na fonte; e contra êsse comum inimigo se ajudaram mútuamente o homem e a águia, livrando um ao outro da morte.

Mais público e illustre foi o caso do médico e hóspede do leão:

Entre os outros jogos e espectáculos que se faziam no Circo Máximo, ou Anfiteatro, para entretenimento do povo, se formou uma

caça ou montaria de feras; entre as quais um leão, por sua grandeza e ferocidade, levava mais os olhos de todos.

Lançaram também na mesma praça alguns criminosos para lutarem com as feras, e serem delas despedaçados. Um dêstes réus era um homem natural da Dácia, escravo de certo varão consular. Arremeteu a êle o leão para o fazer leve pasto de seu esfaimado ventre (nem aquela miserável vítima esperava já outro sepulcro); quando, de repente, parou o leão e o correu atentamente com os olhos, como que o conhecia de antes e queria certificar-se. E, já que acabou de conhecê-lo, se chegou manso e humilde, e o lisonjeava, movendo a cauda e lambendo-lhe as mãos, como se fôra um cachorrinho doméstico. E o homem, conhecendo também ao leão, começou de afaçá-lo e correr-lhe a mão pelas jubas.

Levanta-se em todo o anfiteatro um confuso ruído de clamores, porque êste espectáculo era para todos, com razão, mais admirável que os outros. Foi chamado do César o dito homem, e perguntado pela causa desta estranha maravilha; e êle, com humildade simples, contando a verdade:

—Sou (disse) um escravo por nome An-

drodo, que, estando em África com meu senhor, que naquela província era procônsul, por não poder tolerar suas crueldades e mau trato, fugi para os montes; onde, buscando esconderijo contra os que me seguissem e amparo contra os ardentes sóis daquele clima, vim a entrar em uma cova, que me pareceu mais oculta e retirada.

«Não tardou muito que o morador dela, que era êste leão, viesse de fora a recolher-se. Qual seria neste passo o meu susto e pavor, o mesmo caso o explica. Porê m vinha a fera manquejando, e trazia suspensa no ar uma mão, e do modo que podia ma mostrava, como pedindo-me remédio. Cobrei então ânimo com a necessidade do leão e, pegando-lhe da mão, vi que tinha nela cravado altamente um agudo abrôlho, donde lhe procedia inchação da parte, com dores que o faziam bramir.

«Tirei-lhe o abrôlho, espremi-lhe o sangue podre e matérias que tinha criado, e lhe vendei a mão com uma tira, que rasguei do meu vestido, sofrendo o bruto a cura quietamente. E, como tomou alívio na dor, se estendeu a dormir junto a mim, sem tirar a

sua mão das minhas — como que nelas sentia algum fomento. (1)

«Dali por diante, sarada já a ferida, todos os dias me trazia do que caçava; e eu, torrando aos raios do sol os pedaços de carne de outros animais, passei assim três anos. Até que, aborrecido d'êste ferino modo de viver, deixei a cova, ao tempo que o leão andava fora; e logo vim a cair na mão de outros mais ferozes, que me conheceram e prenderam, e levaram à presença de meu senhor, que é a causa de ser agora lançado às feras. E, pelo que vejo, devia o leão ser também colhido para ajuntar aos mais, nos espectáculos d'êste povo.

«A familiaridade e hospedagem de tanto tempo o tinha domesticado comigo; e por essa causa me não fêz mal, antes mostra conservar a lembrança daquele antigo benefício que de mim recebeu.»

Admirado e juntamente gozoso o César de ouvir a relação d'êste caso, mandou que se escrevesse sumariamente e fôsse passando a notícia a todo o povo.

(1) = *alivio*.

O qual, levantando clamor, pediu que Androdo fôsse sôlto e livre, e lhe dessem o leão. Assim se executou, e dali por diante andava Androdo por tôda a cidade, levando consigo o leão atrelado por um delgado esparto; e todos deitavam sôbre êle flores, e a Androdo davam esmolos, de que vivia. E diziam:

— Êste é o leão, hóspede do homem; êste é o homem, médico do leão.

Outros vários exemplos trazem os autores, donde os Santos Padres tiram argumento eficaz para convencer e condenar ao homem ingrato. Mas os referidos bastam, para mostrar como a mesma natureza ensina a dar bem por bem, assim como a graça a dar bem por mal, e o diabo a dar mal por bem.

(*Nota Floresta, Benefícios*).

CALÚNIA DE IMPEBATRIZ

No ano de 998, caminhando o imperador Otão III para Roma, se aposentou em uma vila por nome Amula, perto da cidade de Módena, que é na Gália Cisalpina, onde o hospedou magnificamente um conde, que era senhor daquele lugar — cavalheiro casado, em quem com rara e admirável concórdia se uniam o ilustre do sangue, o copioso das riquezas, o florido da gentileza e o ajustado dos bons procedimentos.

Neste empregou os olhos a imperatriz Maria, filha del-rei de Aragão; os olhos, digo, tão mal intencionados, tais que ninguém o pudera esperar daquele estado tão alto, nem daquele nome tão puro, nem daquela geração tão ilustre. Não duvidou (soprada daquele infernal álito que acende os carvões em brasa) declarar-se, como outra mulher de Putifar com outro José. Da parte dêste se pôs o horror do pecado, que não achara lugar onde

o devera ter mais certo. E, assim, com tôda a inteireza guardou de um heróico lanço três fés: a Deus, ao imperador e a sua mulher própria, à qual depois ajudou aquele Senhor do Céu, para convencer estoutro da terra, como já vamos a referir.

¿Que faria a imperatriz neste caso, mulher, e senhora, e desprezada de seu inferior em tal matéria?

Ardeu, de repente, em ódio, como ardera em concupiscência; e prosseguiu a imitação começada, da mulher de Putifar. De provocante se fingiu provocada, e a inteireza alheia vestiu como própria, delatando o inocente conde ao crédulo imperador.

Viu-se aqui como é certo o que disse o filósofo estóico: Que o que ouvimos de má vontade, de boa o cremos, e a ira se nos antecipa ao juízo.

As causas dêste género não são para muito discutidas, principalmente onde a honra, como vidro, igualmente é nítida que frágil. Em-fim o cutelo se pôs na garganta do conde, antes que pudesse formar vozes para sua defesa.

Sabendo isto a condessa, que já estava noticiosa da inocência de seu marido, correu como furiosa ao lugar onde a pena se executara; e, levando nas mãos a cabeça de seu

lial e amado consorte (nisto parecida com a do grande Baptista, pois era também vítima da castidade), tornou a correr onde o imperador estava dando audiência e administrando justiça; e, arremessando lha aos pés em presença de todos, clamou, com fôrça e alentos que lhe dava a sua dor vivíssima :

— ¡ Justiça, justiça sôbre o mesmo juiz, pois èle mesmo é o réu !

Estremeceu o imperador e admiraram-se todos.

Faltavam testemunhas; e os clamores de uma viúva sempre fazem lástima, mas nem sempre fé; porêm em faltarem testemunhas humanas consistiu a ventura de provar o delicto. Ofereceu a autora de o provar com fogo (género de prova irrefragável, naqueles tempos usada). Não pôde o imperador públicamente negar êste ádito (1), porque seria confessar o seu arrôjo, (2) o qual ainda não cria.

Aparelham-se tôdas as cousas; concorre numerosa plebe e nobreza; põe-se em viva brasa uma barra de ferro. Deseja Otão ver

(1) = entrada, vestibulo. Aqui significará antes *caminho* ou *processo*.

(2) Talvez: o arrastamento da sua honra; a sua desonra.

naquele verídico exame antes repetido o valor de Scévola, do que o milagre da fornalha de Babilónia.

A varonil matrona, chamando a si com os olhos os de todos, pega com mãos intrémulas do metal abrasado; aperta-o nelas tão ilesa, como se tratara flores, queimando-se entretanto as entranhas do imperador, atónito com a maravilha.

Levanta-se um confuso murmurinho nos circunstantes, voltando as cabeças uns para os outros e repreguntando o mesmo que viram com os seus olhos. Animada a matrona com o aplauso do teatro e com a clareza do testemunho do Céu, solta a voz e não duvida pedir confiadamente à espada do imperador a execução da pena de talião contra êle mesmo.

Tão diferentes eram dêstes aqueles tempos que Otão, ou envergonhado da publicidade do seu êrro, ou zeloso de dar satisfação à parte ofendida e alívio à sua consciênciã gravada (1), prometeu pagar o que se lhe demandava. ; Ó raro amor da justiça! Só esta sentença tua podia igualar os braços da sua

(1) = *oprimida, carregada.*

balança. Pediu, todavia, breves tréguas, para dispor algumas cousas precisas.

As mãos do tempo que se prorrogava teem fôrça para afrouxar o garrote das mais apertadas dificuldades; e entretanto os principais senhores instaram à viúva pelo perdão. Ela se fechava dentro dos muros da sua dor recente, presidiados (1) com o testemunho claro da justiça. Muitos assaltos foram necessários para entrá-la (2) até que se rendeu a partido (3) isto é, que a autora da calúnia, Maria adúltera, imperatriz indigna, fôsse digno pasto de uma fogueira.

Otão, uma vez que ardera a sua honra, veio em que ardesse a sua infâmia: só com os fumos dêste incêndio podia afugentar os daqueloutro. Raro espectáculo, cuja miséria puxava pelas lágrimas de todos, cuja rectidão logo as secava.

Ardeu, em-fim, a infeliz Maria, porventura mais infeliz, se não ardesse; porque, quanto nesta vida pagamos, tanto na outra não devemos. E nas suas cinzas, tantas vezes re

(1) = guarnecidos, como as muralhas de uma fortaleza; defendidos.

(2) = demovê-la; vencê-la.

(3) = transigência, composição.

volvidas quantas êste exemplar caso se refere, nos deixou achar as doutrinas de que a carne dos poderosos não deve tratar-se como isenta de padecer fraquezas; de que a inocência e verdade teem por si a Deus, autor delas; de que a calúnia deve ser difficilmente crida e severamente castigada; de que a virtude tudo vence, e de que a maldade em nenhuma parte está segura.

(*Nova Floresta, Calúnia*).

MAUS JUÍZES

E BONS EMPENHOS

CORRIA diante de D. Baltasar Moscoso, arcebispo de Toledo, um pleito matrimonial entre pessoas da primeira nobreza; e uma das partes, que servia a el-rei em officio honroso, alcançou dêle carta de favor para o arcebispo, em que lhe pedia com empenho que o amparasse. Respondeu o arcebispo a el-rei :

— *Que lhe guardaria justiça, porque a matéria não era de graça, nem sujeita a seu arbitrio.*

Aqui teem os juízes uma boa fórmula para responder a semelhantes *cartas de valia* (1). E, se o intercessor é pessoa de

(1) = de empenho.

quem se entende (como deve entender-se de todos) que não quere se corrompa a justiça, em vão confiam os litigantes em semelhantes cartas, porque não servem de abalar o juízo em ordem à sentença, senão de contemporizar com a parte em ordem à sua esperança; e, por lhe não dar um *não* desabrido, lhe dá um *sim* inútil. E muitas vezes desejam que não suceda o mesmo que pedem; ou de tal sorte pedem, que ajudam a que lho neguem.

Mas, se algum juiz ou ministro, eclesiástico ou secular, declinar das obrigações do seu officio por respeito de semelhantes cartas, ou quaisquer outras dependências terrenas, tema, que pode aquele Supremo Senhor que se preza de julgar as justiças: *Ego justitias judicabo*, mandá-lo por outra carta citar para o seu juízo do qual não há apelação nem agravo.

Traslado de bons autores um terribilíssimo exemplo, que não é forasteiro nem mui antigo:

No ano de 1614 conta o padre Vergílio Cepário, da Companhia de Jesus, o seguinte caso, que afirma havê-lo sabido de duas testemunhas de vista, da mesma Com-

panhia, que se acharam presentes; e passou assim:

Poucos anos antes havia neste reino de Portugal um juiz, no exterior pio e religioso, que comungava cada oito dias e fazia outras obras de virtude; porém tinha um vício, prejudicial a si e a todos, que era uma entranhável cobiça, tão apoderada de sua alma que não deixava pedra por mover para enriquecer-se e acrescentar seu cabedal, fazendo quantas extorsões podia aos que negociavam (1) no seu tribunal.

Vindo, pois, um dia, para sua casa, lhe saíu ao encontro um homem desconhecido e lhe pôs nas mãos uma carta com sobrescrito para êle, e logo desapareceu. Abriu o juiz, e leu. ¿De quem seria? ¿Ou que aviso-lhe traria?

Era uma citação peremptória do mesmo (2) Deus para diante do seu Tribunal. Enfiou-se de morte, areou (3) a vista, tremiam os passos, todo entrou em escuras ondas de turbação, que o não deixavam formar palavra.

Levaram-no em braços para a cama, e

(1) = litigavam.

(2) = próprio.

(3) = turvou-se-lhe.

naquele aposento apareceram logo vinte e sete demónios, com igual temor seu, e espanto dos que lhe assistiam, dos quais muitos fugiram. Porém os demónios, fazendo seu officio, tomaram, os vinte dêles, posse daquele corpo, entrando-lhe pela bôca; e os sete ficaram fora, como fazendo escolta e guarda aos que estavam dentro.

Os parentes e familiares do miserável avarento, desejando o seu remédio, trouxeram sacerdotes que conjurassem os demónios, os quais começaram a defender-se e maltratar de palavras aos circunstantes, descobrindo os pecados de cada um publicamente. Os vinte que estavam acastelados no corpo daquele miserável o atormentavam terrivelmente.

Os sacerdotes conjuravam a uns e outros; e, pondo maior esforço contra os sete que estavam no aposento, fizeram despejar seis dêles. O sétimo que restava, e era mais emperrado, disse para os vinte de dentro:

— ¿ Que vos detendes com a presa nas unhas?...

(*Nova Floresta, Justiça*).

JUSTIÇA CEGA

MARGARIDA, duqueza de Mântua, sendo governadora dêste Reino, perdoou uma morte, e o facinoroso cometeu depois outra; pela qual sendo outra vez preso, e sentenciado, e tornando a meter intercessores para o perdão, respondeu a Mantuana :

— Da primeira morte dará êle conta a Deus; da segunda eu.

E mandou fazer justiça.

A indulgência nímia, em lugar de arrancar os pecados, os semeia. Senhor da vida do criminoso é o príncipe soberano, para lhe poder perdoar a morte; porém não é senhor das vidas e honras dos inocentes, para as expor ao perigo. ¿E quem não vê que a mão que abrir a jaula de uma fera, será culpada nas rapinas e sanguinolências que suas garras obrarem? O perdão do se-

gundo homicídio já excedia o modo e fidelidade que deve guardar com as leis, quem, por officio, é defensor e executor delas.

*

*

*

Ninguém julgou mais pessoas à morte no principio de seu govêrno que el-rei D. Pedro I, chamado por isso o *Cru*; e ninguém julgou menos que êle no discurso do mais reinado.

O conde de S. Lourenço, militando contra Castela, lançou bando que nenhum soldado tomasse das hortas e vinhas cousa alguma, sob pena de morte. Tomou um soldado uma couve, e logo o pendurou, e ninguém furtou mais.

Outro soldado, indignado contra o seu tenente, esperando-o em uma encruzilhada, o derrubou, de um cravinaço (1). Mandou o conde que não enterrassem senão ambos juntos. Esteve o cadáver esperando até colherem o homicida, e, pagando com a vida, foram ambos a enterrar, deixando fora tão

(1) Cravinaço, ou clavinaço = tiro de clavina (cravina, carabina).

vivo o escarmento, que ninguêem ousou mais a perder o respeito aos seus cabos.

A justiça punitiva e distributiva sustenta firmemente, como em dois seguríssimos polos, todo o pêso de uma monarquia. E é o que dizia Demócrito: que não havia mais que dois deuses — o Prémio, e o Castigo. Tôda a mais multidão dêles, que venerava a gentilidade, lhe parecia escusada.

*

* *

Queixou-se a el-rei D. Pedro I de Portugal um ministro de justiça de que, indo a fazer uma citação a certo fidalgo, êste lhe dera uma punhada e lhe arrancara alguns cabelos da barba.

O rei, entregando a vara a um corregedor que estava presente, lhe disse, com grande fogo de zêlo:

— ¡ Acode-me, corregedor, que me deram uma punhada e me arrancaram as barbas!

Foi logo o corregedor, prendeu o delinqüente, e foi degolado.

Se o rei não tomar por afronta sua a

que se faz a seus ministros, também os ministros não tomarão o serviço del-rei por honra sua. Entram em graves perigos animosamente, fiando-se do arnês e escudo do nome rial. Se êste os não defender, escusarão entrar; e sirva-se por si mesmo quem se contenta com ser honrado em si mesmo.

(*Nova Floresta, Justiça*)

INFERNO E PURGATÓRIO

EM Flandres, não longe da cidade de Bruxelas, havia um castelo, infestado com estrondos nocturnos que adoras (1) se ouviam, sem se saber a causa dêles.

O fidalgo, dono do dito lugar, havendo padecido desvelos (2), sobressaltos e outras moléstias, sem ver proveito dos remédios que applicou de algumas cousas sagradas, últimamente desamparou aquella vivenda, e a veio fazer em Bruxelas; onde, mais por aliviar o coração do que por inquirir novo remédio, communicou o caso a certo padre grave do colégio da Companhia de Jesus na dita cidade.

(1) = a des-horas.

(2) = vigílias, cuidados.

Era êste não só armado da fortaleza das virtudes, mas naturalmente animoso; e ofereceu-se a fazer (suposta ajuda de Deus) com que cessassem estes ruídos e pavores, e ficasse o castelo em paz com seus habitantes. Com efeito, dali a três dias, segundo ajustaram, caminhou o padre para o dito lugar, levando companheiro da mesma Religião, acomodado ao intento. E recolhidos ambos em um aposento, próximo ao salão onde mais de ordinário se sentiam as inquietações, fecharam bem a porta, acenderam luzes e se puseram em oração (que também foi acender outra melhor luz), para terem mais junto a si a companhia dos anjos e o favor divino.

Quando, lá perto da meia-noite, ouvem correr arrebatadamente pelo salão com estranho ruído, e a carreira veio a parar na porta do tal aposento, com três rijas pancadas. Os de dentro nada responderam, nem deram sinal de que entrasse a visita. Mas quem batia, sem aguardar licença, meteu as portas dentro com suma facilidade.

Eis que vêem entrar a formidável sombra ou semelhança de um homem: os olhos scintilando fogo negro, a língua fora, as faces sumidas, o cabelo eriçado, e todo

o aspecto irado, lívido, macilento (1) e horrível.

Então o padre, sem susto nem pavor, (foi efeito da graça e confôrto do seu anjo), em voz alta e intrépida lhe perguntou :

— ¿ Quem és, e por que causa inquietas êste lugar ?

A sombra, sentando-se em uma cadeira, defronte do padre, respondeu :

— Logo virá quem to diga.

Continuou o padre a sua oração e, passado como um quarto de hora, ouviu-se semelhante estrondo ao primeiro, e entrou outra sombra na mesma forma. Fêz-lhe o padre a mesma pergunta, e êle, ocupando a seguinte cadeira, respondeu :

— Logo virá quem to diga, e saberás a causa por que infestamos êste palácio.

Passado outro quarto de hora, entrou terceira visagem, precedendo também grande ruído. Sentou-se abaixo das outras duas, e, a requerimento do padre, respondeu do mesmo modo.

Estavam os Religiosos com grande suspensão, aguardando em que pararia ou

(1) = magro, descarnado.

quando acabaria de convocar-se aquele estranho conciliábulo nocturno, tão amigo de cadeiras e observador de precedências. Quando, finalmente, depois de intervalo semelhante, entrou a quarta figura, porém mui diferente das três no aspecto, traje e modo de andar. Vinha quieta e sossegadamente, vestida de branco, o rosto modestamente alegre e todavia doloroso, as mãos juntas, como quem ora. Falou-lhe o padre com brandura e reverência, perguntando a causa da sua vinda, a que respondeu benignamente :

— Sou a alma do pai do que ao presente possui êste castelo e vos recebeu nele. Os outros que vêdes são meus antepassados sucessivamente, a saber : meu pai, avô e bisavô. Êste foi o primeiro que usurpou êste castelo a seu legítimo senhor, contra tôda a razão e direito, por ocasião das guerras civis que então ardiam. Bem o soube meu avô, mas deixou-se ficar com o que por nenhum título era seu. Passou a herança a meu pai, o qual entrou em dúvida sôbre a verdade do título por que lhe tocava êste domínio ; porém omitiu examinar o ponto, parecendo-lhe melhor conservar a posse ; e assim todos três foram por esta causa

sentenciados pelo Supremo Juiz ao fogo eterno.

Chegando aquella alma bem-dita a fazer menção desta sentença, os três condenados se levantaram com repentino furor e, correndo a todo o ímpeto pela porta fora, desapareceram; e a alma continuou dizendo:

— Eu, que fui o quarto possuidor, sempre estive em boa fé, não me parecendo que lograva senão o meu; e todavia, por secretos juízos de Deus, estarei detido no Purgatório emquanto a restituição se não fizer a quem toca, que é um criado de meu próprio filho, por nome João, de sangue mui nobre, porém que veio a esta sorte inferior pela mudança das cousas do mundo. Peço a meu filho lhe restitua logo o castelo, ou, ao menos, se componha com êle por algum meio justo e amigável; e vós, padre, lembrai-vos também de mim, quando sacrificardes.

Acabadas estas palavras, se despediu e apartou quietamente. E o padre, justamente admirado do que vira e ouvira, e por outra parte contente do bom êxito de sua diligência, convidou seu companheiro a dormirem sem cuidado o que restava da noite.

Logo pela manhã, veio aquele fidalgo a buscar novas do que passara; e, ouvida a

narração, admirável quanto rara, quis aliviar a alma de seu pai e escarmentar na infelicíssima sorte dos outros seus antepassados. Logo, em presença do dito padre, a quem rendeu as graças de tão sinalado benefício, mandou chamar ao dito João e lhe declarou como estava pronto para lhe dimitir (1) o castelo, com tôda a jurisdição que por êle lhe tocava; e a satisfazer os danos que da demora houvessem resultado, salvo quisesse consentir em alguma transacção honrada, e haver por traspassado legitimamente o dito domínio e posse.

Consentiu o criado, já dali em diante não criado, mas amigo e companheiro. E cessaram de todo as inquietações e estrondos que ali se ouviam.

(*Nova Floresta, Inferno, Purgatório*).

(1) = largar, ceder, entregar.

XXVIII

HOMICÍDIOS

C OUSA é, por certo, digna de lástima, a facilidade e arrôjo com que se cometem homicídios, sendo crime tão contrário, não só à lei divina, mas ainda à natureza humana.

Só o nome, ouvido, devia meter horror (*Homicidii facinus primus detestatur auditus*, disse Cassiodoro) e a muitos não mete horror a obra executada.

Sendo o sexo feminino tão pusilânime, e a sociedade conjugal tão íntima, ainda assim não estão seguros os maridos das mulheres, porquanto o que lhes falta de ânimo e forças lhes sobra de traição e crueldade.

Egipto se chamou assim de um rei que ali houve dêste nome, irmão de Danau. Êste teve cinqüenta filhas, e Egipto cinqüenta filhos. Concertaram casar estas duas cáfilas de primos e primas. Porém elas, por conselho de Danau, na primeira noite mataram

os maridos, excepto uma, que foi lial ao seu.

¿Pois que direi dos venenos que se teem inventado?

Autor há que só dos antigos conta quinhentas espécies, uns tão ligeiros que, ao abrir uma carta, ou cheirar uma rosa, ao pôr o pé no estribo, ao calçar uma luva, cai a pessoa desta vida na outra. Dêste último modo foi morto o imperador Otão III, chamado o *Mirabilia Mundi*, sendo de vinte e oito anos. Outros tão lentos, para se cobrir mais a aleivosia, que, bebidos na Índia, v. g. ao embarcar-se a pessoa, vem a morrer no fim da viagem. Outros tão sacrílegos, que se atrevem a misturar-se nas espécies sacramentais, fazendo do instrumento da vida veículo da morte. Dêste modo se escreve que morreram o papa Vítor III e o imperador Henrique Lucelburgense.

As barbas do tigre são tão refinadamente venenosas que, sem remédio algum, matam até à mesma fera, se bebeu de sorte que a água tocasse nelas; por isso observam (1)

(1) = usam, costumam.

(tendo por mestre o natural instinto) beber da parte que a corrente desce.

O grão Mogor vedou, com severas leis, que ninguêem guarde êste gênero; todo vai para seu rial tesouro, para fazer daqui pí-lulas com que mate breve e caladamente os que lhe não agradarem. De sorte que tem êste bárbaro os homicídios desta casta por estanque (1), e, para matar êle só, proíbe que os outros matem. Em-fim, que não há inimigo pior para um homem do que outro homem: poderá cada uma das outras criaturas fazer-lhe mal consigo; mas o homem lhe pode fazer mal com tôdas.

Porêem nada ficará impunido no Juízo de Deus, especialmente êste delito do homicídio aleivoso, o qual ainda nesta vida castiga com demonstrações da sua ira, terríveis e evidentes. Inumeráveis são os casos que provam esta verdade. Agora me contento com referir dois, notáveis.

O primeiro é de Popielo, rei de Polónia, que succedeu a seu pai Popielo I, o qual costumava praguejar nesta forma :

(1)=casa de venda de artigos monopolizados; monopólio.

— Se fôr assim, comido seja eu e meus filhos, de ratos.

Desenfreado, pois, o filho em maldades públicamente escandalosas, dois irmãos seus lhe quiseram ir à mão; do que êle, indignado os mandou matar ocultamente. Pouco depois, estando em público comendo com a rainha, que era cúmplice em seus excessos, foi tanta a multidão de ratos que saíram dos cadáveres dos irmãos que, sem aproveitar diligência alguma, de ferro, água ou fogo, ninguém finalmente lhe pôde valer, que os ratos não comessem a êle e a rainha. Era espectáculo verdadeiramente horrível vê-los entrar e sair, a uns, por uma, e outros por outra parte, daqueles miseráveis corpos; e, se os tiravam por fôrça, sobrevir muitos mais, manando perenemente da fonte dos outros dois corpos, se mortos para criar sevandijas (1), vivos para tomar vingança. Cessou a praga, só quando lhes acabaram de roer os ossos.

O outro caso é: Que havendo fome em uma terra, saíram dois pobres a buscar em outra com que sustentar a vida. Encontra-

(1) = bichos, parasitas.

ram-se com outro peregrino, que ia em romaria a Santa Valvurga. E, fingindo que levavam a mesma derrota, se chegaram para o seu alforjinho, donde êle os convidou amigávelmente.

Logo, cobiçosos do mais que ali vinha, determinaram de o matar quando dormisse. Assim o fizeram, à falsa fé; e um dêles carregou com o cadáver para o lançar em uma barroca. Porém Deus ordenou que o defunto se abraçasse com o vivo tão fortemente, que ou ambos haviam de ficar em cima, ou ambos precipitar.

O cúmplice, fugiu espantado. Estoutro, que tinha a principal culpa, por haver sugerido o ponto e começado a execução dêle, não sabia que fizesse. Por mais esforços e diligências que repetia, ia morrendo vivo às mãos do morto, porque no morto estava a Divina Justiça viva, e no vivo a humana esperança morta.

(Nova Floresta, Justiça)

PÃO E JUSTIÇA

QUANDO o pontífice Sixto V, novamente eleito, safu a público, o povo romano, vexado da fome, e da opressão de ladrões e facinorosos, o aclamava, dizendo:

—¡ Santo Padre, pão e Justiça !

Respondeu-lhes :

—Pão, daremos por graça ; justiça, por natureza.

Uma e outra cousa são tão precisas na República, que sem qualquer delas não seria república. ¿ Não havendo justiça, quem terá pão, nem para seus filhos ? ¿ Não havendo pão, quem guardará, nem com seus próprios filhos, justiça ?

Sem justiça, também a república não será república, senão uma nova e pior confusão babilónica, de muitas vontades discordes, como aquella (1) de muitas línguas incógni-

(1) Como Babel ou Babilónia.

tas; porque, assim como a justiça se abraça com a paz, assim se abraça a discórdia com a injustiça.

Pela justiça florescem os reinos e se estabelecem os tronos (disse quem podia dar ditames a reis, por sciência e experiência); sem ela, muitos cidadãos brevemente nem serão cidadãos, nem muitos: não serão cidadãos, porque se tornarão feras; não serão muitos, porque se consumirão uns aos outros.

—Tirai a justiça, (disse Santo Agostinho), e os reinos ficarão uns latrocínios grandes, porque os latrocínios $\frac{1}{2}$ que são, senão uns reinos pequenos? *Remota justitia quid sunt Regna nisi magna latrocinia? quia latrocinia quid sunt, nisi parva regna?*

A República onde se fazem observar as leis é como uma matrona honrada, que tem conta com seu marido, filhos e servos, e tudo dispõe em seu lugar e tempo. Faltando a justiça, será como uma mulher rameira (1), em cuja casa cada dia governam diversos, cada um pelo seu gosto.

(1) Mulher de maus costumes, freqüentadora de tabernas (do *ramo* pendurado à porta delas).

Até a sociedade dos maus, se não conservarem entre si alguma forma de justiça, perecerá certamente, como se vê nas companhias (por melhor dizer, alcateias) de salteadores.

(*Nova Floresta, Justiça*).

CONDENAÇÃO DO DUELO

O FAMOSO capitão Mário, desafiado por um soldado romano, seu inimigo, para combater só por só, respondeu, desprezando-o, por soberania (1):

— Se tu tens tanta vontade de morrer, podes sem ajuda minha lançar uma corda ao pescoço e afogar-te.

Com semelhante desafôgo respondeu outro a quem lhe trouxe o cartel de desafio, em que determinava a hora, pelas quatro da manhã:

— Que para cousas mui de seu gôsto se não levantava êle tão cedo...

Muito me admirou ler que em algumas Ordens Militares houve antigamente estatuto de não admitir ao seu grémio pessoa que, desafiada, não aceitasse. Estes e outros quais-

(1) = superioridade, altiveza.

quer estatutos, ou leis semelhantes, ainda que fôsem feitos com autoridade rial, e confirmados com costume, são nulos e totalmente írritos, como ímpios, indutivos e nutritivos de pecado. São contra os preceitos divinos de não tentar a Deus, e da caridade do próximo e própria. São contra o direito canónico, concílios e bulas dos sumos pontífices.

Pio IV excomungou até aos que permitirem ou se acharem presentes ao desafio. O Concílio Tridentino fulmina a mesma censura contra os príncipes e pessoas soberanas que nas suas terras o admitirem; e aos que renhirem, além da mesma pena de excomunhão, os priva dos feudos, especialmente dos que lograrem da Igreja; e lhes impõe pena de infâmia e privação de sepultura eclesiástica, se morrerem; e assim mesmo excomunga aos que derem para isso conselho ou auxílio, ou se acharem presentes.

Gregório XIII estende estas penas, ainda que o conflito se não siga depois, se por êles não esteve o impedir-se. Clemente VIII compreendeu ainda os casos em que o desafio seja em terras de infieis, ou de um só par, ou de muitos pares de desafiados; e aos que escreverem, imprimirem, publicarem e fecharrem ou fixarem os cartéis ou manifestos, ou

qualquer género de escrito ou recado; e aos magistrados ou generais ou quaisquer senhores que o permitirem.

O Aquiles de que se apadrinham estes furiosos é a honra, que entendem se perde ou desdoura, não acudindo ao desafio. Porém é certo, e sôbre certo evidente, que nem o aceitá-lo é fortaleza, nem o recusá-lo pusilanimidade, afronta ou infâmia.

O aceitá-lo não é fortaleza, porque ¿ como pode o pecado ser virtude? *Fortitudinem citra justitiam laudabilem non esse*, disse o imperador Justiniano.

O recusá-lo não é afronta nem infâmia, porque ¿ que afronta ou desdouro da honra pode ser não concorrer para uma fúria contra tôda a humanidade e razão natural, que dêste modo define Baldo os desafios: *Duellum est quædam furia contra omnem humanitatem, et omnem rationem naturalem*; ou não querer ter amizade com o diabo, cuja é esta invenção dos duelos, como disse Santo Agobardo, arcebispo de Leão, condenando a lei antiga gundenbédica (1)?

(1) Código que autorizava o duelo judiciário, assim chamado do rei borgonhês Gundenbad, que o promulgou nos fins do século V. (*lex Gundobada*).

¿ Que afronta pode ser o proceder um homem como homem, e não como fera, ou como louco, ou como demónio? ¿ Que afronta pode ser não querer um católico ficar excomulgado e privado de sepultura eclesiástica, se morrer no conflito?

Os Romanos antigamente se deleitavam tanto nestes espectáculos da monomaquia (1) que houve dia em que se combateram no anfiteatro muitos mil pares de gladiadores, e até mulheres entraram nesta miserável e inumana festa. Antes elas eram as mais porfiosas e emperradas na luta. Porém ¿ que há que admirar, se o príncipe dêste mundo, Lúcifer, tinha então pleno domínio nêle, e obedientes à sua instigação os corações dêstes étnicos? (2) Por onde (3) êles mesmos reconheciam a crueldade dêstes espectáculos. O imperador Honório os abrogou, e Demonas Orador, sabendo que os atenienses queriam introduzir estes jogos na cidade, disse:
— Peço-vos que tal não façais, antes de destruir o altar da deusa Misericórdia!

(1) = combate singular.

(2) = pagãos.

(3) = Por onde = pelo que.

Como quem diz: não concorda o dar culto a esta deusa com o deleitar-se em crueldades. § Como, logo, hão-de aprovar os católicos o mesmo que condenam os gentios? § E como se atreve a praticar os costumes do diabo quem professou no baptismo a lei de Cristo?

Em um caso é lícito e honesto o desafio, que é quando nêle se comuta a guerra dos povos, porque cede em manifesto bem dêles o reduzir-se o perigo e dano a menos cabeças. Tal foi o duelo de David com Golias, e o dos três irmãos Horácios com os três irmãos Curiácios, e o de S. Venceslau, rei de Boémia, com Radislau, duque Curniense, o qual viu que um anjo lhe ministrava a lança.

Nestes desafios, em que Deus é o padrinho e os anjos os pagens da lança, é que se ganha verdadeira honra e glória, porque tôda cede para o mesmo Deus.

(*Nova Floresta*, Honra, fama, opinião.)

XXXI

OS SANTOS NÃO SE MEDEM A PALMOS

COMEÇOU a gloriosa santa Teresa de Jesus a fundar a sua reforma dos Descalços, tendo por coadjutores para esta emprêsa tão árdua sómente ao P.^e Frei António de Herédia e ao P.^e Frei João de la Cruz, que já é beatificado. O primeiro era apessoado, e o segundo de pequena estatura. Pelo que, dizia a santa com a sua costumada graça :

— *Comenzé la Reforma com frayle y médio.*

¿ Que importa que começasse com «frade e meio», se a começou e prosseguiu com um Deus todo? Floresceu (diz a Igreja na sua reza) nesta emprêsa a bênção onipotente do misericordioso Senhor ; pois pôde uma pobre donzela, não só destituída de todos os humanos auxílios, mas ainda impugnada dos príncipes do mundo, edificar trinta e dois mosteiros.

A propósito da breve estatura do P.^e Fr. João de la Cruz, é digno de se notar como Deus N. S., que tudo dispõe com summa ordem, conta e medida, quis que a natureza desfavorecesse com esta mesma falta a muitos varões illustres em sabedoria, dignidade e santidade.

S. Paulo, aquele gigante de santidade que ficava sobreeminente às estrêlas e lhe não fazia bôjo o mundo todo, foi pequenino de corpo, como notou Crisóstomo, e o mesmo nome, na interpretação dalguns, o denota. O mesmo S. João Crisóstomo, que olhava sobranceiro aos imperadores, também era pequeno e nada gentil-homem : refere-o Raderero no *Viridário*. O mesmo diz de S. Gregório Nazianzeno, e alguma cousa pior. Ribadaneira diz a mesma falta do doutor máximo, S. Jerónimo.

Santo Antonino, arcebispo de Florença, por sua pequenez lhe chamaram assim, diminuindo o nome próprio de António ; e foi tal monstro de memória que, de treze anos, sabia de cor o Direito Canónico. O mesmo dizem outros de S. Gregório Turonense, de S. Marculso, S. Constâncio Mançionário e do Beato João de Capistrano.

Bártolo, que na jurisprudência foi de esta-

tura tão agigantada como a fama celebra, na do corpo apenas chegou à medíocre. C. Licínio Calvo, que contendeu com Cícero sobre a primazia da eloquência, era tão baixinho, que uma vez, para ser ouvido, se atrepou a um cepo, por onde Catulo lhe chamou Salicípio.

Galeácio Gonzaga, mais avultado no nome e sobrenome que no corpo, venceu em desafio a Bucicaldo, mariscal de França, de estatura desmarcada; o qual jurou de nunca mais vestir armas. Os padres Luís de Molina e Cornélio A Lápide, bem se sabe quão grandes corifeus foram, um na teologia especulativa, outro na expositiva; e foram de apoucada estatura. O mesmo escreve o P.^e João Eusébio do P.^e João Fernandes Toledano, ambos da Companhia, mas o espírito foi de marca maior; subia-se no exército sobre um tambor para prègar aos soldados.

O mesmo Eusébio diz na *Vida* do P.^e Pedro Espiga, natural de Calher em Serdenha, que foi tão desmedrado de corpo que, de sete anos, ainda se não podia ter em pé; e para entrar na Religião mandaram primeiro a medida da sua estatura a Santo Inácio, que estava em Roma, para que determinasse se se havia de aceitar.

(*Nova Floresta, Confiança em Deus*)

**A LENTIDÃO BUROCRÁTICA
E A «PREGUIÇA» DO BRASIL**

PASSANDO El-Rei D. Sebastião do paço de Xabregas para o mosteiro; chegou uma mulher a apresentar-lhe um memorial. Recebeu-o e entregou-o a um fidalgo dos que o acompanhavam.

Ela, affligida, disse:

— Senhor, corre minha honra perigo na tardança.

Pôs nela os olhos el-rei, com aquele affecto de pai que foi tão próprio de seus antepassados para com os seus vassallos; pediu recado (1) de escrever e ali mesmo despachou o memorial, dizendo:

— Os negócios desta qualidade em tôda a parte devem ter despacho pronto.

(1)=aparelho. Recado de escrever=o aparelho necessário para escrever.

Semelhante presteza em despachar se escreve de Violdo, duque de Lituânia, o qual, até estando à mesa, ouvia os requerimentos, assinava os papéis, recebia as embaixadas. De João Corvino, governador do reino de Hungria, dizem que em qualquer parte, em pé, e sentado, e andando, e a cavalo, sempre ia administrando as obrigações de seu ofício.

O imperador Trajano, de alcunha *O Erva Parietária* (porque em todos os edifícios que fez mandou pôr o seu nome na parede), estando de partida contra os Dacos, ao passar de Roma lhe saíu uma viuva clamando justiça contra os homicidas de um seu filho. E o César, desmontando do cavalo, a ouviu benignamente e satisfez a seus desejos.

Há negócios e ocorrências que se lhes deve acudir, como se tangeram a fogo. ; Que ridículo seria o que, chamado para apagar um incêndio, respondesse mui repousado :

—; Em almoçando, eu vou logo !

Gabeliano foi réu de morte por deter três dias o aviso de uma conjuração que lhe foi delatada ; e fundou-se a sentença em que, em ordem a cautelar o próprio dano, podia cada um ser incrédulo ou animoso; mas, em ordem a salvar o alheio, quem mais teme melhor satisfaz à sua obrigação.

*

* *

Assim como quem dá logo dá duas vezes : *Bis dat qui cito dat*, assim parece que despacha duas vezes quem despacha bem e logo. Despacha um vez, concedendo a mercê; e despacha outra, atalhando passos, cuidados e despesas.

A el-rei D. João II de Portugal chegou um pretendente, pedindo certo officio.

— Já está dado, disse o rei.

E o pretendente lhe rendeu as graças, beijou a mão e despediu-se.

Suspeitou o rei que não percebera a repulsa, e disse:

— Vinde cá : ¿ De que me destes as graças ?

— Pela mercê (respondeu) que V. A. me acaba de fazer.

Tornou o rei:

— ¿ Que mercê vos fiz eu ?

— Senhor (disse últimamente o homem), a de enganar-me, sem me remeter a ministros ; porque nisso me poupou muitos passos, e enfado, e dinheiro, que havia de sembolsar sem proveito.

Nestes danos não reparam os ministros e seus oficiais, retendo as causas e derretendo as partes tanto tempo, que na sua mão parecem estar os papéis não só presos, mas já mortos e sepultados; porque lhes põem uma pedra em cima, que é mais do que dizia o adágio antigo: *De paxillo suspendere* (pendurá-los de um tórno ou cabide) para significar a negligência e descuido nos negócios.

Há causas (se não são das que morreram desesperadas) que podem competir com João dos Tempos, de que dizem que viveu trezentos sessenta e um anos. Se não param de cansadas, pelo menos andam tão devagar que tudo se vai em *Manda, remanda; manda, remanda; expecta, reexpecta; expecta, reexpecta*; e, com êste manda e remanda, se faz eterna a demanda; e, com êste espera e reespera, o pobre, em-fim, desespera.

*

*

*

Dizem que Hábis, filha del-rei Górgon, por haver sido criada nos bosques com leite de uma cervá, saíu ligeiríssima no correr. Estou considerando que leite mamaria uma destas causas ou requerimentos na mão dos

ministros e seus officiaes, que não há remédio a fazê-la correr. § Se beberia o leite da preguiça do Brasil (a quem os Castelhanos chamam por ironia *perrillo ligero*), que gasta dois dias em subir a uma árvore e outros dois em descer?

Mas não é adequado o simil. Porque a preguiça do Brasil anda devagar, mas anda; e a preguiça do Reino e seus ministros, a cada passo pára e dorme. Dois meses para entrar um papel, e parou; outros dois, para subir a consulta, e tornou a parar; outros dois, para descer abaixo, e temo-la outra vez parada. Mais tantos meses para se verem os autos, mais outros tantos para se formar a tenção, mais tantos anos para embargos, apelações, suspensões, dilações, visitas, revistas, réplicas e trélicas... Oh preguiça do Brasil, já eu digo, não por ironia, senão por boa verdade, que tu em comparação da preguiça do Reino és *perrillo ligero* (1).

Diz Plínio que o lavrador que se não encurva sôbre o arado prevarica; isto é, faz os sulcos da terra torcidos: *Arator nisi incurvus prævaricatur*; e, sendo torcidos,

(1) = *cãozinho veloz*.

claro está que hão-de sair mais compridos do que podiam ser, pois a linha recta sempre é a mais breve. Parece-me que daqui procede (pelo não attribuirmos a piores causas) serem tão compridos e prolongados os sulcos, ou caminhos, que faz uma causa na mão de um ministro. São compridos, porque não são rectos; e não são rectos, porque êle não se encurva sôbre a banca, não se inclina sôbre os livros, não se aplica ao seu officio; e isto é o mesmo que prevaricar.

Arator nisi incurvus, prævaricatur. Se aquelle rei que nos motivou com a sua acção êste discurso não pegara logo na pena, e se inclinara a pôr o despacho no memorial, já prevaricava da rectidão do seu officio, e já o sulco daquelle requerimento se torcia e prolongava...

(*Nota Floresta*, Caridade do próximo.)

XXXIII

FALAM OS MUDOS E OS INFANTES

EM uma terra do Brasil, fazendo-se uns jogos em que se corria um pato, houve dúvida entre dois aventureiros, a qual dèles pertencia.

Constituíram árbitro o P.^o José de Anchieta, pela opinião que todos tinham de sua condição afável. Sucedeu estar ali presente um menino mudo de nascença; e o dito v. padre lhe mandou decidisse a contenda. Suspensos todos que sentença daria um menino e que resposta um mudo, falou êste e disse:
— Meu é o pato.

E dali por diante ficou com a língua desimpedida; e, levando o pato, ficou dirimida a competência, com regozijo de todos.

Mandarem os santos falar meninos, mudos por algum natural impedimento ou por sua infantil idade, para se decidir com a sua

resposta alguma dúvida ou questão importante, não é caso raro nas histórias eclesiásticas.

S. Goar, sacerdote natural de Aquitânia, em França, foi viver a Trigózia, que é uma região de Alemanha a alta, junto do rio Rin, na diocese de Tréveris; onde, em uma igreja de S. João Baptista, fazia vida exemplaríssima, orando, prègando, hospedando peregrinos e obrando muitos milagres. Não podia aqui tardar muito a enveja do comum adversário, para que esta, sem êle o pretender, fôsse na mão de Deus o *ventilabro* (1) que mostrou ao mundo como Goar era grão, e não palha. Tinha o bispo de Tréveris, que se chamava Rústico, dois criados na sua família (2) por nome Albiuvino e Adaluvino, homens de juízo atravessado e língua sôlta, os quais desejavam achar no santo matéria de calúnia. E vendo que, por agasalhar caritativamente os hóspedes e peregrinos, comia com êles e antecipava as horas de comer, quizeram inferir daqui, pela depra-

(1) = instrumento de apartar ao ar corrente a palha miúda do grão trilhado na eira.

(2) = famulagem, criadagem.

vada lógica da sua malícia, que as virtudes e milagres de Goar eram falsos, uma vez que se não fundavam em abstinência, conforme o estilo dos mais santos. E logo o declararam ao Bispo, por saberem tinha sítio (1) para semelhantes denúncias, dizendo que competia ao seu ofício castigar e desterrar beatos falsos.

Rústico, obrando conforme o seu nome, tanto que ouviu, creu; e lhes mandou que trouxessem Goar à sua presença. Partem estes, alvoroçados com a nova comissão; chegam à pousada do santo, e lhe dão o recado. Êle os recebeu com a alegria e humanidade costumada; ao outro dia, em que havia de segui-los, manda preparar-lhes almôço; não aceitaram senão provimento para os alforjes, e nesta mesma hora chegou um pobre, e com êste comeu o santo (tendo já rezado e celebrado missa), acção que êles interpretaram por glotoneria. E assim partiram logo diante, para que o bispo tivesse mais cheios os ouvidos quando Goar chegasse. Mas, apertando a calma no meio dia, ordenou Deus que sentissem tanta fome

(1) = disposição.

e sede, que temeram cair mortos. Desviaram-se um pouco da estrada, a buscar uma ribeira, e a acharam totalmente seca. Recorreram aos alforjes, e também disseram (1) que não tinham em seu poder nem uma migalha de pão. Obrigados, pois, da necessidade, se lançaram em terra; e, quando chegou o santo, lha comunicou Albiuvino.

O qual lhe disse:

—Filho, de-veras adverti que Deus é Caridade, e quem obra com caridade está em Deus, e Deus nêle. Os bons officios desta virtude, que ontem e hoje quis exercitar contigo e teu companheiro, attribuiste a vicio; por isso ordenou o Senhor dar-vos esta correccão, para que, castigados, aprendais a conhecer e estimar a Caridade, que é vínculo de perfeição.

Dizendo isto, viu três cervas correndo ao longe, e em nome da Santíssima Trindade, lhes mandou que parassem. Obedeceram logo, até que chegou a elas e as ordenhou; e logo as mandou tornar ao seu caminho que levavam. E voltando ao lugar onde jaziam os dois desmaiados, os refocilou com o leite.

(1) Sujeito do verbo: os alforjes.

Depois que tornaram em seu alento, foram todos à ribeira que estava sêca, e a viram com a mesma afluência que antes tinha; e nos alforjes acharam o provimento que tinham trazido de casa do santo, por cujos merecimentos obrava Deus tão repetidas maravilhas, de que Albiuvino e Adaluvino estavam admirados, temendo que os matasse Deus de repente, por se haverem atrevido a molestar a seu servo, em cuja defesa viam a Onipotência Divina posta em campo.

Chegados, pois, a Tréveris, já sôbre a tarde, o santo visitou primeiro a igreja e encomendou a Deus o bom sucesso da sua vinda, porque lhe dizia o coração que não era chamado com bom intenção. Entretanto os dois familiares referiram ao bispo tudo o que haviam passado. O qual, como tinha mau coração e era indigno da luz do céu, todos aqueles milagres attribuiu a arte mágica e pacto com o demónio, como antigamente fizeram os escribas e fariseus com Cristo, e os tiranos com os mártires; e, com o nome de embustes e feitiçarias, os começou a contar aos clérigos com que estava.

Entrando depois à sua presença S. Goar, desejou achar onde pendurasse a capa, e,

vendo a um canto da casa uma reste (1) do sol, que entrava por uma grêta de um postigo, pareceu-lhe madeiro que atravessava de parede a parede, e sôbre êle largou a capa, e o raio de sol sustentou firmemente, como se fôra um capeiro.

Rústico, que o estava vendo, e tudo construía no seu errado sentido, o chamou a si, e com rosto de indignação e desprezo lhe perguntou:

— ¿ Que homem era êle, que, não tendo excelência alguma de virtudes, pois era um comilão e bebedor, se atrevia a secar rios e mungir cervas, e fazer do sol capeiro ou moço de guarda-roupa?

O servo de Deus deu razão de si, dizendo com tôda a submissão e singeleza:

— Que êle não mungira as cervas com encantamento, senão em nome da Santíssima Trindade; nem imaginara que pendurava a sua capa ao raio do sol, senão em um madeiro; e que a ribeira a fizera ter água, movido da caridade, por socorrer a necessidade de água que seus próximos padeciam; e que, no tocante a comer e beber pela manhã

(1) = réstia.

com os seus hóspedes, sabia Deus que não era por estímulo da gula, senão da condescendência e humanidade com os peregrinos, para mais os alegrar e fazer prontos para ouvirem a palavra de Deus.

Estando o santo dando esta satisfação, entrou um clérigo de câmara, por nome Leobígio, com uma criança nos braços, que era um menino enjeitado de pais incertos, e três noites antes o tinham exposto na pia, que era um mármore redondo e côncavo, onde semelhantes penhores se expunham, conforme o costume daquela cidade; e aparecendo algum rico que se movesse a criar e doutrinar a tal criatura, ia à presença do bispo, com cuja autoridade se lhe confirmava esta entrega.

Nesta ocasião, pois, se ofereceu (1) ser levado a Rústico aquele menino; e êle a reputou por mui oportuna, para acabar de fazer exame das virtudes de Goar, que tão mal assombradas pareciam a seus caliginosos olhos.

— Aqui temos (disse, mui ufano, para os circunstantes) com que provar se as obras dêste santão são de Deus ou de Satanás. Se em Deus se funda, faça falar a esta criança

(1) = aconteceu.

de três dias e declarar-nos expressamente quem são seus pais. . .

Notavelmente afligido e conturbado se viu o santo neste passo.

— ¡ É possível (dizia êle dentro no coração) que o meu prelado sériamente me mande intentar milagres ! Procedi atégòra em boa fé e com simplicidade ; agora hei-de fazer reflexões : ¿ E quem obriga ao Senhor do céu e da terra a deferir a tal petição, maiormente quando a revelação pode envolver prejuízo da honra alheia ? Mas, se não peço e Deus não faz o milagre, dois gravíssimos danos vejo inevitáveis : um, que me hão-de punir por mago com sentença capital ; outro, que todos os fracos se hão-de scandalizar de minhas obras e doutrina. E quanto atégòra lucrei para Deus com sua graça, tanto, com esta sua permissão, desmancha e malogra o demónio. Em-fim, Deus meu, que eu por fôrça hei-de ser santo, e santo grandemente milagroso, sob pena de ser hipócrita, e hipócrita pactário com Belzebu !

Isto meditava o santo, mostrando no rosto as ânsias do coração. E no mesmo tempo Rústico o apertava a sair ao desafio, e todos os circunstantes tinham nêle os olhos applicados com suma expectação. Em-fim Goar,

movido daquele espírito certo, discreto e subtil, que tudo move sem mover-se, estendeu os braços ao céu e orou nesta forma :

— Cristo, Filho de Deus vivo, que pela redenção dos homens te aniquilaste, unindo a ti a forma de escravo : digna-te mostrar com êste teu escravo, ainda que indigno, a tua misericórdia e o poder da tua virtude, na presente necessidade, para que êste prelado e êste povo conheçam que a ti amo, a ti adoro e a ti desejo servir sem fingimento.

Feita esta breve oração, voltou-se animoso para aquele clérigo que tinha nos braços o menino, e perguntou quantas noites tinha de nascido. E respondendo êle que três, disse :

— Beatíssima Trindade, a ti invoco.

E logo, para a criatura :

— Menino, em nome da mesma beatíssima Trindade, eu te conjuro e mando que digas logo claramente os nomes dos pais que te geraram.

¡ Caso estupendo ! No mesmo ponto estendeu o menino a mão, e apontou para o bispo, e disse :

— Êste bispo Rústico, que presente está, é meu pai; e minha mãe se chama Flávia . . .

¿ Quem poderá explicar bem quanta fôsse neste ponto a confusão e vergonha do pobre Rústico? Não é muito que a face lhe ficasse mui vermelha, pois a bofetada era da mão de Deus; e defende êste Senhor aos seus servos pelos mesmos fios que seus inimigos os vexam e atribulam.

Queria infamar, e ficou infame; de um Santo queria fazer um feiticeiro, e viu-se como de pastor estava feito lobo, e, de pessoa sagrada, sacrílega. Tentou a Deus por mão alheia, e Deus o rachaçou a êle por mão própria, deixando-o puxar pela língua que foi testemunha *contra proferentem*.

O inocente exposto deixou exposto o culpado, parece que dedignando-se de que seu pai por natureza lhe confirmasse diferente pai por privilégio. Em má hora foi embicar nos jejuns do próximo quem tão próximo tinha o documento de que não guardava abstinência de carne.

(*Nova Floresta, Competências, emulações*)

XXXIV

UM CONFESSOR ESFOLADO

INDO um Governador confessar-se com o servo de Deus João de Almeida, da Companhia de Jesus, êle o recebeu humanamente, e o confessou a primeira vez; porém, tornando segunda, lhe disse :

— Senhor, eu sou bom para confessor de negros e escravos, e não de príncipes e governadores; peço-lhe humildemente me excuse desta honra.

Êste lance podia ser não sómente de humildade, senão de prudência. Os pilotos de vasos grandes e mui carregados, se há naufrágio por seu descuido, não escapam dos rigores dum cárcere e das mais execuções da justiça, ainda que escapassem das ondas.

¿ Quem não sabe que o officio de confessor é de juiz? E avisa o Ecclesiastes que não queira um ser juiz, se não sente em si virtude poderosa para contrastar iniquida-

des e ter rosto direito contra os dos magnates.

S. Raimundo de Peñafort, desenganado de que não podia, com a fôrça de seus conselhos e repreensões, separar a el-rei de Aragão de uma torpe amizade, deixou o palácio e lançou-se ao mar (que não há neste tão perigosas tormentas como naquele) no seu manto, como em uma segura embarcação; passou desde Malhorca a Barcelona, reputando que maior perigo corria assentado no confessionário de um rei, que nas ondas do Mediterrâneo.

Porque a presente matéria é de gravíssima importância, quero que fique mais fixa, nas memórias daqueles a quem pode aproveitar o desengano, com a relação do seguinte caso, que traz o padre Alexandre Faia, na sua *Suma de Exemplos*: Pediu um fidalgo a um servo de Deus que fôsse seu confessor; e, como o santo varão se escusasse, alegando insuficiência para satisfazer a uma pessoa de tanta qualidade e prendas, não quis o fidalgo admitir a desculpa, porfiando com maior empenho em que não havia de eleger outro confessor.

— Visto isso, disse o servo de Deus, ouça-me V. Senhoria primeiro êste exem-

plo : Certo cavalheiro de vida pouco ajustada à lei de Deus, confessando-se de suas maldades, crueldades e maus tratamentos que fazia contra seu próximo, desculpava muito estes pecados com várias razões, que não eram tôdas verdadeiras ; e o confessor, em vez de o repreender e obrigar a satisfazer pelos ditos agravos, o ajudava a desculpar e absolvía, não podendo, em boa consciência. Morreu êste cavalheiro, e, estando um dia o tal confessor com seu companheiro em uma igreja onde tinham enterado aquele penitente, viu que a pedra da sua sepultura se afastava e que o defunto saía de dentro e caminhava para onde êle estava. Chegou a êle e lhe disse, com voz horrenda :

— «Porque me não disseste a verdade e contempORIZASTE comigo, e por minhas maldades, sou condenado às penas eternas, é justo que, pois foste companheiro da minha culpa, o sejas da minha pena.

«E logo, lançando mão do confessor, o esfolou vivo desde os pés até à cabeça, sem deixar-lhe nem os cabelos dela ; e acrescentou :

— Por êste sinal saberá minha mulher e filhos o estado a que vim a parar.»

Até aqui contou o dito religioso (e não declara a história se êste mau confessor morreu arrependido); e logo, voltando para o fidalgo :

— Senhor (lhe disse), se quereis que vos confesse, olhai que não determino pôr-me aquela carapuça vermelha depois da vossa morte (aludia à cabeça esfolada do outro confessor).

Com isto se saíu o fidalgo, buscando outro padre que o lisonjeasse, temendo que a verdade crua da língua dêste lhe amargasse demasiado.

— Deixá-lo ir (podia êste servo de Deus ficar dizendo), que, se não salvamos a sua pele, salvamos a nossa.

(*Nova Floresta, Humildade*)

HUMILDADE

FALANDO o venerável padre João de Almeida com outro religioso que o não conhecia de rosto (1), murmurou das suas cousas, avaliando algumas acções por imprudentes e loucas, e a seu autor por ignorante e desacertado.

O servo de Deus, ouvindo isto, se lhe lançou aos pés, dizendo, com vivas expressões de seu espírito:

— Ninguêem me conheceu melhor que V. Paternidade. Deus lhe pague haver-me tratado com tão sincera verdade.

Esta acção pouco tempo leva ao escrever-se, e menos ao ler-se; mas para se exercitar na ocasião repentina, com o espírito pronto e sincero, requiere largo exercício de virtudes e de haver passado os outros

(1) Hoje dizemos *de vista*.

bancos da vida espiritual com aproveitamento.

Não é, por certo, esta a humildade que o P.^e Afonso Rodrigues chama de gravato, que é dizer um males de si próprio, para que os ouvintes acudam por êle ou, ao menos, achem já feito o que êles queriam fazer, se os não atalhassem.

Alexandre Magno (segundo refere Plutarco) mandava que os seus soldados, ao entrar em batalha, levassem a barba feita, porque não succedesse que, ficando prisioneiros, o inimigo lha mandasse rapar, cousa então usada e mui injuriosa.

Assim os hipócritas, por império do seu amor próprio, que é o seu Alexandre, a quem obedecem e para quem militam, quando temem que outrem lhes faça a barba por vitupério, êles primeiro a fazem a si mesmos por gentileza; mas esta gentileza só aparece nos olhos dos homens inexpertos ou singelos, que nos dos discretos quanto mais se barbearem por sua mão, mais barbados ficam.

Em sêco e por mão alheia é que a dor é viva e a prova verdadeira.

:

* *

Queixou-se ao meu patriarca S. Filipe Néri uma sua devota, de uma insofrível dor de costas que padecia havia muito tempo. O santo, que já outras vezes a tinha curado de outras enfermidades, mostrando que se agastava, disse:

— ¿ Há tal desafôro? Não havemos de ter que fazer aqui, mais que lidar com os teus achaques?

E juntamente levantou a mão e lhe sacudiu uma pancada sôbre as costas, com que de repente sarou a mulher.

Em muitas cousas se pareceram as mãos dêste glorioso patriarca com as de Deus, de sorte que, assim como o Senhor disse de Sião que a tinha debuxada ou escrita nas suas mãos, assim respectivamente podemos dizer que Filipe tinha nas suas mãos escrita ou debuxada uma semelhança de Deus, ou que com as mãos de Deus se pareciam as de Filipe.

Descendo ao nosso caso: bem era que também a mão de Filipe, descarregando ou ferindo, desse saúde; pois assim disse e

experimentou Job que fazia a mão de Deus: *Percutit, et manus ejus sanabunt*. Muito fácil andava êste varão de Deus em fazer milagres, pois os fazia de pancada, e o remédio pronto se seguia à pancada da significação da necessidade. Como tinha na mão o poder de Deus, ali tinha já também o milagre.

A Santa Catarina de Sena disse Cristo, Senhor nosso, que as mãos foram dadas ao homem para serviço do seu próximo. Bem se logrou nas mãos do santo êste intento, pois em bem do próximo até serventia tinham de desterrar dores às pancadas, tirando-as do modo que outros as causam.

Cassiodoro chamou às mãos faladoras: *loquacissimas manus*, e dos dedos disse que serviam de línguas: *linguosos digitos*, em razão da propriedade e energia com que sabem explicar com acções o que sentimos dentro do coração.

Verdadeiramente não encontrei nas Histórias mais faladoras mãos que as do nosso santo, pois cada acção sua pregoa o esclarecido de suas virtudes e o profundo da sua humildade, pretendendo encobri-las; e dá em que entender e falar a todos os seus historiadores e panegiristas. Não posso eu

ter lugar entre estes; e, assim, em lugar de falar mais destas mãos como panegirista, me despedirei beijando-as como filho. Poderá ser que com êste toque, ainda que só espiritual, obre em mim a maravilha de o ser na imitação, como o sou no nome.

*

* *

Recolhendo-se a dormir o padre Leão Henriques, viu lançado sôbre a cama um fero rafeiro. Logo conheceu ser o demónio; e, sem o temer nem assustar-se, disse:

— Deixa-te estar na cama, que melhor a mereces que eu, porque tu pecaste uma vez e eu muitas.

E, dizendo isto, se deitou debaixo da barra. O demónio, revirando-lhe a ponta da espada da humildade para o ferir com ela mesma, disse:

— ¡Oh, que humilde és, Leão!

Rebateu-a, dizendo:

— Mais soberbo sou que tu.

Então desapareceu o demónio.

Semelhante caso a êste do padre Leão Henriques foi o de S. Francisco de Borja, que,

orando uma vez, e aniquilando-se com suma confusão diante de tôdas as criaturas, ouviu esta voz sensível do demónio:

— Confunde-te também diante de mim.

O santo respondeu, mui depressa:

— Sim, farei; porque tu, por um só peccado de soberba, estás no Inferno; e eu, que tantos tenho cometido contra o Senhor, ainda não ardo nêle.

*

*

*

Levando S. Francisco de Borja debaixo da capa uma panela de carne para um pobre enfermo, encontrou-se com D. Carlos, duque de Gândia, seu filho, que vinha com grande comitiva de criados; e o santo, por triunfar do mundo, descobriu a panela e a pôs à cabeça.

D. Carlos apeou-se; e ajoelhando, disse:

— Dê-me V. Excelência essa ôlha (1), que eu a levarei.

Respondeu, alegre:

— Eu faço o meu officio; fazei vós o vosso: ide-vos com êsses cavalheiros que vos aguardam.

(1) Caldo.

Dizendo-se em presença dêste mesmo santo como havia expellido de um corpo o demónio, corou muito, de envergonhado, e disse:

— Ainda que assim fôsse, ¿que muito que o demónio me fizesse uma vez a vontade, havendo-lha eu feito tantas?!

(*Nova Floresta*, Humildade)

XXXVI

FORMOSURA

VENDO Apeles, célebre pintor, que um de seus discípulos havia pintado a celebre Helena com pouco primor, quanto à formosura, e com muito ornato, quanto à riqueza, disse-lhe :

—Mancebo, ¿ sabeis vós porque a pintastes tão rica ? Porque a não soubestes pintar formosa. . .

O que êste aprendiz fêz neste quadro, para cobrir a falta da arte, fazem muitas com sua pessoa, para cobrir as faltas da natureza : querem remir a sua fealdade à custa do alinhado curioso e do precioso ornato. Porque a Espôsa de Salomão não era assim, disse êste dela ; *Collum tuum sicut monilia*: a vossa garganta é como as gargantilhas. Isto é: muito bem pode escusar o adôrno delas, pois o favor da natureza antecipou (1) a necessidade de formosura emprestada.

(1)=supriu.

Preguntou um ao filósofo Aristóteles por que razão as cousas formosas se amavam. Respondeu :

—Essa pergunta é de cego...

Claro está que o objecto do amor é a bondade; e a formosura não é outra cousa que a flor da bondade, como lhe chamou Marsílio Ficino; e outros lhe chamam a *isca do bem*. Nesta isca, pois, prendem as scintilas do affecto, que estão saltando do coração humano; e, assim, dizer o filósofo : *essa pergunta é de cego*, era o mesmo que dizer-lhe:

—Ou tu careces da vista corporal, ou da do entendimento; porque, ou não vês que a formosura é boa, ou não alcanças que a bondade tem consenso com a nossa vontade, assim como a verdade o tem com o nosso entendimento.

Êste dote da formosura corporal é necessário que o tema muito quem o vê, e que o estime pouco quem o possui. Tema-o muito quem o vê, porque não é outra cousa que um estímulo do apetite, como disse S. Basílio; um doce engôdo e um veneno amável, como disse o Nazianzeno. E estime-o pouco quem o possui, porque, como disse Santo Agostinho, a formosura corporal, ainda que é bem, dado por Deus, por isso a dá tam-

bem aos maus: para que não pareça grande bem aos bons.

Participou das flores, com o agrado risinho, também a brevidade caduca. Por muito primorosa e valente que fizesse a natureza qualquer destas pinturas, uma doença a enche facilmente de borões e nódoas, e a torna tão digna, já de riso, já de lástima, quanto era de admiração e louvor.

Ao mancebo Alcibiades, que por esta prenda o mesmo era ser visto que ser amado, foram seus amigos, dali a poucos anos, perguntar por êle mesmo. Tão depressa e tão disformemente desbotara o tempo o que pintara a natureza...

*

*

*

Creso, rei de Lídia, havendo-se vestido com todos os adornos e galas que lhe pedia a sua vaidade e lhe facilitava a sua opulência, subiu ao trono e disse para o sábio Sólon :

— Viste jamais espectáculo tão formoso ?

Respondeu o sábio :

— Vi, e muito maior: os galos, as araras e os pavões.

Preguntou (1) o rei, esperando que os ventos da lisonja fizessem ondear mais aquelas flâmulas e galhardetes de sua bizzarria ; porém, ainda que a pergunta foi de néscio, a resposta o podia tornar sábio. E é semelhante àquella sentença evangélica em que Cristo disse que a formosura de um lírio do campo vencia de Salomão a maior glória.

Frei Fortunato de Chiaromonte, religioso leigo capuchinho, era de tão rara gentileza, ornada com os retoques da modéstia, que reparando nêle um luterano, se reduziu ao grémio da religião cristã; e, preguntado pela razão que motivara esta sua mudança, dizia :

—Convenceu-me êste argumento : neste homem está Deus quási visívelmente; e não estaria, se êle seguisse religião falsa.

Parece que a formosura nasceu para persuadir, reinar, e avassalar os corações, e apartar de si presunções indignas da sua nobreza; porque ella mesma não é outra cousa que império da forma sôbre a matéria.

Do menino Moisés disse Teofilato que, estando já para o matarem, se riu, e olhou

(1)=fêz aquella pergunta.

com aspecto grato e amigável, e dêste modo livrou na sua beleza a sua vida.

A Arquidemo rei multaram os seus povos por se haver casado com mulher de pouca presença, sentindo que dêste consórcio lhes não nasceriam reis, senão régulos.

Os povos da Gangárida, terra além do Ganges, elegiam para rei o mais formoso; e, tanto que algum nascia e chegava a dois meses, o levavam a juízo, e se era mui feio, o matavam, não se prometendo dêle cousa boa.

Na opinião de Baldo, nascendo dois gémeos, e não se podendo averiguar qual nasceu primeiro, leva o morgado (1) o mais lindo; e nas leis de Draco, duvidando-se qual de muitos agressores na briga foi o matador, presume-se contra o mais feio.

Eis aqui como é favorecida em tudo a causa da formosura; com que no nosso caso a gentileza daquele religioso serviu de dar o impulso ao coração do luterano; e a modéstia, de o levar a boa parte. E ambas serviram de veículo à divina graça, que é só a que converte as almas.

(Nota Floresta, Formosura).

(1)=herda o morgadio.

AS PÉROLAS E OS BICHOS

VIVENDO o glorioso padre S. Domingos em Roma, visitava uma mulher enfêrma, e grande serva de Deus, que vivia recolhida em uma tôrre junto à porta Lateranense. Chamava-se Bona, e concordavam com o seu nome as suas virtudes, especialmente a da sua admirável paciência na enfermidade que padecia, que era ter um horrendo cancro, que lhe comia os peitos, onde a mesma podridão das matérias criava muitos bichos.

Por vê-la S. Domingos tão enfêrma e tão alegre com as tribulações, a costumava visitar e administrar-lhe os sacramentos da confissão e comunhão sagrada. Um dia, depois de lhe haver aplicado estes salutíferos remédios da alma, quis ver tão asquerosa e maligna chaga, e, ainda que com dificuldade, dispôs Deus que o alcançasse, porque lhe tinha inspirado que o pedisse.

Quando Bona se descobriu, e o santo viu o cancro, e os bichos fervendo (1) na chaga, e com isto a alegria da enfôrma com o seu trabalho, e como por êle não cessava de render graças e louvores a Deus, muito se comoveu a compaixão, porêm muito mais de desejo de tirar um daqueles bichinhos e guardá-lo como relíquia.

Porêm Bona, proposta esta segunda petição, não consentiu que o tirasse senão debaixo da promessa que lho havia de tornar a pôr em seu lugar, como ela fazia aos que lhe caíam no chão, porque os estimava muito.

Chegou, pois, o santo, e tirou um bicho; mas, assim como o pôs na palma da mão, se lhe converteu em uma formosíssima pérola. Ficaram admirados, o santo e os frades que o acompanhavam, os quais lhe persuadiam que ficasse com a pérola; porque, não sendo bicho, já não devia restituí-lo. Porêm Bona porfiou tanto que em-fim lha tornaram ao seu primeiro lugar, e logo também a pérola se tornou à sua primeira forma.

Orou então o santo, e lhe fêz o sinal da cruz sôbre os peitos; e ao descer a escada

(1) = *mexendo-se, agitando-se.*

da tôrre, logo tôda a carne cancerada e os bichos, que nela tinham mesa e pousada, lhe caíram em terra: e começou a criar outra nova carne, ficando com saúde perfeita em breve tempo.

Caso maravilhoso, no qual podemos levantar as seguintes considerações:

Primeira: que fica em questão problemática qual concorreu mais para a transformação do bicho em pérola: se a paciência e conformidade do peito de Bona, donde se tirou, se a devoção e castidade da mão de S. Domingos, onde se pôs.

Segunda: que, se lá o santo Job tinha a podridão e bichos por seus pais: *Putredini dixit: pater meus es, mater mea, et soror mea vermibus*, aqui esta santa mulher os tinha por seus filhos, pois como a tais se alegrava de os criar e sustentar a seus peitos, e não consentia que se apartassem dêles.

Terceira: que, se os bichos no peito de uma mulher os torna o amor de Deus em pérolas, as pérolas no peito e garganta de outras o amor do mundo as torna em bichos.

(Nota Floresta, «Caridade do Próximo»).

XXXVIII

ESPERANÇA

SEJAMOS alegres pela esperança, sofridos nas tribulações. Porque quem bem espera bem sofre, e quem levanta o espírito aos bens eternos sabe portar-se bem nas misérias temporais.

¿Sabeis que cousa é a Esperança? Uma engenhosa máquina com que o espírito se guinda desde o mundo para a eternidade; e assim não lhe carrega o pêso dos males que cá em baixo leva, porque tanto furta à aflicção do trabalho que padece, quanto se levanta à contemplação do descanso que espera.

Raiando o sol, absorve-se o orvalho da fria noite; e aparecendo a esperança, enxugam-se as lágrimas do ânimo desconsoado. Por isso Susana pôs no Céu os olhos, quando cheios de lágrimas, porque do Céu esperava o remédio da aflicção presente e a

remuneração de seus castos procedimentos.

Da esmeralda (símbolo da Esperança) escrevem os naturais que tem virtude de desterrar os mêtodos nocturnos e recrear o espírito. E Plínio diz que restaura a vista ofuscada com outro objecto desagradável. Esmeralda dissera eu ser aquella pedra preciosa a que Salomão comparou a Esperança; porque recreia a vista da alma, avocando-a da consideração dos presentes males para a dos bens futuros.

Do peixe asquino diz Santo Ambrósio que, sobrevindo tempestade, se pega fortemente a alguma rocha ou penedo; com que a violência das turbulentas ondas o não pode dali arrancar e envolver entre seus escarcêus altivos e furiosas ressacas. Já que as tribulações são tempestades, e a esperança do eterno é rocha imóvel, abraçe-se a alma com esta rocha e vencerá estas tempestades.

A César, ao embarcar-se, resvalando-lhe o pé, caíu em terra; e, para amover o mau agouro que os seus podiam daqui formar, acudiu com presteza, dizendo:

— *Teneo te: ó Terra mater, teneo te; Pego de ti, ó terra minha mãe, pego de ti, e tomo posse.*

Com mais razão pode, e deve, qualquer fiel, quando cai em algum infortúnio, levantar a esperança, dizendo:

—Pego de ti, ó Céu, pego de ti, oh Jerusalém Celestial, nossa mãe, e tomo posse.

Pegar-se à terra quando nos acontecem trabalhos, é de infiéis e gentios, que não teem que esperar fora dela; pegar-se ao Céu é de Cristãos, que sabem que o padecer é sinal de salvar, e que êste agouro é lícito e louvável. O Apóstolo S. Paulo o louva naqueles fiéis que sofreram com equanimidade a rapina de seus bens temporais, na confiança de que lhes ficavam intactos os eternos.

*

* ° *

Certo mendigo havia que, quando já tinha a sacola cheia de esmolas, dizia:

—Agora sim, que confio.

Esta sacola estaria cheia, mas esta alma estava vazia; ajuntara pão, mas não ajuntara virtudes; enchia o ventre, mas jejuava o espírito.

O verdadeiro cristão, quando mais lhe

falta, mais deve confiar; porque na falta das criaturas é certo o auxílio do Criador; e quem tem consigo a Deus, ¿ que (1) lhe pode faltar?

Não é a esperança em Deus como a esperança no mundo: esta, por sentença divina, traz consigo maldição; aquela, pelo contrário, traz consigo benção: *Beati omnes, qui expectant eum*. Aquela é sonho de acordados; estoutra é realidade certíssima.

Conta-se, por apólogo, que um lavrador achou, uma manhã, os seus bois mui alegres e brincadores.

— Olá! (disse êle), ¿ que teem vocês, que estão contentes?

— Sonhámos (responderam) que esta manhã íamos a uns pastos mui pingues, onde todo o dia andávamos á vontade.

— Pois eu (tornou o lavrador) sonhei que vocês iam lavar-me tantas geiras.

E, dizendo isto, os meteu no timão do arado.

Quem no mundo espera descanso durável, ou verdadeiro, sonha, e brevemente se acha

(1) = ¿ que cousa?

desenganado, trocando-se-lhe os pastos pingues em duríssimo jugo, e o que imaginava gozo e repouso em dor e trabalho. Porém, quem constitui a sua esperança em bens eternos e na consolação e auxílio divino não se engana. Os seus sonhos são verdade de fé, pois as Escrituras afirmam que a tribulação bem levada gera boa prova, e a boa prova legítima esperança, com a qual ninguém fica envergonhado.

Também é eficaz lenitivo dos trabalhos e penalidades o considerar que passam brevemente: *Momentaneum, et leve tribulationis nostræ*, disse S. Paulo, ajuntando sábia-mente o leve da nossa tribulação com o momentâneo dela; porque a brevidade da duração contrapesa o grave da pena: já quando os ombros começam a affigir-se com a carga, a mudança lha tira dêles, que é o que disse Cícero, e mais brevemente S. Bernardo: *Transit hora, transit et pœna*: Passa a hora, e passa também a pena. Quem deu asas ao tempo deu também asas ao trabalho; aquelas penas, voando, levaram consigo estoutras, cessando.

Com isto consolava o capitão Eneas aos seus companheiros, aflitos com os trabalhos

de navegação tão longa; e outro poeta, espanhol, disse discretamente:

*Passan se rios de males
Ya sin puente, ya sin barco;
Mas no ay mal en esta vida,
Que no se le tope vado.*

Livre-nos Deus de rios onde não há ponte, nem barco, nem vau; livre-nos Deus de males onde não há fazer pé, porque a esperança se afoga; e de trabalhos que não teem mais fim que novo princípio, quais são os de um condenado. Os outros, ainda que durem tôda a vida, como a vida passa por momentos, por momentos também vão passando. Esta consideração fazia a mãe de S. Gregório Nazianzeno, e êle por isso a louva: Que nada reputava por grave pena, uma vez que havia de acabar com a vida.

Neste mundo faz Deus dos ímpios vara, com que castiga os justos; mas depois chama os justos para o Reino, e lança a vara no fogo...

(Nova Floresta, «Esperança»).

ÍNDICE

	Pag.
ANTOLOGIA PORTUGUESA	
I — PLANO GERAL	IX
II — MANUEL BERNARDES	XV
TRANSCRIÇÕES DA “NOVA FLORESTA,,”	
I — Desigualdade no casamento	1
II — Pátrias.....	5
III — Amigo “do meu, e não amigo “meu,	9
IV — Grande demanda entre frades e formigas.....	15
V — Velhice.....	23
VI — Eulógio, o “novo rico,	29
VII — Luxo e enfeite nas mulheres....	37
VIII — Historia de São Filemon e Santo Ariano	47
IX — Alfândegas das Almas.....	77
X — Os Portugueses, flagelo de Moi- ros	85
XI — O dragão de Rodes	97
XII — A espada da Lei.....	107
XIII — Necessidade e apetite	109
XIV — O furto do sêlo régio.....	113
XV — A abadia de S. Dionisio	119
XVI — D. João de Castro e o gibão....	125
XVII — Sixto V	127
XVIII — Demónios e ondinas.....	133
XIX — Bailes e bailarinos.....	147
XX — O vinho e o chocolate.....	157

XXI — Mulheres caluniadoras.....	163
XXII — Conversão do tribuno Quirino..	171
XXIII — Exemplos de gratidão nos ani- mais	181
XXIV — Calúnia de imperatriz.....	189
XXV — Maus juizes e bons empenhos..	195
XXVI — Justiça cega	199
XXVII — Inferno e Purgatório.....	203
XXVIII — Homicídios	209
XXIX — Pão e Justiça	215
XXX — Condenação do duelo.....	219
XXXI — Os santos não se medem a pal- mos	225
XXXII — A lentidão burocrática e a “pre- guiça,, do Brasil	229
XXXIII — Falam os mudos e os infantes..	235
XXXIV — Um confessor esfolado	245
XXXV — Humildade	249
XXXVI — Formosura	257
XXXVII — As pérolas e os bichos	263
XXXVIII — Esperança	267





172646

LPor

Author Bernardes, Manoel

B5226n

Author

Title Nova Floresta, vol.1. (Ed.2.)

Title

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
Under Pat. "Ref. Index File"
Made by LIBRARY BUREAU

